

# GIAN DANTON

## A ÁRVORE DAS IDEIAS



Gian Danton

# A ÁRVORE DAS IDEIAS

Memórias de um roteirista de quadrinhos



Marca de Fantasia  
Parahyba, 2024

# A ÁRVORE DAS IDEIAS

Memórias de um roteirista de quadrinhos

Gian Danton

Série Quiosque, 71

2024, 185p

ISBN 978-85-7999-113-4



## MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A  
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033  
marcadefantasia@gmail.com  
<https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães

Capa: ilustração de Bené Nascimento; composição e cor: JJ Marreiro

### Conselho editorial

Adriano de León - UFPB	Marcelo Bolshaw - UFRN
Alberto Pessoa - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Edgar Franco - UFG	Marina Magalhães - UFAM
Edgard Guimarães - ITA/SP	Nilton Milanez - UESB
Gazy Andraus - FAV-UFG	Paulo Ramos - UNIFESP
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
José Domingos - UEPB	Waldomiro Vergueiro - USP

Em conformidade com o artigo 46 da Lei Nº. 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, todas as obras artísticas presentes neste livro são reproduzidas exclusivamente para fins de estudo, com a devida menção da autoria e da origem das obras e sem qualquer intuito comercial, sendo sua propriedade garantida às autoras/es e/ou entidades detentoras de direitos autorais. Desse modo, é vedada a reprodução integral ou parcial dessas obras com fins comerciais.

## Agradecimentos

Agradeço a Elizabeth Nunes Magno, minha eterna revisora.

Agradeço a Henrique Magalhães, sem o qual este livro não existiria.

Agradeço ao compadre Bené Nascimento pela capa.

Agradeço a JJ Marreiro e Antonio Eder pelas HQs.

# Sumário

6	Prefácio. Edgar Franco
10	Capítulo 1. Infância
22	Capítulo 2. Encantarias
51	Capítulo 3. Margem Negra
93	Capítulo 4. O curso de quadrinhos e o Ponto de Fuga
112	Capítulo 5. Na terra dos pinhões
140	Capítulo 6. Na academia
163	Capítulo 7. Romances
174	Capítulo 8. Aspas Norte
184	Palavras finais



## Gian Danton: O grande mestre brasileiro dos roteiros de quadrinhos e muito mais!

Por Ciberpajé

Conheci Gian Danton pessoalmente em 1997, durante o evento 20º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 97), em Santos, no litoral paulista. No entanto, já conhecia seus quadrinhos inteligentes e sagazes publicados na revista de terror Calafrio da Editora D-Arte, capitaneada pelo saudoso mestre Rodolfo Zalla, parcerias dele com o notório Bené Nascimento. Também já estabelecia contato via correspondência com ele – que como eu – era um prolífico criador de quadrinhos na cena em ebulição dos fanzines brasileiros, o chamado FANDOM! E Gian já era um roteirista premiado, tendo ganhado o Prêmio Araxá em 1991.

À época de nosso primeiro encontro ele já realizava sua pioneira e iconoclasta pesquisa de mestrado na Universidade Metodista de São Paulo investigando a “Teoria do Caos” nos quadrinhos de Watchman, de Alan Moore. Fiquei muito impressionado com a riqueza e densidade dessa pesquisa de Gian e com o entusiasmo que ela falava sobre ela. Desde aquele momento ele tornou-se uma das inspirações para que eu seguisse com o meu sonho de realizar uma carreira acadêmica nos quadrinhos.

Ao longo desses quase 30 anos de amizade, segui tendo um contato direto com o quadrinhista e pesquisador, acompanhando sempre com entusiasmo o lançamento de seus quadrinhos e livros. O caráter de quadrinhista-pesquisador de Danton estabeleceu também um dos perfis pioneiros com essas características no Brasil, o de um pesquisador acadêmico que também é reconhecido por sua obra quadrinhística. Gian sempre foi um defensor do papel fundamental do roteiro nas histórias em quadrinhos, reivindicando a importância dos roteiristas, muitas vezes colocados em segundo plano em detrimento de uma louvação dos desenhistas.

Como roteirista de quadrinhos Gian Danton realizou obras emblemáticas como a revista Manticore, sobre a mítica criatura da criptobiologia – o Chupa-Cabra – que ganhou os prêmios mais importantes dos quadrinhos brasileiros, o Troféu Angelo Agostini e o HQmix. Foi parceiro do mestre Eugenio Colonesse, e de outros grandes nomes do quadrinho nacional como Antônio Éder, José Aguiar, Luciano Lagares, Jean Okada, JJ Marreiro, entre outros. Foi um dos idealizadores do notório herói O Galha, criação que os autores disseram tratar-se de uma homenagem a um obscuro personagem curitibano, o Capitão Galha, criado por Francisco Iwerten na década de 1940. Esse suposto criador do super-herói homenageado, chegou a ser premiado no Troféu Angelo Agostini de 2006 na categoria Mestre do Quadrinho Nacional. No ano de 2015, Gian e os demais quadrinistas envolvidos na criação do Galha declararam que a história do Capitão Galha era falsa e foi criada para promover o seu personagem. Diante da revelação da inexistência de Iwerten, a Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo (AQC-ESP), responsável pelo Troféu Angelo Agostini, retirou a premiação do suposto quadrinhista.

Essa história, já lendária no contexto dos quadrinhos brasileiros, teve como um de seus principais mentores intelectuais, Gian Dan-

ton, mostrando a sagacidade e inventividade desse grande nome do quadrinho brasileiro. Inclusive, esse episódio, foi um dos motivos de meu reencontro presencial com Danton e do estabelecimento de uma relação de amizade ainda mais próxima, pois com o objetivo de estudar o fenômeno da hiper-realidade na arte, ele foi admitido no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, e tive a honra e a alegria de ser o orientador de sua tese de doutorado inovadora e pioneira que veio a ser publicada posteriormente como livro, em 2019, pela editora Marca de Fantasia, com o título Hiper-realidade e simulacro nos quadrinhos: a fantástica história de Francisco Iwerten.

Dentre as grandes parcerias quadrinhísticas que realizei em minha vida, considero uma das mais especiais, a história em quadrinhos curta “A Caverna”, publicada no álbum em quadrinhos Duetos Essenciais, da Editora Marca de Fantasia. Nessa HQ, inspirada no Mito da Caverna de Platão, tive a oportunidade de quadrinhizar o roteiro escrito por Gian Danton.

Gian também é um notório professor e pesquisador brasileiro, conhecido nacionalmente por sua contribuição inestimável para os estudos dos roteiros nas histórias em quadrinhos, sendo o autor de 3 dos livros mais importantes sobre o assunto escritos no país. Ele optou por estabelecer sua carreira acadêmica no estado do Amapá, em Macapá, na Universidade Federal do Amapá, mostrando que atualmente no Brasil essa concepção de “centro e periferia” culturais e intelectuais está em completo processo de esfacelamento. E, para além de sua contribuição nacional, Danton é também muito reconhecido em seu estado e na região norte, sendo um imortal da Academia Amapaense de Letras e tendo um de seus romances literários, chamado Cabanagem – ele também atua como escritor – servido de inspiração para o “Boi Caprichoso” que foi vitorioso na tradicional festa folclórica de Parintins, no estado do Amazonas, em 2024.



Essa autobiografia necessária é um testemunho da vida e da obra singulares de Gian Danton, a partir de seu sensível olhar, e reitera que estamos diante de um dos nomes fundamentais da cultura brasileira na contemporaneidade.

---

O Ciberpajé é Edgar Franco, artista transmídia com premiações nacionais nas áreas de quadrinhos, artes visuais, arte e tecnologia, e ficção científica, incluindo o Prêmio Argos de Literatura Fantástica (2021), e o Troféu Angelo Agostini de Mestre do Quadrinho Nacional (2022). Criador do universo ficcional da Aurora Pós-Humana, é um dos pioneiros brasileiros do gênero poético-filosófico de quadrinhos. Pós-doutor em Arte, Quadrinhos e Performance pela UNESP, Pós-Doutor em Arte e Tecnociência pela UnB, Doutor em Artes pela USP, Mestre em Multimeios pela UNICAMP, Arquiteto e Urbanista pela UnB. Professor Titular da UFG e do Programa de Mestrado e Doutorado em Arte e Cultura Visual (PPGACV/UFG), em Goiânia. Desde 2011 coordena o Grupo de Pesquisa CRIA\_CIBER na Faculdade de Artes Visuais da UFG. Sua obra artística transmídia tem sido estudada por pesquisadores do Brasil e do exterior de múltiplas áreas, tendo gerado 5 livros dedicados a ela e inúmeros artigos científicos.

## Capítulo I

# Infância

### Filho de mãe solteira

**E**u nasci em Lavras, sul de Minas Gerais, no ano de 1971. Era filho de mãe solteira. Isso em uma época em que ser mãe solteira era um dos maiores pecados que existiam. Minha mãe conta que as ex-amigas mudavam de calçada quando a viam para não se encontrarem com a “amiga que tinha engravidado”. Na época, um homem poderia simplesmente não assumir o filho, sem qualquer consequência, e foi isso que meu pai fez. Eu só o conheci, por insistência da minha esposa, quando eu já tinha 24 anos, e descobri que era um bêbado, que bebia todos os dias.

Meu avô, homem de família tradicional, não aceitava ter uma filha mãe solteira, tanto que na época do parto, minha mãe teve que ir para a casa do meu bisavô. Ela só voltou para casa por insistência da minha avó, que era de fato quem mandava na família.

A família era completada pela minha tia-madrinha, que já tinha casado e morava em uma casa separada, de um tio que havia ido para Belém (na época considerado um fim do mundo) e mal dava notícias e de um tio que morava conosco e não trabalhava. Eu lembro perfeitamente de alguns dias que não havia dinheiro para comprar comida porque meu tio havia roubado o dinheiro do almoço para comprar cigarros. Minha mãe, que sustentava a casa, junto com minha avó, reclamava, claro, e, como não podia se vingar na pessoa que estava

reclamando, vingava-se em mim. Eu logo aprendi que se minha avó saísse de casa, eu deveria sair junto, ou apanhava com toalha molhada (só fui entender porque isso acontecia muitos anos depois).

Uma de minhas lembranças mais antigas que tenho era de eu, com uns quatro anos ou menos, indo buscar meu avô no bar. Minha avó quase nunca saía de casa (hoje em dia, chego à conclusão de que isso era algum indício de algum transtorno, como o autismo), assim quem tinha que buscar meu avô no bar era eu. Fico imaginando a imagem cômica de uma criança puxando um homem pelas ruas. Essa é uma das lembranças mais antigas e nítidas que tenho: eu puxando ele pela mão e ele reclamando: “Bobo! Bobo!”.

Sim, ele já naquela época mostrava sinais de algum problema mental, como demência ou alzheimer, e morreria pouco depois. Esse foi meu primeiro contato com a morte. Lembro que estava na sala, assistindo televisão, quando minha mãe saiu do quarto, chorando. Eu perguntei, na maior calma:

- O vô morreu?

A família inteira se mobilizou para me levar para a casa da minha tia-madrinha durante o funeral e enterro, aparentemente para que eu não ficasse traumatizado, mas para mim aquilo parecia a coisa mais normal do mundo, numa antecipação das convicções zen budistas que eu iria conhecer tempos depois. Ou talvez eu tenha me aproximado do zen budismo justamente porque, desde criança, sempre considerei que a morte é algo natural, parte inevitável da vida.

Entre um pai bêbado que abandonou minha mãe, um avô com problemas mentais e um tio que roubava dinheiro da comida para comprar cigarros, a verdade é que eu não tinha nenhuma boa referência masculina. A primeira figura paterna que encontrei foi o professor Isaac Epstein, meu orientador de mestrado, que eu chamava de O velho sábio. Amigo dos poetas concretistas, Epstein foi um dos introdutores da cibernética no Brasil. Nos horários de almoço eu fazia

questão de sentar ao lado dele e bombardeá-lo de perguntas. Normalmente aprendia mais nesses momentos do que de fato nas aulas.



Provavelmente a minha primeira foto,  
no colo de minha mãe

## Guerreiras

Se as figuras paternas eram todas negativas na minha infância, as figuras maternas eram admiráveis.

Minha mãe era uma guerreira.

Eu devia ter uns três anos de idade quando minha mãe foi para São Paulo trabalhar, já que a cidade em que nasci, Lavras, não apresentava oportunidades. Foi com o dinheiro da passagem e do aluguel de uma cama em uma pensão. Não conhecia ninguém em São Paulo, mas conseguiu emprego.

Na pensão ela foi acordada durante a noite por uma mulher que exigia que ela fosse para outro local. De fato, a dona da pensão havia

alugado para minha mãe a cama de outra mulher. As duas, no final, acabaram virando amigas e foi essa colega que apresentou à minha mãe o cigarro, uma estratégia para evitar a fome naquele primeiro mês antes do salário – um aspecto negativo de sua ida para Sampa, já que ela fumaria durante anos.

Minha mãe logo aprendeu a mexer em uma máquina que emitia notas fiscais, uma novidade na época, e isso lhe garantiu diversas ofertas de trabalho em uma função que hoje em dia seria exercida por um contador. Logo ela estava em dois empregos, ganhando em cada um o dobro do que ganhava no seu primeiro emprego em São Paulo, como vendedora. Até hoje me admiro da coragem dela de sair de uma cidadezinha do interior de Minas Gerais e ir para a maior metrópole do país sem conhecer ninguém.

Já a minha avó, era uma pessoa surpreendente e certamente uma das pessoas que mais me influenciaram. Embora tivesse apenas até a quarta série primária, escrevia muito bem e lia de forma voraz sempre que podia. Foi a única pessoa que já conheci que leu a Bíblia três vezes, de cabo a rabo. Ela tinha uma edição belíssima, repleta de notas de rodapé explicativas sobre aspectos históricos da época e ela lia tudo, o texto e as notas de rodapé. E não lia aleatoriamente. Lia um pouco, marcava, e voltava no dia seguinte para o mesmo ponto. Anos depois, quando trabalhava como jornalista na Folha de Londrina, eu levava para ela o jornal todo os dias – e ela lia tudo, até os classificados, para meu espanto. Afinal, até eu que trabalhava lá não lia tudo.

Minha avó tinha uma forma de ensinar grandes lições de maneira singela, às vezes com uma única frase. Uma delas: coma primeiro o jiló. Explico: todos os dias havia algum tipo de verdura na comida e os dois prediletos de minha avó eram abóbora e jiló. Como toda criança, eu, claro, odiava jiló. E ela aconselhava: “coma primeiro o jiló, o que vier depois ficará mais gostoso”. Era uma lição: faça primeiro a obrigação e depois ficará liberado para a diversão.

Uma lição contra a procrastinação que levei para a vida. Na época do doutorado, eu fazia todos os trabalhos no início do semestre e ficava liberado. Nas últimas semanas, eu estava indo no cinema enquanto os colegas estavam atolados em trabalhos. Essa organização nas atividades já me colocou até mesmo em uma saia justa. Eu estava lançando meu livro *Como escrever quadrinhos*, durante as Jornadas Internacionais na USP. Alguém me perguntou por que eu escrevera aquele livro. Minha resposta foi de uma sinceridade típica de um autista: “Eu estou fazendo doutorado e sobrou tempo, resolvi escrever um livro”. A plateia inteira se entreolhou. Meu orientador, o grande Edgar Franco, que estava ao meu lado, teve que pegar o microfone e explicar que de todos os orientados dele eu era o que estava mais adiantado na confecção da tese, que eu escrevia muito rápido, que fazia os trabalhos antes de todos etc.



Eu, minha avó e uma prima. Como minha mãe foi para São Paulo ganhar a vida, eu acabei sendo criado pela avó

## Mineirices

Minha avó, aliás, era uma mineira típica, inclusive em termos de filosofia de vida.

Enquanto entrevistava Claudio Seto para meu livro sobre a Grafipar, comentei com ele que a cultura mineira era muito semelhante à nipônica, em especial o excesso de gentileza e a dívida de honra.

No Japão, o excesso de gentileza podia chegar a extremos, como do rei que morreu e deixou dois herdeiros ao trono. Mas cada um queria que o outro assumisse como rei. A solução para o impasse foi um deles se matar, deixando o caminho aberto para o irmão assumir.

A dívida de honra pode se revelar até nos menores gestos. A pesquisadora Sônia Luyten, que fez o doutorado no Japão, me contou que logo que chegou lá, um dia recebeu uma encomenda para uma vizinha que estava trabalhando na hora em que passou o carteiro. Quando a vizinha chegou, ela entregou a encomenda e achou que o caso terminara aí. Mas no dia seguinte, a vizinha lhe levou um presente como agradecimento pela gentileza.

Alguém avisou a Sônia:

- Agora é você que está em dívida com ela e deve dar um presente.

E as duas foram trocando presentes, de valor cada vez menor, até que em algum ponto a dívida foi considerada zerada.

Mas é claro que um bom mineiro só aceita um favor, ou um presente de alguém que seja de confiança, pois ficar em dívida com alguém não confiável pode se revelar uma armadilha. Imagine, por exemplo, ficar em dívida com alguém que depois irá lhe pedir para fazer algo ilegal ou antiético?

Minha avó era uma costureira afamada, conhecida por onde passava por conseguir fazer o que as outras costureiras não conseguiam. Por isso, só costurava para pessoas importantes, como a esposa do

prefeito, as esposas dos vereadores. Mas, quando costurava para amigas, recusava-se a aceitar pagamento. Era aquilo que Seto chamava de excesso de gentileza.

Certa vez, ela recebeu uma encomenda de um vestido de uma amiga. Fez o vestido e, como sempre, recusou o pagamento.

Antes de levar o vestido, a vizinha perguntou:

- E a minha tesoura?

- Como assim, que tesoura?

- Quando trouxe o tecido, trouxe também uma tesoura nova. Cadê a tesoura?

Minha avó insistiu que não tinha visto tesoura nenhuma e nem precisava, pois tinha tesoura em casa. E a outra insistindo:

- Cadê a tesoura?

Resumo da ópera: minha avó foi até a loja, comprou uma tesoura nova e levou para a vizinha, ainda na embalagem. Preferiu ficar no prejuízo a ser chamada de ladra. “Pobre não tem nada, meu filho, só tem a própria honra”, me dizia ela.

No dia seguinte a vizinha achou a tal tesoura e veio devolver a que recebera. Minha avó recusou. Deixou a vizinha com as duas tesouras. Mas também nunca mais falou com ela e terminou a amizade com um “Nunca mais volte aqui”. Ela afinal, não podia ser amiga de alguém que achava que ela era uma ladra, que desconfiava de sua honestidade. Como ela sempre dizia: “Pobre não tem nada, meu filho, só tem a própria honra”.

Anos depois, quando trabalhava no Centur, onde ajudei a montar a primeira Gibiteca de Belém, coloquei para vender alguns dos meus fanzines em uma loja próxima. Para promovê-los, fiz alguns cartazes e coloquei nos quadros de aviso. Nós tínhamos direito a xerox, mas essas paguei do próprio bolso, afinal, era algo pessoal e não tinha nada a ver com o meu serviço. No dia seguinte, fui chamado pela diretora da biblioteca que me recebeu com cara de bronca. Achei que era por ter



colocado os cartazes nos quadros de aviso, mas a acusação era outra: a de que eu tinha usado a cota de xerox da Gibiteca. Pedi para chamar a pessoa responsável pela xerox, que confirmou a minha versão de que eu pagara do próprio bolso. Mesmo com o pedido de desculpas, pedi demissão. Eu já estava pensando em ir para Curitiba, para onde minha família tinha se mudado e essa foi a gota d'água. “Pobre não tem nada, meu filho, só tem a própria honra”, dizia minha avó.

## Quadrinhos

Embora nossa casa tivesse alguns livros infantis, que minha avó lia para mim antes de dormir, não lembro de nenhum quadrinho em casa, pelo menos nos primeiros anos, ainda em Lavras. Quando nos mudamos para Mococa, no interior de São Paulo, em 1979, a cada visita de minha mãe, ela trazia uma quantidade enorme de quadrinhos, em especial *Turma da Mônica* e Disney. Eu adorava *Turma da Mônica* a ponto de criar versões dos personagens. Lembro perfeitamente de uma cópia do Anjinho com outro nome. Como ficara muito impressionado com a edição comemorativa do número 100 do *Cebolinha*, a primeira revista desse meu personagem, feita a mão com folhas de papel dobradas, não era a número 1, mas a número 100. O meu anjinho já estreou na centésima edição.

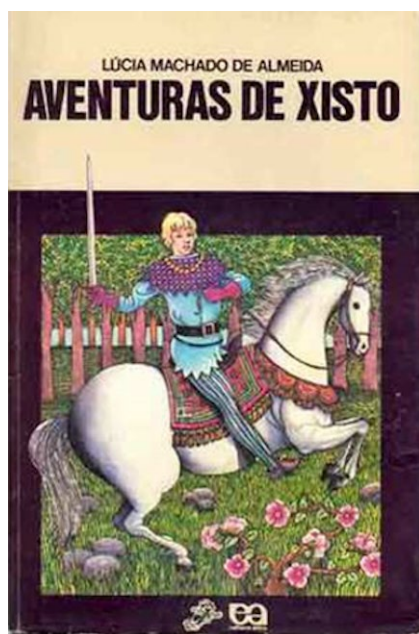
Anos depois eu descobri que não era minha mãe que comprava as revistas. Era um senhor que trabalhava com minha mãe na empresa Françatex. A verdade é que ele era fã de quadrinhos, mas tinha vergonha de comprar porque na época gibis eram considerados coisa de criança. Assim, ele comprava com a desculpa de que estava comprando para o “filho de Amélia”. Claro que, antes de entregar para minha mãe, ele lia escondido.

A única revista que ele comprava e não mandava era a *MAD*, que ele considerava inapropriada para uma criança. Anos depois, já em Belém,

eu comprei uma revista *MAD* em sebo e virei fã. Lembro de mim no ônibus, dando risadas sob olhares reprovadores dos outros passageiros.

Já nos anos 2000, quando a revista *MAD* voltou pela Panini, eu mandei um e-mail para o editor Raphael Fernandes perguntando se ele aceitava roteiros. “Você é conhecido por escrever terror, consegue escrever humor?”, perguntou, descrente, o editor. Para me testar, passou uma tarefa: fazer uma sátira do BBB. O roteiro não só foi aceito como ainda ganhou elogios na Panini brasileira, até de um diretor que odiava a *MAD*.

Eu colaborei com a *MAD* durante um ano. Nesse tempo, tentei achar meu benfeitor, aquele que me mandava revistas quando eu era criança. Queria dar a ele um exemplar autografado da revista com roteiro meu como agradecimento. Infelizmente, minha mãe não tinha mais o contato dele e não conseguimos achá-lo nas redes sociais.



As aventuras de Xisto foi o livro que fez com que eu me encantasse pela literatura de fantasia

Ainda em Mococa tive contato com o livro que seria em grande parte responsável por minha introdução na literatura de fantasia: *As aventuras de Xisto*, de Lúcia Machado de Almeida. Era uma leitura de escola, então comprar o mesmo era obrigatório. É importante lembrar que eu vinha de uma família pobre e não havia dinheiro para nada que não fosse essencial, razão pela qual não se comprava livros. Eu lia os quadrinhos que o amigo da minha mãe mandava, mas não era o suficiente. Tinha tanta ânsia por leitura que ficava lendo as caixas de sapato guardadas em cima do guarda-roupa.

Mas uma leitura obrigatória era outra história. O jeito era arranjar um dinheirinho e comprar.

No mesmo dia em que recebi o livro (ou talvez eu mesmo tenha ido comprá-lo, já que minha avó não saía de casa), li de uma sentada.

Na semana seguinte, a professora tinha marcado para começar a leitura em sala de aula, mas a pessoa que ia ler o primeiro capítulo não tinha sequer aberto o livro e não se sentia preparada. A professora, desolada, perguntou se alguém já tinha começado a ler o livro.

Levantei a mão.

- Você já começou a ler o livro?

- Já li inteiro! – respondi, empolgado.

- Já leu inteiro? – perguntou ela, com um olhar incrédulo.

- Já li duas vezes!

Até o dia da prova, eu já tinha lido tantas vezes que havia decorado não só o texto, mas até a diagramação. Os colegas me testavam lendo um trecho da obra e eu dizia em qual página estava.

Embora tenha escrito muita coisa de terror e ficção científica, *As aventuras de Xisto* é a razão pela qual tenho um carinho especial pela fantasia.

Foi em Mococa que tive o primeiro contato com um quadrinho Marvel. Um dia, voltando da escola, vi um grupo de garotos amon-toados ao redor de uma vitrine de uma mercearia. Fui literalmente abrindo espaço para descobrir o que estavam vendo.



A primeira revista Marvel que vi gerou um grande fascínio

Quando finalmente consegui vencer o mar de gente, fiquei pasmo. Era uma revista em quadrinhos.

Mas não se parecia com nada que tivesse visto até então. Para começar, que tipo de herói era aquele? Motoqueiro Fantasma? Com um rosto de caveira? Não parecia nada com os heróis que eu conhecia – em especial não parecia nada com os heróis da DC que estreavam o desenho Superamigos, muito popular na época. Além disso, a moto parecia avançar para além da capa vindo em nossa direção. Os policiais atirando simbolizavam que ele fugia da lei, mas o demônio ao fundo, emitindo seus raios contra ele conotavam que ele era perseguido também pelas forças do mal. Aquela capa reunia em uma única imagem toda a complexidade dos quadrinhos Marvel e prometia uma aventura realmente empolgante. Para completar, num pequeno quadro, um close de Thor, um herói que eu conhecia dos desenhos desanimados da década de 60.

Ninguém tinha dinheiro para comprar – e o dono da mercearia não deu ouvidos aos apelos para tirar a revista da vitrine e nos mos-

trar. Assim, a publicação ficou lá, envidraçada, uma promessa inalcançável de aventuras incríveis.

Nunca nem mesmo abri ou folhee a revista, mas a capa ficou para sempre em minha memória e imaginação – e certamente contribuiu para que eu reconhecesse aquele sentimento quando li pela primeira vez uma revista Marvel Abril, anos depois.

Nesse meio tempo, minha mãe havia conseguido um emprego de contadora em uma usina de cana de açúcar em Mococa e finalmente estávamos morando juntos. Ela conhecera e se casara com meu padrasto e eles se mudaram por algum tempo para Curitiba. Lá, ele trabalhava em uma fábrica de sandálias e, para complementar a renda, vendia livros. Eram coleções de livrinhos no formato A5 com temas como “Enciclopédia sexual” ou “Primeiros socorros”. A curiosidade aí é que os livros eram publicados pela editora Grafipar, que, na mesma época, estava fazendo história, inundando de quadrinhos nacionais as bancas de revistas. Muitos anos depois eu escreveria um livro sobre a Grafipar.

## Capítulo 2

# Encantarias

## Belém

No ano de 1983 a minha família mudou quase toda para Belém. Lembro que os conhecidos se despediam de nós como se estivéssemos indo para outro mundo.

A razão dessa mudança tão radical era aquele tio que quase não dava notícias. No início da década de 1970, ele e um amigo resolveram tentar a sorte no Norte do Brasil. Foram de carona com caminhoneiros. Dormiam nos postos de gasolina da beira da estrada. Já no Pará, estavam de conversa com os caminhoneiros quando um deles disse:

- Vamos entrar, que os carapanãs já vão atacar.

Pronto. Os dois passaram a noite acordados, assustados com qualquer barulho. Não sabiam que, na verdade, carapanã é como se chama pernilongo na região Norte.

Já em Belém, meu tio conseguiu emprego como carreteiro em uma empresa de transportes, a Citrama (Cimentos, transportes e máquinas). Foi tão bem sucedido que estabeleceu uma tradição na família, a de duas profissões: carreteiro ou professor. Até muito recentemente, todo mundo estava em uma ou outra profissão.

Com o tempo, ele conseguiu juntar dinheiro para comprar sua própria carreta e foi pedir demissão. O dono não aceitou. Meu tio era um funcionário exemplar e criativo. Chegou a inventar até o meca-

nismo para trocar os pneus de carretas, mecanismo que outra pessoa viu e patenteou. Para segurá-lo na empresa, o dono lhe ofereceu sociedade em troca do dinheiro que ele havia economizado. Era um sócio minoritário, mas depois, quando abriu sua própria empresa, ela se tornou maior que a original.

Então, agora nós tínhamos um parente empresário e um convite: se a família fosse para Belém, ele conseguiria empregos. Claro que isso valia apenas para os homens. Minha mãe, assim que chegou em Belém, nunca mais trabalhou. Afinal, segundo meu tio, mulher direita não trabalha, só cuida dos filhos. Meu padrasto, convenientemente, não reclamou. E assim minha mãe, até então uma mulher independente, que fora para São Paulo e conseguira empregos qualificados, de repente se tornou financeiramente dependente do cônjuge. Ela só voltaria a trabalhar muito tempo depois, quando já estavam morando em Curitiba.

Confesso que adorei Belém. Era apaixonado pelas comidas e queria experimentar de tudo.

As festas juninas na escola eram uma maravilha. Em Mococa a festa junina tinha milho, bolo de milho e canjica. Em Belém a variedade era imensa: vatapá, tacacá, sucos da região. O que eu conhecia como canjica, em Belém era mingau de milho e era feito com coco e não com amendoim. Talvez porque eu fosse um queridinho das professoras, ou simplesmente por orgulho da própria culinária, elas faziam questão de me oferecer pratos, mesmo quando eu não tinha dinheiro para pagar.

Essa festa gastronômica cobrou seu preço. Fui para no hospital duas vezes. Uma por ter comido muita pupunha e outra por ter tomado muito suco de cupuaçu. Eu realmente tinha exagerado, tanto que hoje em dia essas são as poucas comidas do Norte que não como.

Nessa época havia uma amiga da família que fazia questão de nos receber em sua casa e preparava verdadeiros banquetes. Duran-

te muito tempo eu achei que suco de muruci se comia com colher, como açaí, porque a primeira vez que bebi, ele estava tão denso que não parecia um suco. Além disso, foi servido em um prato.

Olhando em retrospecto, foi também em Belém que tive a primeira indicação de autismo. Minha família foi em um clube e estava havendo uma festa em um galpão. Eles me deixaram lá para que eu me enturmasse. Horas depois, quando foram me buscar, a decepção: eu estava do lado de fora, lendo um gibi.



*Superaventuras Marvel 4* foi lida em uma fila de banco e iria mudar a minha vida

## Lendo quadrinhos na fila do banco

Se a primeira revista Marvel que vi foi em Mococa, a primeira que li de fato foi em Belém. Na época, as contas eram pagas em bancos em filas que duravam muito tempo, e eu era sempre escalado para enfrentar essas horas de espera. Em uma dessas vezes, alguém levou uma revista para ler e emprestara para a pessoa do lado, que emprestou para a pessoa do lado, até que chegou em mim. Fascinado,



eu só devolvi quando terminei de ler a última história. A revista era *Superaventuras Marvel 4*.

Até então, tudo que eu conhecia de super-heróis eram os desenhos dos superamigos. Mas aquilo era algo completamente diferente.

A capa era uma colagem, feita pelos artistas da Abril com um desenho em destaque de Luke Cage e dois boxes com o Demolidor (num estilo que não lembrava nada Frank Miller) e Conan (num traço que lembrava remotamente John Buscema). O verdadeiro impacto estava no miolo. A revista reunia quatro histórias, uma de Luke Cage, uma do Demolidor, uma do Dr. Estranho e, fechando, uma de Conan.

Luke Cage me chamou atenção por ser um herói nada convencional. Afinal, ele cobrava por seus serviços, não usava máscara e usava como escritório um muquifo em cima de um cinema.

Na história, cortesia de Archie Goodwin no roteiro e George Tuska na arte, o personagem enfrenta um tal de Cascavel, que teria sido o responsável pela morte da namorada do herói. A HQ mostrava também a origem do personagem e a forma como ele escolhera seu marcante uniforme, recolhendo peças entre os itens descartados numa loja de fantasia.

Parecia uma quebra muito grande para quem estava acostumado com os heróis certinhos do desenho dos Superamigos.

Mas o que vinha depois era muito mais revolucionário: o Demolidor de Frank Miller, nessa época ainda com roteiro de Roger McKenzie. Na história, o herói investiga o roubo de um carregamento de adamantium.

A diagramação de Miller era revolucionária, assim como a abordagem do Demolidor (algo que eu não sabia na época) e a cena que mais me marcou já estava lá, na segunda página. O herói está num bar, tentando tirar informações de um bandido, quando outro meliante se aproxima dele pelas costas com uma faca. Sem se virar ou mesmo tirar o olho do que está sendo interrogado, o “Homem sem

medo” paralisa o agressor com um soco no rosto. Eu me lembro que pensei: caramba! Esse cara é incrível! Não sabia naquela época que o personagem era incrível porque tinha um gênio por trás de suas histórias. A ambientação urbana e factível era mais uma quebra com os coloridos Superamigos, que pareciam incapazes de dar um soco num vilão.

Em seguida vinha a história do Dr. Estranho. Essa história era continuação de uma trama anterior, iniciada por Archie Goodwin e Barry Smith, toda baseada na mitologia lovecraftiana. Nessa edição, o roteiro já estava a cargo de Gardner Fox e a arte de Irv Wesley.

Doutor Estranho se tornou um dos meus personagens prediletos na Marvel.

Na HQ, o mago se envolve com uma seita secreta que tenta trazer de volta um deus adormecido. Hoje percebo que a trama tinha todos os elementos que tornariam Lovecraft famoso, numa nítida homenagem, entre eles uma cidade isolada com habitantes que são resultado de uma mistura de raças. Mas na época o que mais me marcou foi a sequência inicial: com o herói aprisionado por grilhões numa mesa de concreto, uma cruz invertida com uma cobra ao seu lado e um demônio reptiliano se aproximando para matá-lo.

Eu não tinha lido a história anterior, mas apenas aquele quadro já era o suficiente para despertar minha atenção e tornar o Dr. Estranho um dos meus personagens prediletos da Marvel de todos os tempos. Aquilo não era só super-herói. Havia uma essência de terror ali, de mistérios assombrosos. Imaginem isso para alguém que estava saindo da infância (eu devia ter uns 12 anos na época) e praticamente só conhecia os Superamigos.

Fechando a revista, uma história de Conan com roteiro de Roy Thomas e arte de Barry Smith na qual o cimério salva uma prostituta chamada Jenna das garras de um demônio morcego. Aqui foi a sequência final que me marcou profundamente, a ponto de eu conse-

guir me lembrar do diálogo 40 anos depois. Os dois estão no deserto e Jenna sugere que Conan durma e sonhe sonhos de ouro. Quando o cimério acorda, ela fugiu com o ouro, ao que ele comenta: “Tenha sonhos de ouro, ela me disse... e eu fiquei com os sonhos... e ela com o ouro!”.

Era o fechamento perfeito de um mix perfeito que simplesmente fez pirar um garoto de 12 anos e mudou totalmente a forma como eu via os quadrinhos.

A partir daí, passei a considerar que os heróis da DC eram coisa de criança (lembro de minha mãe sugerindo que um dos meus aniversários fosse do Batman ou do Super-homem eu recusando terminantemente com o argumento de que eu não era mais criança).

## Rato de sebo

Como a situação financeira da família não tinha melhorado, tive que descobrir formas de conseguir os quadrinhos. Uma das estratégias era percorrer os sebos de Belém, mesmo os mais obscuros.

Hoje em dia a maioria dos sebos são lojas, em locais físicos, mas naquela época era comum encontrar sebos nas ruas, nas feiras. Havia alguns que colocavam uma espécie de tablado sobre cavaletes e enchiam de gibis em blocos, com centenas deles, misturados. Esses eram fáceis de encontrar, porque eram facilmente visualizados de longe, mas eram também os mais caros.

Eu me especializei em sebos que eram praticamente invisíveis, e que vendiam as revistas a preços menores que uma passagem de ônibus.

O mais difícil que encontrei foi um homem que fazia jogo do bicho e deixava os quadrinhos em um local próximo. Você chegava lá, dizia o que queria, ele saía e voltava dali a alguns minutos depois com uma grande quantidade de títulos. Não lembro como cheguei a descobrir que ele vendia gibis usados – talvez eu tenha simples-

mente visto ele vendendo para alguém. Com o tempo, desenvolvi um verdadeiro faro para sebos. Eu visualizava um local e já imaginava se tinha ou não. Quase sempre acertava.

Eu descobri que um colega de escola, endinheirado, colecionava *Heróis da TV*, e minha estratégia era comprar nos sebos os números que faltavam para ele (eu andava com a lista do que ele não tinha) e depois vender pelo dobro do preço. Claro que antes de vender, eu lia as revistas, o que fazia desse negócio duplamente interessante, pois eu não só ganhava algum dinheiro, como também lia a revista que eu não colecionava. Foi graças a isso que conheci o *Mestre do Kung Fu*. O personagem tinha passado pela fase de espionagem, com desenhos de Paul Gulacy e então vivia uma fase mais intimista, com toques de filosofia oriental, ainda com roteiros de Doug Moench, mas agora com desenhos de Mike Zeck. É possível que aquelas histórias tenham despertado meu interesse pelo taoísmo e pelo zen budismo.

O lucro das vendas eu usava para comprar, também nos sebos, a *Superaventuras Marvel*, que eu colecionava. Apesar disso, nunca encontrei em sebos a SAM 4, que eu tinha lido na fila do banco. Só fui conseguir ela muitos anos depois, em fac-símile.

Essa era época em que a Abril tinha comprado da RGE os direitos de todos os heróis Marvel e tirara a sorte grande. A RGE já vinha publicando os X-men de Chris Claremont e John Byrne, mas histórias menores. A Abril pegou o material bem no início da saga de Protheus, que seria seguida da saga da Fênix Negra. Ou seja: a Abril começou a publicar os mutantes simplesmente na melhor fase dos personagens de todos os tempos. Para completar, a revista ainda trazia o Demolidor, de Frank Miller, que estava revolucionando os quadrinhos de super-heróis e abrindo caminho para as graphic novels.

A revista ainda trazia um personagem menor, mas pelo qual me afeiçoei muito, o Dr. Estranho. Até hoje considero a fase de Steve Englehart e Frank Brunner, que a Abril publicava em SAM, como o

melhor material já feito com o personagem, superior inclusive à fase clássica de Steve Ditko.



A primeira revista que comprei

Com tantas histórias boas, era difícil esperar as revistas aparecessem em sebos e comecei a comprar a *Superaventuras Marvel* nas bancas. A primeira que comprei foi a de número 25. Era uma edição morna, sem grandes atrativos, especialmente a história dos X-men, que apresenta um interlúdio entre a saga de Protheus e a saga da Fênix. Mesmo assim tinha uma boa história de Kull. E foi o suficiente para me conquistar. A capa seguia o modelo de capas da Abril: uma junção de mais de uma capa americana, ou de desenhos internos. Mas aqui temos um caso em que esse trabalho foi bem feito. A figura de Ororo em especial dominava a capa, chamando atenção para seus olhos expressivos, no traço de John Byrne.

Lendo os quadrinhos da Abril eu acabei voltando a valorizar a DC Comics. Também, a Abril tinha conseguido os direitos dos personagens em uma época em que a DC estava se reinventando, entrando no mercado direto e publicando títulos como *Camelot 3000* e *Es-*

*quadrão Atari*. Embora não tivesse dinheiro para comprar quase nada além de *Superaventuras Marvel*, eu virei fã do traço de Garcia-Lopez, que considerava mágico. Lembro que uma vez fui visitar um amigo que tinha comprado algumas figurinhas metalizadas do álbum de super-heróis da DC, todas ilustradas por ele. Como não tinha o álbum, ele colara as figurinhas na porta da geladeira, e deve ter parecido estranho para todos na casa, me ver ali, um longo tempo observando aquelas figurinhas.

Muito tempo depois, quando já morava em Macapá, muitas vezes desviava o caminho para passar na frente de uma casa que tinha um imenso cartaz do super-homem rasgando correntes como se fossem de papel. Desenho do Garcia-Lopez. Nunca descobri onde foi publicado aquele cartaz e, se não fosse a timidez, teria batido lá para tentar comprar.

Mas foi Camelot 3000, de Brian Bolland, que, de certa forma, foi responsável por eu me transformar em roteirista de quadrinho. Eu adorava os personagens e o visual futurista de Brian Bolland e ficava tentando desenhá-los. Uma vez mostrei para meu padrasto e minha mãe um desses desenhos e a reação foi mais ou menos assim:

- Por que você não para de perder tempo com isso e vai estudar?

Foi uma ducha de água fria. Eu percebi que escrever era uma atividade menos chamativa, que eu poderia escrever à vontade e pareceria que eu estava estudando, e foi assim que decidi que, ao invés de desenhar quadrinhos, eu iria escrever. Mas mesmo assim, parecia algo muito distante, irrealizável. O que me fez pensar que de fato eu poderia um dia me tornar roteirista de quadrinhos foi uma revista nacional, *Fêmeas*, da Grafipar, comprada, claro, em um sebo.



A revista *Fêmeas* foi minha porta de entrada nos quadrinhos nacionais não infantis

## Grafipar

Até então, tudo que eu conhecia de quadrinho nacional eram os humorísticos da turma da Mônica, que eu já havia descartado há muito tempo como leitura de criança.

Já a *Fêmeas* era diferente. Não só era quadrinhos para adultos (ou, no meu caso, adolescente). Era também quadrinhos de uma qualidade surpreendente.

A revista já chamava atenção pela belíssima capa de Rodval Matias com uma mulher semi nua montada em um sáurio, carregando uma lança. A capa resumia o conteúdo da revista: uma mistura de sensualidade, aventura e fantasia.

No miolo, três histórias de Mozart Couto. Em “O portador do mal”, um velho sábio avisa uma guerreira, Ulla, sobre um exterminador que vem do espaço e pretende destruir toda a vida humana na Terra. Ulla e um outro guerreiro enfrentam e conseguem vencer o tal exterminador apenas para descobrir que na verdade, ele era

o mocinho. “Você se enganou, mulher. Minha missão aqui era de acabar com aquele que quer destruir este planeta. Ele veio do planeta em que vivo... destruiu cidades, legiões de guerreiros... até que resolveu partir para cá... eu fui escolhido para caçá-lo e com minha força mental o neutralizaria... mas você me impediu... agora, nada a livrará!”, diz ele. Já na página seguinte o velho sábio torna-se um monstro lovecraftiano e se auto-denomina o portador do mal. Hoje em dia, essa virada parece forçada, mas na época essa história me marcou profundamente. O talento de Mozart Couto para desenhar mulheres, expressões faciais e cenas de luta era impressionante.

“Os sonhos de Ssara”, apesar dos belos desenhos de Mozart Couto, chamou pouca atenção pelo roteiro fraco. Os sonhos da personagem eram apenas uma desculpa para a realização de cenas eróticas... no caso, com um tubarão!

A história de Hyania, no entanto, foi a que mais me impressionou. A protagonista parecia sair de um perigo e cair em outro. Aparentemente ela era a última sobrevivente do País da Névoa e começa sendo torturada para dizer onde fica o local. O castelo onde está presa é conquistado e ela foge com um mago, só para serem pegos por homens lobos e assim em diante. Hoje em dia pode parecer estranho, mas apesar de ser uma revista erótica, o máximo de erotismo era mostrar a personagem nua e uma insinuação de relação sexual, no final. Embora a história fosse publicada em uma revista normal, em formatinho, nitidamente a história tinha sido feita para outro formato, horizontal, de forma que cada página juntava duas tiras. Embora fosse uma história de espada e feitiçaria, a personagem era caracterizada por um topete, bem ao estilo dos anos 1980.

Eu fiquei tão impactado que, na época, escrevi um trabalho de artes sobre quadrinhos, no qual dizia que o Brasil tinha profissionais tão bons quanto os norte-americanos que trabalhavam para a



Marvel. Olhando em retrospecto o trabalho consistia apenas em opiniões pessoais, mas por alguma razão acabei tirando nota máxima.

Foi aquela revista que me fez acalantar o sonho de um dia me tornar roteirista de quadrinhos e, quem sabe, escrever uma história para Mozart Couto, um dos poucos sonhos que ainda não realizei.

## Ufologia e elementais

Ali pela sétima série eu conheci um amigo que teria grande influência sobre mim.

Afonso vinha de Brasília e chegara no meio do ano quando seu pai, militar, foi transferido para Belém.

A diferença cultural entre nós era gritante. Até então eu só tinha lido um livro, *As aventuras de Xisto*. Afonso tinha em casa coleções completas de Monteiro Lobato, Freud e Jung. Os dois primeiros ele já tinha lido todo e quando o conheci ele estava lendo Jung. E, veja, bem, ele tinha 13 anos na época!

Essa coleção tinha uma história. Era um presente do padrinho dele. Um militar de esquerda em plena ditadura militar, ele um dia bateu na porta da família, disse que estava levando de presente para o afilhado as coleções de livros e que ia fugir. Sumiu e nunca mais se soube dele. O Afonso não sabia se ele tinha conseguido de fato fugir ou tinha sido pego pelo regime.

Imaginem alguém como eu, ávido por novidades e por leituras, conhecer alguém como Afonso?

Claro que ele era muito ciumento com sua coleção, a ponto de bater na cama ou no sofá quando eu começava a ler algum dos seus livros. Mas de certa forma, ele serviu de guia, indicando livros e autores.

Afonso também me mostrou o caminho da biblioteca. Até então a biblioteca escolar me parecia um local meio proibido e, de fato, a bibliotecária fazia questão de passar essa impressão. Os livros fica-

vam todos enclausurados atrás dela e para pegar qualquer um era necessário pedir. Começava então um verdadeiro interrogatório:

- Qual professor pediu para você ler esse livro?
- Por que você quer esse livro?
- É para qual disciplina?

Eu teria desistido na primeira pergunta, mas Afonso era como um trator, avançando pelos obstáculos. Era tão insistente que a bibliotecária, com um suspiro, era obrigada a nos dar a obra pedida. Foi assim que descobri o livro *Naves espaciais – 2000 a 2100*, de Stewart Cowley. Além das belíssimas ilustrações de ficção científica, o livro se destacava pelo texto de Cowley, que descrevia naves e batalhas como se fizessem parte do passado. Ou seja, ele se colocava na posição de um autor posterior ao ano 2100 escrevendo sobre algo que já passou. Era uma estratégia hiper-real, que criava um maravilhamento único para um rapaz de 13 anos. Será que havíamos aberto um portal temporal e, através dele, tido acesso a um livro que nos mostrava não como o futuro seria, mas como ele tinha sido?

Essa estratégia do autor foi a base de muitos dos meus trabalhos posteriores, a exemplo do Capitão Gralha.

Como havia lido muito mais do que eu, Afonso tinha um vocabulário muito mais amplo. E fazia questão de usá-lo durante as nossas conversas. Aí, do nada, parava e perguntava:

- Você entendeu o que eu falei?
- Claro.
- Então o que significa tal palavra?

Eu gaguejava, gaguejava, e não respondia. E ele me dava um sermão.

Apesar do método grosseiro, aquelas situações eram verdadeiras aulas. Afonso me ensinou o princípio da propriedade no uso das palavras: devemos saber exatamente o significado das palavras que usamos. Essa lição posteriormente foi reforçada pelos textos de Monteiro Lobato e George Orwell.

Desde então, toda vez que escrevo um texto e uso uma palavra pouco corrente, recorro ao dicionário para ter certeza de que aquela é a palavra correta para aquela situação.

Quando, muitos anos depois, trabalhei como jornalista em um jornal chamado *Folha de Paranaquá*, uma das minhas funções era revisar os textos de um dos colunistas do jornal. Na primeira tentativa, já procurei o dono e abri o jogo: se eu for revisar, não vai sobrar nada do artigo. O autor fazia questão de usar as palavras mais difíceis possíveis, mas não tinha a menor ideia do significado das mesmas. O resultado disso era um texto que parecia altamente erudito, mas na verdade não tinha qualquer significado.

Afonso era um rato de biblioteca e não se contentava com a biblioteca escolar. Sempre que saímos mais cedo, ele me arrastava até o prédio de um departamento de transportes que tinha uma biblioteca repleta de títulos. Folgado, ele se sentava na mesa e ordenava: pede livro sobre determinado assunto. Os interesses eram variados, mas focavam principalmente em ficção científica, ufologia e paranormalidade.

O interesse pelo assunto era tão grande que Afonso acabou descobrindo um grupo de Ufologia em Belém. Na época, eles tinham conseguido algumas fotos da aeronáutica e enviado para uma revista nacional. Na matéria aparecia o endereço e fomos lá, jurando que se tratava de um grupo de fato, com sede e tudo. Era na verdade o endereço de um rapaz de 18 anos. Ele nos atendeu e, para surpresa nossa, disse que estava de mudança para o Rio de Janeiro e perguntou se topávamos continuar com o grupo de estudos. Eu, que tinha ido lá só para conhecer alguém que dizia estudar discos voadores, saí de lá como novo diretor do EAUP, Estudos Amadores de Ufologia do Pará.

Como consequência algo estranho começou a acontecer. Eu passei a ser seguido. No início, achei que fosse apenas uma impressão, mas com o tempo foi ficando óbvio que era real. Eu entrava por uma rua, saía por outra, e alguém atrás de mim. Às vezes dava a volta no

quarteirão e voltava a encontrar com a mesma pessoa. Era comum eu e o Afonso irmos para a parada de ônibus, mas como o papo estava muito bom, passarmos horas lá. Passava o meu ônibus, passava o dele, e a gente lá, conversando. E sempre tinha alguém que também deixava passar todos os ônibus. Certa vez, uma dessas pessoas chegou até a pegar o mesmo ônibus que eu.

Claro que isso deixaria qualquer um paranoico, ainda mais considerando que vivíamos o finalzinho da ditadura militar, mas hoje chego à conclusão de que tudo não passou de um grande mal-entendido. Afinal, haviam vazado fotos secretas da aeronáutica. Era natural que eles vigiassem o diretor do grupo que fizera isso, provavelmente para tentar descobrir quem tinha repassado as fotos ou para dar um susto e evitar novos vazamentos. Isso explicava porque o rapaz que havíamos conhecido havia se mudado tão repentinamente para o Rio de Janeiro. Como eu assumi o cargo dele, acabei me tornando o alvo da arapongagem. Um dia devem ter descoberto o engano e simplesmente me deixaram em paz. Mas, apesar de ter sido tudo um grande equívoco, o episódio foi relevante o bastante para me influenciar quando da criação do pseudônimo Gian Danton.

Muito além da ufologia, o EAUP me garantiu alguns bons amigos, como o Roberto e o Marco (com o qual eu ainda tenho contato). Eu não sei exatamente como os estudos sobre discos voadores levaram a um interesse pela floresta amazônica, mas o fato é que em pouco tempo nós estávamos frequentando a floresta do Utinga. Para quem não é de Belém, torna-se necessária uma explicação. Toda a água consumida pela capital paraense vem de um lago. Para que a água fosse preservada, criou-se uma reserva, de modo que Belém é talvez a única cidade do Brasil que tem, dentro dela, uma floresta nativa. Hoje em dia o Utinga se tornou um parque, onde podem ser realizadas atividades físicas como corridas e pedais e onde se localizam cafés turísticos. Mas na época, a área era apenas mato. Nós costu-

mávamos passar o final de semana lá, às vezes só o sábado, às vezes só o domingo, às vezes sábado e domingo. Ficávamos andando pela floresta, ou simplesmente tomando banho no lago.

## A floresta e seus mistérios

No Utinga vimos muita coisa, muitas inexplicáveis.

Era comum entrarmos em horários diferentes, já que todo mundo vinha de ônibus diversos. Assim, quem entrava, ficava esperando os outros em um ponto com uma pequena cabana feita por nós, que carinhosamente apelidávamos de Estação Capela. Eu normalmente era o primeiro a chegar e ficava atento, esperando a chegada dos outros. Nisso, constantemente via alguém se aproximando no meio da mata. A pessoa passava atrás de uma árvore e... sumia. Não aparecia do outro lado! Certa vez andávamos em fila indiana e o Marco viu, passando no meio da floresta e sumindo atrás de um tronco caído, um ser totalmente preto, com folhas envoltas no corpo.

Alguns perigos eram menos misteriosos, mas nem por isso menos assustadores. Era comum usarmos troncos de árvores para atravessarmos distâncias maiores. Subíamos no tronco, colocando uma perna de cada lado, como se montávamos um cavalo e íamos remando com as mãos. Certa vez, o meu tronco enroscou em alguma coisa, fazendo com que eu ficasse totalmente paralisado. Enquanto eu tentava me desvencilhar, uma cobra surgiu exatamente na minha frente. Ela se elevou ficando cara a cara comigo. Foram momentos tensos, nos quais eu não ousava me mexer. Depois de um tempo que me pareceu uma eternidade, ela mergulhou e desapareceu.

Havia uma lenda, contada entre os frequentadores do local, de que existia uma cobra grande na lagoa. Segundo essa lenda, um rapaz que estava tomando banho em uma das pequenas praias que se formaram no local tinha sido puxado para dentro do rio por algo. Ele

se debatia, tentando escapar, mas o que o arrastava devia ser muito mais forte.

Não sei se era cobra, mas certa vez nos deparamos com algo muito, muito grande. Nessa oportunidade, eu e Marco estávamos indo para uma pequena ilha, no meio do lago, usando o método do tronco como veículo. Era um tronco grande e o Marco estava na frente.

De repente, ele gritou:

- Ei! Alguma coisa passou pela minha perna!

Ele nem tinha terminado a frase quando senti também algo arrastando pela minha perna. Devia ser algo de pelo menos um metro de diâmetro e parecia de fato uma cobra – ou talvez um pirarucu muito, muito grande.

Como estávamos perto da ilha, remamos à toda para chegar à margem e ficamos lá, arfando, o coração aos pulos, tanto pelo exercício físico quanto pelo susto. Assim que nos recuperamos, passamos um longo tempo discutindo sobre o que tinha sido aquilo. Parecia, de fato, uma cobra, mas se fosse, que tamanho ela teria de comprimento?

O pior é que já se aproximava a noite e precisávamos voltar. E a única maneira de voltar era pela água. E a coragem para entrar novamente na água? No final, fomos obrigados a vencer o medo. Nada aconteceu na volta.

Marco e outro amigo do EAUP, o Edivaldo, nos acompanharam em uma excursão com amigos da faculdade em que de novo tivemos oportunidade de nos depararmos com os mistérios da floresta.

A viagem era para Joanes, uma região de praia, na ilha do Marajó, próximo a Belém. Nós não conhecíamos a cidade e acabamos arrastando a barraca exatamente no local que as pessoas usavam como praça da cidade.

No dia seguinte mudamos a barraca para um outro local, na beira da praia. Mas naquela noite cada um de nós teve algum tipo de epifania.

Eu sonhei com Charles Chaplin. No sonho, tínhamos uma longa conversa e ele dizia que iria me apresentar aquele que ele considerava o seu melhor filme. E assistimos juntos Monsieur Verdoux.

Naquela época não existia internet e vídeo cassete era um acessório de luxo, de modo que eu só assistia o que passava na TV e, pelo que eu me lembrava, esse filme nunca tinha passado na TV, de modo que era inédito para mim.

Alguns anos depois a Globo apresentou um especial Charles Chaplin e pude finalmente assistir Monsieur Verdoux. E era o mesmo filme que eu tinha visto em meu sonho!

Talvez a explicação tivesse a ver com o inconsciente coletivo. Ou talvez eu tivesse assistido ao filme há tanto tempo que não me lembrasse, o que não faz muito sentido, pois uma criança dificilmente se sentiria atraída por esse filme sobre um homem que engana e mata mulheres.

Qualquer que seja a explicação, o fato é que concordo com o Chaplin do meu sonho: esse é um dos melhores, senão o melhor filme dele.

No dia seguinte, mudamos a barraca para uma parte da praia pouco frequentada, ao lado de uma área de floresta.

Nessa época eu tinha lido uma história do Monstro do Pântano que citava os elementais e tinha pesquisado sobre o assunto. Assim, resolvi fazer uma experiência. Fui até a beira da floresta e pedi proteção em troca de um pouco de arroz (sim, era uma oferta pobre, mas era honesta). Passamos alguns dias lá, na maior tranquilidade. O máximo que tinha acontecido era um dia que dormi fora da barraca e acordei com um cavalo me cheirando. De resto, nem mesmo insetos se aproximavam.

No dia da partida, percebemos que havia sobrado catchup no vidro e resolvemos deixar junto com o arroz, de oferenda. Era aquela época em que catchup era vendido em frascos grandes, de vidro e, para conseguir tirar tudo, era necessário bater no fundo, de modo que sempre sobrava alguma coisa.

Arrumamos tudo, desarmamos a barraca e fomos para o local que saía a balsa... só para descobrir que naquele dia não tinha viagem! A solução foi voltar para o mesmo local.

No caminho, passamos em uma padaria e compramos pão para a nossa refeição noturna. Carmem, uma amiga da faculdade, decidiu pegar de volta o catchup.

- Mas ele estava na oferta. – argumentei.

- Azar deles. Nós não tínhamos prometido nenhum catchup.

Mal disse isso, observei uma enorme aranha subindo pela barriga dela. Carmem tinha um cabelo grande, comprido e o bicho avançou pelas costas e se encaminhava diretamente para lá. Não pensei duas vezes: peguei o chinelo e bati. Por sorte, consegui bater e não machucar minha amiga.

Mas o fato acendeu um alerta. Percebemos também que o local, que antes não tinha um único bicho, estava repleto de insetos: baratas, formigas, carapanãs, cabas. E não, esses insetos não tinham surgido chamados pelo lixo. Além do arroz e do catchup não havíamos deixado nenhum lixo no local. Toda a experiência na mata do Utinga tinha feito de nós ecologistas inflexíveis. Na cidade, chegávamos a andar por quilômetros com lixo no bolso até encontrar uma lixeira. Então, claro que não deixaríamos atrás de nós, na praia, um rastro de sujeira.

A explicação parecia não ser desse mundo.

Ao mesmo tempo, a noite se aproximava e junto com ela o medo.

Chegou um ponto que ninguém mais tinha coragem de ficar na barraca ou na esteira que havíamos estendido na frente dela, até porque ambas ficavam ao lado da mata.

Sentamos na beira da praia e ficamos lá, esperando amanhecer.

À certa altura, foi necessário pegar algo que estava dentro da barraca. Quem vai? Tiramos a sorte e os escolhidos foram o Marco e o Edivaldo. Foram tensos, observados atentamente por todos nós. O Marco já estava entrando na barraca quando algo os assustou. De



repente, estavam correndo os dois em desabalada carreira na direção da praia.

Num primeiro momento eu pensei que houvesse algo dentro da barraca, talvez um bicho, mas a explicação do susto era outra. Nós tínhamos deixado em cima da esteira um gravador. Era um gravador antigo, do tipo que se usava tanto para gravar outra pessoa falando quanto para ouvir música. Se procurar por entrevistas coletivas antigas, certamente vai ver algum repórter usando aquele mostrengo. E o treco tinha simplesmente ligado sozinho e lá estava, em cima da esteira, tocando uma música da Legião Urbana. Era impossível que a tecla tivesse abaixado sozinha, pois era dura, a gente precisava botar força para acionar.

Foi a gota d'água. O grupo se reuniu e me deu um ultimato:

- Você criou essa situação. Agora resolve!

O jeito foi me encher de coragem, ir para a beira da floresta e fazer um novo trato. O elemental nos deixava em paz por pelo menos uma noite e, no dia seguinte, daríamos uma oferta de cachaça e fumo (sim, eu resolvi apelar).

Naquela noite nada mais aconteceu. Tirando algumas formigas e carapanãs, tivemos uma noite normal.

O problema foi no dia seguinte. Ia ser muito estranho alguém entrando em uma venda e comprando cachaça e fumo, assim, nos dividimos em dois grupos, cada um responsável por comprar um item da oferta.

Uma outra experiência com seres da floresta aconteceu no interior de Muaná, na ilha do Marajó, mais especificamente no sítio do meu sogro. Eu e minha esposa (minha namorada na época) tínhamos entrado em um igarapé e avistado um pé de inajá carregado, mas não tínhamos em mãos o facão para cortar o cacho. Como tinha experiência em andar na floresta do Utinga, depois do almoço resolvi ir sozinho, a pé. Foi um grande erro.



Casa do meu sogro, na Ilha do Marajó, lugar onde me perdi

Não houve qualquer problema na ida, embora eu estivesse atravessando a floresta densa e sem trilha. Cheguei exatamente onde queria, apesar de não ter uma bússola, o que mostra que eu conseguia me orientar.

Infelizmente, o cacho estava vazio. Algum animal se adiantara a mim e comera todos os frutos. Mas o problema de fato foi na volta. Eu comecei a ouvir barulhos atrás de mim. Era como alguém pisando na folhagem seca que se deposita no chão da mata. Seria alguém? Dei um grito da forma como as pessoas na ilha do Marajó se cumprimentam, uma mistura de U e O longos. Nada. Tentei de novo e novamente nenhuma resposta.

Pelo jeito não era gente. Poderiam ser porcos. Meu sogro criava porcos que ficavam soltos na mata comendo coquinhos que caíam das árvores. Há uma maneira de chamar esses porcos bem específica da região, algo como cheine. Assim, comecei a gritar:

- Cheine, cheine, cheine.

De novo, nenhuma resposta. Pelo jeito também não era um porco. Voltei a andar e aqueles sons de passos atrás de mim, insistentes.

À certa altura, parei para descansar em um local com uma grande mangueira. Quando voltei a andar, pouco depois estava de novo no mesmo lugar. Eu tinha andado em círculos! E em questão de minutos! E eu jurava que tinha ido reto.

Na hora lembrei de uma lenda que ouvira muito ao chegar no Pará: a do Curupira, que perseguia pessoas na floresta e fazia com que elas se perdessem. Pela lenda, O curupira tem também o poder de ilusão. Há uma história sobre um caçador que sempre matava mais animais do que precisava, desrespeitando a natureza. Para castigá-lo, o curupira fez com que ele, vendo sua mulher, pensasse que se tratava de um bicho. Resultado: o caçador fez fogo e acabou matando a própria esposa...

Todas essas histórias me vieram à mente naquele momento. Então fiz a única coisa que não poderia ter feito: saí correndo pela mata. Quando dei por mim, estava completamente perdido. Os passos já não me seguiam mais.

Quando parei, eu estava completamente perdido.

Para piorar, a região era péssima para alguém que não a conhecia. O chão era repleto de lama, de modo que não se formavam trilhas. Essa característica também fazia com que eu tivesse que voltar continuamente para pegar meu tênis que ficara preso na lama. Além disso, o local era repleto de capim navalha, que cortavam a pele.

O pessoal da região chama de baixinhas braços do rio que enchem ou esvaziam de acordo com a maré. Continuamente eu os encontrava e tentava usá-los para me orientar e saber em que direção estava o rio, mas sempre os encontrava pela metade, pois era hora da preamar e em muitos locais as baixinhas podiam varar de um ponto a outro.

A noite ia se aproximando e com ela o medo. O período noturno é quando todos os animais saem para caçar, além dos insetos. Sem falar daquilo que não podia ser nomeado, as criaturas da noite, que não existem para a nossa realidade cartesiana, mas são perigosa-

mente reais quando o manto sombrio cai sobre as árvores. E, quando se está na floresta, a noite cai de repente, sem qualquer aviso. Num momento é dia e no outro é a mais densa noite.

Eu já estava me conformando que iria passar a noite na floresta, exposto a todos os seus perigos, quando comecei a ouvir vozes. Pessoas! Era a minha salvação.

Mas, pelo que pude perceber, as vozes vinham do outro lado de uma baixinha. Uma, aliás, que não merecia esse nome, pois era enorme. Não havia como atravessar para o outro lado. O jeito foi percorrer o leito até encontrar uma árvore caída, que servia de ponte.

Qualquer um que me conhece sabe que sou uma negação quando se trata de equilíbrio. Imaginem andar por uma ponte que era um tronco de árvore. Avançando lentamente, consegui chegar do outro lado.

Finalmente encontrei um casal que entrara na floresta com a intenção de pegar açáí.

- Espere pela gente aqui que já voltamos. – me aconselhou o homem. E sumiram.

Passava o tempo, passava o tempo, e eles não voltavam. Comecei a desconfiar. E se não fossem de fato pessoas, gente real? E se fosse tudo uma ilusão só para que eu ficasse ali parado, enquanto a noite se aproximava? Talvez eu até estivesse perto de uma casa e da salvação.

Fiquei longo tempo matutando. Eu continuava andando ou esperava os dois?

Depois de um tempo que pareceu uma eternidade, os dois apareceram, carregando alguns cachos de açáí.

- Se continuasse nessa direção, você ia dar no mangue. É um lugar péssimo para andar e pior ainda para passar a noite. – informou o homem, enquanto me levava para sua casa.

Uma vez lá, ele pegou uma canoa e me levou para a casa do meu sogro. Hoje em dia o local está tomado por rabetas, pequenos barcos a motor, mas na época a única forma de locomoção pelos igarapés era

através do remo, de modo que levamos um longo tempo. Dar a volta pelo rio estava fora de cogitação, pois aumentaria muito o caminho.

Quando chegamos e contei o que acontecera, meu sogro não só acreditou em mim, como ainda aconselhou:

- Não se entra na mata sem pedir permissão.

A partir daí, toda vez que entro na floresta, paro para pedir permissão. Certa vez, quando estava com um amigo, ele me viu parando e perguntou o que acontecia. Expliquei que estava pedindo permissão para os seres da mata.

- Pede para mim também. – solicitou ele.

Essas histórias foram narradas para várias pessoas e devem ter chegado ao ouvido de alguém lá na região sudeste que, ao escrever minha biografia em uma obra, informou que eu praticava magia elemental, frase que li com uma gargalhada.

Em todo caso, essa é uma diferença minha e de outros autores amazônicos. Quem vive aqui já tomou banho de igarapé, já entrou na floresta, já viu muita coisa e sabe que há muitos mistérios na mata e no rio. Quando isso aparece nos quadrinhos ou na literatura, não é com um olhar de estranhamento e até de descrença, mas de compreensão e familiaridade.

## Bibliotecas

Para alguém que vinha como eu de uma casa pobre onde não entravam livros, a descoberta das bibliotecas foi algo libertador. Como já dito anteriormente, meu amigo Afonso foi o responsável por me mostrar que as bibliotecas escolares não eram locais inalcançáveis, apesar de toda a carranca dos bibliotecários.

Fazendo um parêntese, eu logo descobri que na maioria das bibliotecas escolares, o responsável não é um bibliotecário, mas geral-

mente alguém próximo de se aposentar, que não é mais bem quisto em nenhum setor, então é empurrado para lá.

Eu só fui conhecer bibliotecários de fato quando comecei a frequentar a biblioteca pública Arthur Viana, no prédio do Centur. O Centur é um prédio de vários andares que inclui cinema, sala de exposições e uma biblioteca com vários setores.

O que eu mais frequentava era a circulante, local onde emprestavam livros.

Embora o acervo fosse relativamente pequeno comparado com outros setores, para mim era um verdadeiro tesouro. Na primeira vez que fui lá, fiquei tão fascinado que não sabia o que levar. No final, acabei escolhendo um livro de contos de H. G. Wells.

Ao fazer a ficha, a bibliotecária me perguntou se eu não gostaria de fazer uma resenha.

- Resenha? O que é isso?

- Vem cá que eu te mostro.

E me levou até um painel onde estavam presas várias fichas com resumos e críticas de livros.

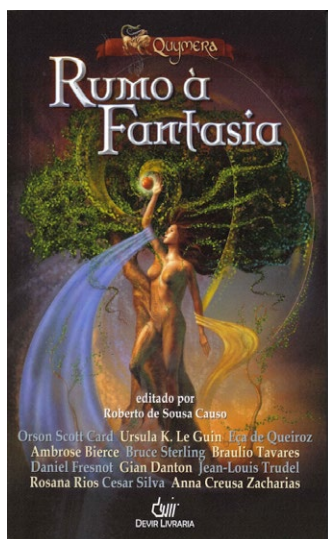
- Os leitores escrevem, indicando livros para outros leitores. Topa escrever uma resenha?

- Acho que sim. – gaguejei indeciso.

No final, acabou sendo mais fácil do que eu imaginava. E era até divertido. O segundo livro também escrevi uma resenha e da mesma forma com o terceiro. Chegou um ponto que todas as fichinhas do quadro eram minhas.

Na verdade, o quadro da biblioteca se tornou pequeno para minha produção, então comprei um caderno e comecei a escrever sobre tudo: livros que eu lia, filmes que eu assistia, exposições que eu visitava. A exposição Langsdorf, sobre o célebre explorador que morreu nas selvas amazônicas causou um impacto tão grande em mim que escrevi não só uma resenha, mas também um conto, que

depois chegou a ser publicado em um livro da Devir com vários autores brasileiros e de outros países.



Minha visita à exposição Langsdorf gerou um conto, que seria publicado em diversos fanzines até ser incluído no livro *Rumo à fantasia*, da editora Devir

Foi na biblioteca que encontrei um livro que me marcou profundamente: *O que é história em quadrinhos*, de Sonia Luyten, da coleção primeiros passos.

Não era o primeiro texto sobre quadrinhos que eu lia. O primeiro, primeiro mesmo, foi descoberto por acaso. Na época, a maioria das casas tinha no piso um tal de vermelhão, que precisava ser encerado semanalmente. Depois, espalhava-se jornais pela casa para que as pessoas tivessem onde pisar até que o produto secasse.

Um dia, espalhando jornais, percebi um artigo diferente. Eu me acoorei e li o texto, ali mesmo. Era um artigo sobre o Fantasma, escrito pelo Arnaldo Prado Jr. À altura dos meus 12 ou 13 anos eu simplesmente pirei. Alguém escrevendo sobre quadrinhos e ainda publicando em jornal? E o texto era muito bem escrito. Naquele dia eu descobri que ler sobre quadrinhos pode ser tão ou mais divertido quanto ler quadrinhos.

A descoberta do livro da Sonia Luyten foi outro impacto. Então, além de escrever sobre quadrinhos nos jornais também era possível publicar livros sobre o assunto?

Eu li o pequeno livro da coleção Primeiros Passos tantas vezes que muitas vezes a bibliotecária se via na responsabilidade de me avisar:

- Olha, você já pegou esse livro.
- Eu sei, vou ler de novo.

Depois, em um sebo, claro, eu acabei encontrando outro livro da mesma autora, *Para uma leitura crítica das histórias em quadrinhos*. Um novo impacto: o livro era uma coletânea e incluía artigos de diversos autores. Então, havia mais pessoas pesquisando e escrevendo sobre quadrinhos?



Dois livros de Sonia Luyten que me influenciaram a pesquisar quadrinhos

Aqueles momentos, a leitura do artigo no jornal e as leituras dos livros da Sonia Luyten, foram fundamentais para que eu posteriormente me tornasse um pesquisador de quadrinhos.



Eu me tornei um frequentador tão assíduo da biblioteca que passei a conhecer todo mundo e circular por todos os setores.

Um dia, andando pela sessão infantil, vi um cesto com revistas. Achei que fossem gibis infantis da época. Para meu horror, encontrei lá dentro revistas *Kripta*. Já naquela época a *Kripta* era uma revista rara, disputada pelos leitores e colecionadores. E os exemplares estavam lá, jogados numa cesta, à mercê das mãos ávidas de crianças desastradas.

Fui conversar com as bibliotecárias e descobri que os gibis colocados ali eram quase descartáveis. Raramente duravam mais que um dia e precisavam ser trocadas. Descobri também a origem daquelas revistas. Um colecionador morrera e a família doara milhares de exemplares para a biblioteca. Além da deterioração nas mãos das crianças, havia um outro problema: era muito fácil roubar gibis. Um rapaz foi pego com dezenas de exemplares do *Pato Donald* enfiadas na calça e confessou que já tinha roubado muitas outras e vendido para sebos. Eram revistas das décadas de 1950 e 1960. Revistas raras sendo roubadas e vendidas por centavos em sebos.

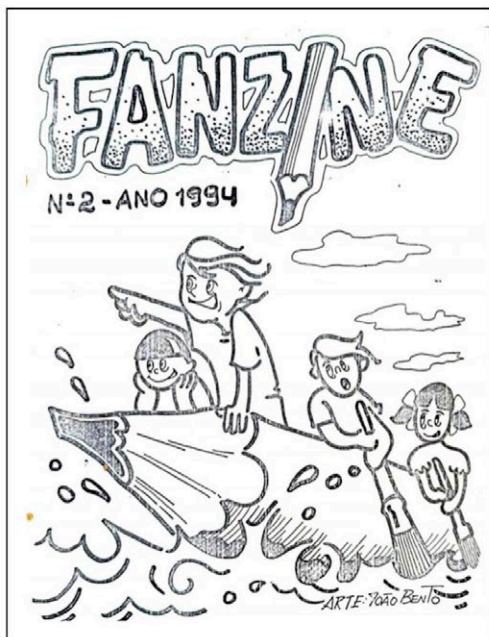
Essa conjunção de fatores fez com que eu convencesse os responsáveis pela unidade a dar um tratamento mais digno para os gibis. Para começar eles deveriam ser catalogados.

Mesmo sem ter qualquer vínculo com a biblioteca, eu passava horas lá, separando o material por gêneros e ajudando a bibliotecária a catalogar. Todo esse trabalho levou à ideia de criar uma Gibiteca e assim que surgiu uma vaga como técnico cultural, eu fui contratado. Foi a primeira Gibiteca de Belém uma das primeiras do Brasil, inaugurada em 1992. Para evitar que elas se deteriorassem eu sugeri que as revistas fossem guardadas em caixas arquivo e separadas por títulos, ou, quando não havia o suficiente para completar uma caixa, por gênero.

Eu passei um ano lá e foi uma experiência indescritível. Era como trabalhar no paraíso. Eu gostava especialmente de trabalhar aos sá-

bados, um dia do qual todo mundo fugia. Como dava pouca gente, eu tinha tempo de ler o material mais raro e clássico da coleção, como os álbuns de *Flash Gordon* e *Príncipe Valente* da Ebal ou a revista *Gibi* da RGE, que era publicada no formato de jornal standard e só podia ser lida em cima de uma mesa.

Nos dias da semana, quando dava tempo, a opção era ler revistas menores. Foi ali que li e me encantei com as revistas da Marvel publicadas pela Ebal.



Quando trabalhava na Gibiteca de Belém, criei uma publicação chamada Fanzine, que trazia biografias em quadrinhos de grandes quadrinistas e a programação mensal. Para baixar, clique [aqui](#)

## Capítulo 3

# Margem Negra

### Parceria

A primeira vez que encontrei Bené Nascimento, nós falamos de tudo, menos de quadrinhos. Nós dois morávamos na Cidade Nova, em Ananindeua, região metropolitana de Belém, e eu estudava no colégio Cearense e ele no Rutefort, escolas a duas paradas de distância. Naquele dia ele sentou ao meu lado e fomos a viagem inteira conversando (e olha que é muito raro eu conversar com alguém no ônibus, o que mostra que já havia ali uma simpatia mútua).

Era o ano de 1988 e eu precisava escolher o curso para o qual iria prestar vestibular. Meu tio empresário queria que eu cursasse Direito para ser advogado dele, mas eu sabia que queria algo que mexesse com a escrita. Na época, ingênuo, eu achava que era necessário cursar Letras para se tornar escritor. Assim, quando a família inteira se reuniu e me perguntou qual seria o curso, eu respondi, sem titubear:

- Letras.

Todos da família fizeram um “Ohhhhhhh” longo e espantando. Nitidamente eu não teria apoio nessa escolha.

Voltaram a fazer a mesma pergunta, na esperança de que a resposta fosse outra. Naqueles poucos segundos, eu tentei a todo custo pensar em algo que tivesse a ver com a escrita.

- Comunicação. Vou fazer Comunicação Social. – respondi.

Houve um novo “Ohhh”, mas esse se prologou por menos tempo.

Assim, quase que por coincidência, prestei vestibular para Comunicação Social.

Foi um ano inteiro de preocupação, pois eu sabia que não haveria outra chance. Se não passasse no vestibular, seria obrigado a trabalhar e adeus curso superior.

Na primeira fase, um dos professores do cursinho me informou que eu tirara a maior nota da área de humanas. De todos os candidatos dos diversos cursos de humanas, a minha tinha sido a maior nota e o cursinho já se preparava para comemorar o aluno que passara entre os primeiros lugares.

Mas saber essa informação foi um erro. Eu comecei a achar que era muito fácil e relaxei. Contribuiu para isso também o fato de eu ter feito vestibular para Comunicação em uma faculdade particular, a Unama (apenas para testar meus conhecimentos) e simplesmente fechei a prova de História.

Certo de que era um gênio, eu fui fazer a prova despreocupado, tanto que nem mesmo revisei a prova de História (que, para minha surpresa, estava repleta de pegadinhas, como datas erradas). Acabei passando em segundo lugar no meu curso e só não caí mais porque a nota de Redação compensou.

Em 1989 eu comecei a cursar Comunicação na UFPA.

Entre os vários trabalhos do primeiro semestre, um sobre os meios de comunicação. Televisão, jornal, rádio, quadrinhos etc. Eu, claro, entrei no grupo de quadrinhos. Um dos capítulos do trabalho deveria ser uma entrevista com alguém do meio. Mas como encontrar, em Belém do final dos anos 1980, uma pessoa que fizesse quadrinhos? Alguém me disse que havia uma pessoa no curso de Artes que desenhava quadrinhos profissionalmente, para editoras de São Paulo, e lá fui eu, procurar o tal desenhista. Quando finalmente o encontrei, a surpresa: era a mesma pessoa com a qual eu tinha passado uma viagem inteira conversando!

Naquele dia nem eu nem ele assistimos mais aulas. Terminou a entrevista e emendamos em uma longa conversa sobre quadrinhos.

Ao final, Bené me convidou para fazer com ele um fanzine sobre quadrinhos. Até então Belém tinha alguns poucos fanzines punks, alguns dos quais publicavam quadrinhos ocasionalmente, a maioria produção de gente do Sudeste que era apenas reproduzido. Mas fanzine especificamente de quadrinhos, com produção local, não existia. Assim nasceu o *Crash!*



Crash foi o primeiro fanzine de quadrinhos do Pará

Durante a produção do primeiro fanzine, o compadre chegou com uma história pronta, toda desenhada. Ele tinha escrito para Rodolfo Zalla, da *Calafrio*, oferecendo seus serviços e Zalla lhe enviara um roteiro, mas como Bené não gostara do mesmo, resolvera produzir sua própria história, com o título de *Floresta Negra*.

- Eu fiz toda a arte-final com pincel. – informou ele, orgulhoso. Poucas pessoas dominam essa técnica, que era a especialidade do Hall Foster do Príncipe Valente.

Eu olhava fascinado para aquelas páginas que representavam um salto de qualidade no trabalho de Bené, um momento de maturidade. A arte era uma mistura curiosa de Garcia-Lopez, especialmente nos ângulos e diagramação de página, com Hall Foster. O fato de ter sido feita com pincel tornava o resultado ainda mais impressionante.

- Quer colocar texto? – Perguntou ele.

Há uma história zen budista sobre um fazendeiro que certa vez foi brigar com um guerreiro. O guerreiro era muito mais forte e preparado com ele, tanto que no primeiro golpe, derrubou o homem. Mas lá, naquele momento, caído no chão, ele percebeu que o guerreiro não usava nada protegendo a parte íntima. Ele levantou a mão, agarrou e puxou as bolas do soldado, que, ato contínuo caiu no chão chorando de dor.

Aquela era uma oportunidade única e, literalmente, o fazendeiro soube agarrar a oportunidade.



Floresta Negra, a primeira história da dupla Gian-Bené

Eu sempre penso nessa história quando me lembro daquele momento em que eu olhava, fascinado as páginas da Floresta Negra, e Bené me perguntou se eu aceitaria colocar texto.

Penso também na teoria do caos, segundo pequenas alterações em um fenômeno podem provocar grandes mudanças. É o chamado efeito borboleta. Edgar Morin, baseando-se na teoria do caos, fala das bifurcações, momentos que nos vemos diante de dois caminhos. A escolha de um dos caminhos pode mudar a nossa vida.

Esse era um daqueles momentos. Ao dizer sim, eu redefini toda a minha trajetória de vida. Aquele momento reverbera até hoje, tendo uma influência fundamental em todo o caminho que eu trilhei até aqui. Se não tivesse aproveitado a oportunidade, se eu tivesse dito não, talvez não virasse roteirista de quadrinhos, talvez os professores do curso não tivessem sugerido que eu fizesse meu TCC sobre quadrinhos (na época ninguém tinha defendido TCC sobre o tema no curso de Comunicação da UFPA), talvez eu não tivesse feito mestrado sobre quadrinhos, provavelmente eu não escreveria os livros sobre quadrinhos, influenciando toda uma geração de roteiristas. E muito provavelmente este livro não existiria.

Mas, felizmente, naquele momento eu disse sim. Ou, como dizem no Pará, “Só se for agora!”.

Sentei ali mesmo e escrevi o texto em um pedaço de papel. O compadre leu e aprovou. Como na época os textos da *Calafrio* eram colocados pelo próprio Zalla, eu devo ter datilografado quando cheguei em casa e mandamos junto com os originais.

A história chegou a sair na *Crash 2* e, nesse caso, eu mesmo coloquei o texto, escrevendo sobre uma cópia xerox.

A história era simples: um cavaleiro entra na floresta negra, encontra um demônio que fala em rima (uma óbvia homenagem à versão de Etrigan mostrada por Alan Moore em *Monstro do Pântano*), enfrenta o mesmo, acaba vencendo. Terminava com ele rezando e

deixando um crucifixo pendurado em uma árvore como forma de proteger a floresta e indo embora tranquilamente.

Rodolfo Zalla não gostou do final. Na época, a maioria das histórias da *Calafrio* tinha final surpresa, na maioria das vezes com o protagonista virando um monstro – uma fórmula tão repetida que deixou de ser surpresa. Para se adequar ao que queria, ele mudou o texto do final. Na nova versão do texto, o cavaleiro se transformava no demônio da floresta negra, algo que não combinava minimamente com a imagem do personagem rezando e indo embora tranquilamente.

## Pseudônimo

Para assinar essa história, ao invés de usar meu nome verdadeiro, assinei com o pseudônimo, Gian Danton. Havia toda uma história por trás desse pseudônimo. Na época, eu fazia teatro e o diretor do grupo já tinha sido preso no período da ditadura. Ele nos aconselhou:

- Arranjem um pseudônimo. Se a ditadura voltar, até descobrirem quem são vocês, vocês já estão longe.

Eu sei, parece paranoico, mas essa paranoia era comum na época. Todo mundo achava que os militares não iriam aceitar entregar o poder tão tranquilamente e que em algum momento iriam dar um golpe. De fato, dizem, isso quase aconteceu quando da morte de Tancredo e, de novo, quase aconteceu na eleição de 1989. Há relatos de que os quartéis ficaram em prontidão para o caso da eleição de Lula. Na época, cada plantão do Jornal Nacional era um susto, pois acreditava-se que ele traria a notícia do golpe.

Havia outra razão para eu usar um pseudônimo. Na época todo jornal importante tinha uma coluna de quadrinhos. *Folha de S. Paulo*, *Estadão*, *Jornal da Tarde*, *Folha da Tarde*, só para citar alguns. E o jornal *O Liberal*, o mais importante de Belém também queria uma coluna de quadrinhos. Eu fui convidado graças ao contato com



minha professora da UFPA, a Luzia Álvares, que escrevia uma coluna sobre cinema (meus primeiros textos, inclusive, saíram dentro da página dela). Era uma ótima notícia para um calouro do curso de Jornalismo, mas havia um problema: meu nome é Ivan Carlo Andrade de Oliveira e o jornal já tinha três outros Ivans, incluindo um Ivan Oliveira e um Ivan Andrade. Eu seria o quarto Ivan! Minha coluna iria se perder no meio da maré de Ivans do Liberal.

Eu precisava, assim, de um pseudônimo. Mas qual?

1989 era o bicentenário da revolução francesa e eu pensei em homenagear essa revolução, daí surgiu o Danton. Mas qual o primeiro nome? Durante algum tempo eu usei Jean (tenho ainda alguns livros e quadrinhos assinados assim – eu passei a assinar todos os meus quadrinhos desde que fui roubado na escola e o ladrão no dia seguinte apareceu com a minha revista), mas a assinatura não ficava boa. Parecia errado.

Um dia, visitando a biblioteca da UFPA, resolvi pegar um livro de história da arte, um tema que já naquela época me apaixonava (futuramente eu chegaria a lecionar essa disciplina). Folheando as páginas, encontrei o trabalho em escultura de Gian Lorenzo Bernini, o gênio do barroco italiano. Bernini era pintor, escultor, arquiteto, um artista completo. Fez tanto sucesso na época que ter uma escultura assinada por ele virava símbolo de status (Luís XIV tinha duas, incluindo uma equestre).

Estava ali, eu achara o primeiro nome: Gian!

Uma curiosidade sobre isso é que, 20 anos depois, minha mãe comentou comigo:

- Meu filho, eu sempre quis te falar uma coisa, mas sempre esqueço. Você sabia que seu nome era para ser Gian?

Era para eu me chamar Gian Carlo, um típico nome italiano, por conta de um personagem de novela. Poucos dias antes de eu nascer, minha mãe decidira mudar para Ivan Carlo. Aparentemente, era

para eu de fato ter me chamado Gian, tanto que, quando fui escolher um pseudônimo, escolhi justamente esse.

## A história perdida do Puritano

A segunda história da dupla provavelmente foi uma HQ perdida chamada *Puritano*.

O Bené era muito fã do Batman e isso era óbvio no visual do personagem. Puritano era um vigilante que lutava contra satanistas e na primeira e única aventura ele tentava salvar uma garota que seria usada para gerar um filho do demônio.

A história era narrada em primeira pessoa e refletia diretamente as convicções religiosas do personagem, com muitas referências teológicas, como “é o fogo do senhor que purifica os homens e seus pecados”.

O interessante da história é que ela se passa em alguns segundos. O *Puritano* está caindo após destruir uma claraboia, tentando impedir que a prostituta lá embaixo seja sacrificada num culto satânico. A maior parte dos fatos são mostrados em flash back.



Puritano misturava super-heróis com terror. Provavelmente foi o segundo trabalho da dupla. Nenhum editor se interessou em publicar

Lendo agora essa história, percebo que meu texto era claudicante e inseguro, apesar de ter algumas boas sacadas, como “A noite começou estranha. Foi a chuva. A chuva trouxe algo”. Essa metáfora da chuva eu usava em vários momentos, demonstrando que eu já tinha uma noção de que deveria ter uma unidade no texto.

Quando aparece o demônio e insemina a moça, Bené não mostra o que ele está fazendo, mas foca em um close da jovem, em meio a um grito. Inteligentemente eu preferi também não explicar com o texto o que estava acontecendo (deixando isso para a imaginação do leitor). Ao invés disso, foquei na reação da moça: “Você sabe o que ele está fazendo... você sabe onde ele está entrando... mas isso não é o pior. Não. O pior é que você não sente nada. Só nojo”.

No final, o Puritano simplesmente mata a moça para, assim, eliminar o demônio que cresce em seu ventre, o que mostra que ele estava muito mais para um anti-herói do que um herói.

Bené chegou a oferecer essa história para Rodolfo Zalla, que recusou afirmando que não seguia a linha da *Calafrio*. De fato, Puritano não era terror puro, era uma mistura de super-herói com terror, algo que só seria feito anos depois, inclusive pelo compadre em sua fase no Hulk.

## Lendo *Watchmen* em um final de semana

Floresta Negra logo chamou a atenção dos leitores da *Calafrio* e do *Crash*. Recebíamos elogios e mais elogios a respeito dela.

Mais ou menos nessa época o Bené me perguntou se eu já tinha lido Alan Moore. De fato, só tinha lido uma única história, na revista *Novos Titãs*, a segunda HQ da fase de Moore no Monstro do Pântano, na qual ele está catatônico e tem delírios. Provavelmente eu era jovem demais e simplesmente não entendi nada. Dessa forma, não me interessei em ler qualquer outra coisa escrita por Alan Moore.

- Você precisa ler isto aqui! – garantiu Bené, me mostrando os seis números de *Watchmen*, da primeira edição da Abril.

Eu tinha visto os anúncios nas revistas de linha e não tinha me interessado. O desenho parecia muito parado.

- Tem certeza de que isso é bom?

O compadre me ofereceu as revistas.

- Só lê e depois tu me diz.

Comecei a ler, descrente, mas logo estava hipnotizado. Não conseguia parar de ler. E não só os quadrinhos, os textos adicionais também eram incríveis e ajudavam a contar a história. O empréstimo foi num sábado de manhã. Quando passou lá em casa, na segunda-feira de manhã, Bené perguntou se eu já tinha começado a ler.

- Começado? Eu devorei tudo!

- Como assim? Até os anexos?

- Tudo.

A partir daí, comecei a percorrer os sebos em busca de qualquer coisa que encontrasse do Alan Moore – no caso, as revistinhas lançadas da Abril com histórias do Monstro do Pântano. Eu cheguei a fazer algo que para um fã parece uma heresia: cortei as revistas para tirar apenas as histórias do Monstro do Pântano e encadernei em volumes que eram lidos e relidos. Hiper-foco total.

Aqui cabe um parêntese. Bené era muito fã do texto de Alan Moore e sonhava um dia desenhar uma história para ele (posteriormente ele realizaria esse sonho ao desenhar Supreme). Como não podia contar com Alan Moore, ele providenciou para que eu tivesse um estilo parecido com o dele.

Por outro lado, eu sempre fui muito, muito fã de José Luís Garcia-López e sonhava um dia escrever uma história para ele, um sonho impossível, claro. Assim, ao montarmos a dupla Gian-Bené, cada um realizava, de maneira estranha e enviesada, o próprio sonho. Apesar do fato de que Bené também tinha influências de Jack Kirby e Hall

Foster e eu com o tempo ter revelado influências de Neil Gaiman e Grant Morrison, de certa forma era como se eu estivesse escrevendo histórias para Garcia-López e Bené estivesse desenhando histórias para o Alan Moore.

Apesar do sucesso da Floresta Negra, a reação de Rodolfo Zalla com as histórias da dupla não era tão empolgada. Era muito nítido que ele preferia um terror mais convencional e não se agradava das histórias viscerais feitas por mim e pelo Bené. Eu desconfio que ele publicava mais por conta do desenho, tanto que ele nunca comprou um roteiro solo meu. Ainda assim, ele tinha o mérito de perceber que, embora ele não gostasse, os leitores gostavam, e por isso continuava publicando.



Belzebu definiu o nosso estilo narrativo, com uma trama não-linear e texto conversando com o personagem

Depois da Floresta Negra, veio a Zona do Crepúsculo, uma série com histórias isoladas cuja única costura era o velho Assad. Com o sucesso da série, Zalla nos pediu uma história final, que interligasse

todas as histórias. Mais do que isso, ele queria que o Bené fizesse uma capa para a *Calafrio* com referência à história, o que mostra o nível de popularidade dela entre os leitores.

A questão da capa mostra o nível de sintonia que eu e o Bené estávamos. Eu tinha comparecido ao estúdio dele e ele me informara que precisávamos bolar uma capa. Depois disso, cada um ficou em silêncio, olhando para o nada, matutando.

- Já sei! – gritamos em uníssono.

Incrivelmente a capa que eu tinha imaginado era exatamente a mesma capa pensada pelo Bené. A capa mostrava Assad abrindo uma porta e se deparando com várias cenas das histórias anteriores.

Já a história que fecharia a série deu um pouco mais de trabalho. Era necessário alinhar tudo em uma única trama e, ao mesmo tempo fazer uma história com início, meio e fim.

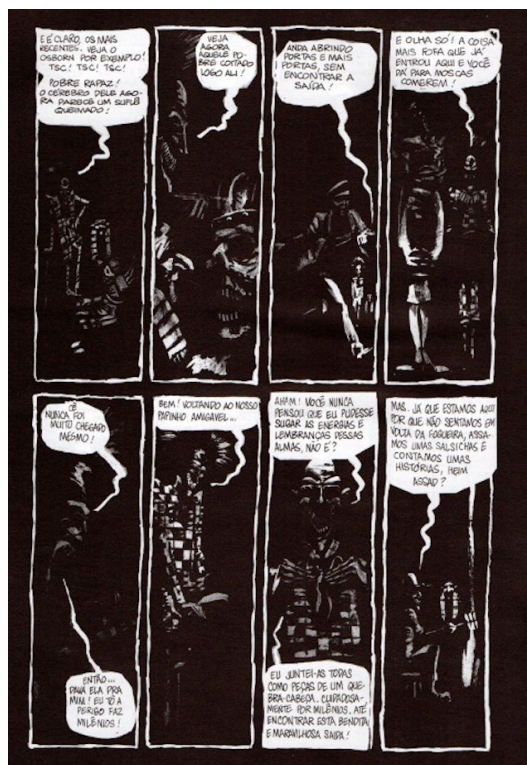
Do ponto de vista do desenho, Bené inovou mais uma vez. Ele resolveu que a sequência em que o velhinho passava para a zona do crepúsculo deveria se diferenciar do restante. Como? Fazendo o desenho em branco sobre fundo preto.

- Essa é uma técnica que poucos dominam. Até hoje só vi o Júlio Shimamoto fazendo. – comentou o compadre, orgulhoso, ao mesmo tempo em que revelava uma das influências para a arte dessa HQ.

Mesmo a sequência normal, era diferenciada, feita com lápis, assim como os flashbacks. Ou seja, parecia que o único limite era a imaginação do artista.

No texto, Monólogo revela forte influência da *Piada Mortal*, que eu tinha lido pouco antes. O demônio é debochado e fala muito, como o Coringa da graphic novel. Ele também muda de forma e vestimenta de acordo com a situação. Ao dizer “Acho que vou escrever um livro”, aparece como O Pensador, de Rodin. Ao dizer “Você andou rodando o mundo, heim?”, aparece como um turista, com bermuda e mala.

Ao final da história, Bené fez uma dedicatória a Alan Moore e Bernie Wrightson (lembro dele me mostrando, todo empolgado, uma história de Wrightson na *Kripta*).



Monólogo costurava as várias histórias da Zona do Crepúsculo. Bené desenhou invertendo o processo: ao invés de tinta preta sobre um fundo branco, tinta branca sobre um fundo preto

Infelizmente, nem a capa nem a história foram publicadas. A *Calafrio* terminou antes e a série ficou sem fecho. Monólogo só seria publicada anos depois, na edição *A hora do crepúsculo*, da editora Nova Sampa.

Uma outra história que mostrava forte influência da Piada Mortal foi A Inspeção. Ela surgiu de uma sugestão minha, de fazermos uma adaptação da peça O inspetor geral, de Gógol, na qual um malandro

chega em um vilarejo e é confundido, pelos corruptos políticos locais, com um inspetor enviado pelo Czar. Eles passam a suborná-lo com todas as regalias possíveis e só descobrem o engano quando chega o verdadeiro inspetor.

Mas como transformar isso em uma trama de terror? A solução foi ambientar a história em um hospício do século XIX. Após sofrerem todo tipo de abuso dos administradores, os internos resolvem convocar um demônio como forma de vingá-los.

O demônio, disfarçado de Inspetor de casa de orates (forma como os hospícios eram chamados à época), chega em um triciclo gigantesco, a ponto de precisar de uma escada para descer.

Os leitores da época podem não ter reparado, mas o artefato desproporcional revela como Bené tinha forte influência do expressionismo alemão, em especial do filme *O gabinete do Dr. Caligari* e seus cenários distorcidos.

Bené tinha visto *Fausto*, de F.W. Murnau e *Metrópolis*, de Fritz Lang, quando era garoto e os cinemas de Belém passavam clássicos. Eu nunca tinha assistido a nenhum filme expressionista, mas conhe-



Inspeção já revelava a influência de filmes expressionistas, como *O Gabinete do Dr. Caligari*



cia o movimento graças a um livro emprestado de crítica de cinema pela professora da UFPA Luzia Álvares (a mesma que tinha sido responsável por minha entrada como colunista no jornal *O Liberal*). A obra era ricamente ilustrada e ajudou a consolidar a paixão pelo visual expressionista. Na mesma época, Tim Burton tinha lançado o primeiro *Batman* e *Edward Mãos de Tesoura*, filmes fortemente calcados no expressionismo e cujo visual teve forte influência sobre nossas HQs.

O demônio-inspetor se apresenta como Alfredo D. Mônio, um trocadilho com a palavra demônio. Suas falas são irônicas e inesperadas:

- Vejamos... então esse é o seu asilo? Vejo que a porta range... há poeira por todos os lados... está tudo muito sujo... é muito úmido... com pouca higiene. Não há iluminação suficiente... e tudo muito escuro... e fúnebre.

- Quer dizer que o senhor? – pergunta o diretor, preocupado.

- Gostei. Gostei muito. – responde o falso inspetor.

Conforme vão passando pelos internos, vão sendo mostradas situações de abuso, em alguns casos em flashbacks – um recurso que aperfeiçoaríamos em histórias posteriores.

Zalla deve ter gostado tanto dessa história que resolveu colocar o falso inspetor na capa com uma chamada: “Destaque deste número: A inspeção”.

Além da *Piada Mortal*, essa história revela a influência da minissérie *Orquídea Negra*, que tinha saído pouco tempo antes. Essa influência se revela, por exemplo, na diagramação de oito quadros por página. Aparece também no texto, com uma única frase dividida por vários quadros, lembrando as poesias visuais do concretismo.

A influência de *Orquídea Negra* iria se revelar em um outro trabalho nunca publicado e perdido da dupla, *Ninguém*. Lembro que um dia Bené chegou comigo comentando sobre alguém que bolara uma história sobre um judeu que voltava da morte e se transformava

em um super-herói para se vingar de nazistas. Parecia uma ideia absurda, especialmente porque super-heróis coloridos não pareciam se encaixar em uma história envolvendo campos de concentração. Mas havia algo interessante ali, na ideia de um judeu voltando da morte para se vingar de nazistas. O nosso personagem, no entanto, não era um homem forte e musculoso trajando malha colorida, mas um homem esquelético vestido com um sobretudo velho.

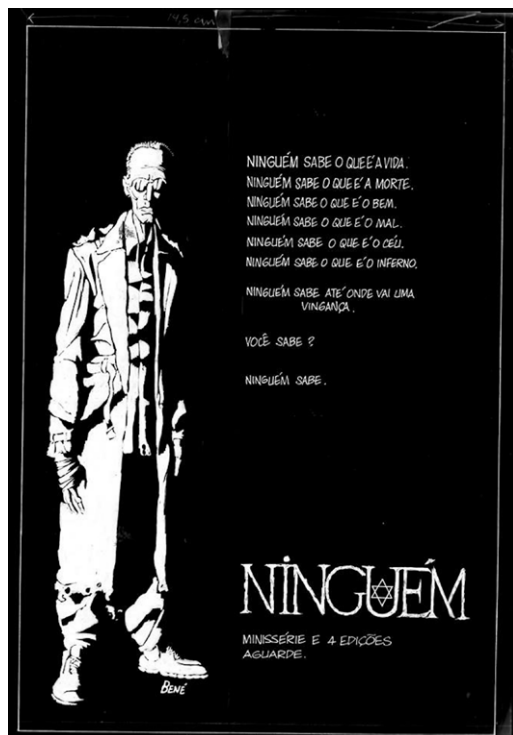
Lembro que havia toda uma sequência que se passava no inferno, mostrado como uma repartição burocrática e expressionista.

Da história sobrou apenas um anúncio que fazia um trocadilho com o nome do personagem ao mesmo tempo que revelava fatos sobre sua trajetória:

Ninguém sabe o que é a vida  
Ninguém sabe o que é a morte  
Ninguém sabe o que é o bem  
Ninguém sabe o que é o mal  
Ninguém sabe o que é o céu  
Ninguém sabe o que é o inferno  
Ninguém sabe até onde vai uma vingança.  
Você sabe?  
Ninguém sabe.

Esse pequeno texto, de duplo sentido, resumia praticamente toda a história do personagem. Afinal, ele havia morrido, havia conhecido o céu, o inferno e retornado para sua vingança.

É uma pena que tenha sido perdido. *Ninguém* era um trabalho de maturidade da dupla e com certeza um dos nossos melhores trabalhos. Mas era também uma história muito ousada para a época. Em um período que dominavam revistas mix com histórias curtas, nós tínhamos pensado uma minissérie, razão pela qual essa história nunca foi publicada.



O anúncio foi a única coisa que sobrou da série *Ninguém*

## O colecionador de quadrinhos

Nós já tínhamos uma certa fama no meio quadrinístico quando um colecionador de quadrinhos de Belém sugeriu que visitássemos sua casa e conhecêssemos sua coleção.

Ele morava em um prédio na região central de Belém e tinha um quarto só para guardar suas revistas, com vários armários entulhados até o teto de quadrinhos.

Antes de mostrar a coleção, ele nos perguntou:

- Vocês já comeram?

Eu e Bené nos entreolhamos e pensamos: “Oba, vai rolar lanche!”.

- Não, não comemos! – respondemos, empolgados.

- Ah, bem. Porque senão eu ia mandar vocês lavarem as mãos!

Quando se certificou de que estávamos com as mãos limpas, ele

liberou o acesso às revistas. E era de fato um tesouro. Ele tinha simplesmente todos os números 1 lançados pela Abril e por várias outras editoras. De super-heróis da Abril, tinha tudo, incluindo as graphic novels e minisséries de luxo.

Uma coisa nos chamou atenção: ele tinha a *Piada Mortal* não só a lançada pela editora Abril, mas também a edição norte-americana, a edição francesa e a espanhola!

Enquanto eu e Bené olhávamos, encantados, comparando as diferenças e semelhanças entre cada edição, ele nos perguntou:

- Isso presta?

- Como assim, isso presta? Você não leu a *Piada Mortal*?

- Não, não li. É bom?

Foi aí que percebemos: ele comprava, mas não lia. O ato de adquirir quadrinhos era só pelo fato de ter, pela posse e pelo status de colecionador.

Era um fato surpreendente e chocante para nós, que contávamos os cobs para comprar quadrinhos e emprestavamos entre nós para que ambos pudessem ter a oportunidade de ler.

A partir daí, toda vez que alguém me perguntava se eu era colecionador de quadrinhos, eu me lembrava daquele indivíduo. E respondia:

- Não, sou leitor de quadrinhos.

## ○ filme nunca realizado

Em 1991 a TV Manchete realizou um concurso de curta-metragens. Os interessados enviavam o roteiro de um filme e os melhores ganhavam uma câmera para produzirem seus curtas.

Óbvio que quem criou o concurso não imaginou que alguém pudesse apresentar a proposta de um vídeo com super-herói, mas o Bené se empolgou assim mesmo. Já tinha até mesmo a ideia de como seria: o nosso herói Penumbra salvando reféns dentro de um ônibus.

Penumbra era um dos personagens surgidos do fascínio do Bené pelo Batman. O outro era o Puritano.

O compadre veio e me contou toda a ideia, do desenvolvimento da trama até o momento apoteótico em que o Penumbra entrava no ônibus quebrando a janela traseira e derrotava os malfeitores.

Eu tinha minhas objeções:

- Mas, Bené, onde é que vamos arranjar um ônibus para filmar isso?

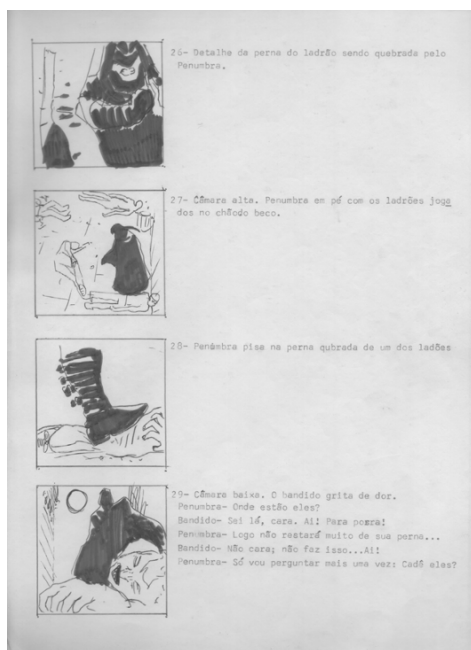
- Compadre, é fácil. A gente vai nas empresas de ônibus. Uma delas vai acabar nos emprestando o ônibus em troca de aparecer como patrocinador.

Eu ainda continuava com dúvidas:

- Tem certeza de que algum dono de empresa vai nos deixar quebrar o ônibus para fazermos esse filme?

- Vai ser só a janela de trás.

- Ah tá... não, espera! Essas janelas são caríssimas!



Penumbra seria o protagonista de um filme nunca realizado da dupla. Só restou o story board

Mesmo assim Bené conseguiu me convencer a escrever o roteiro.

Aliás, ao invés de fazer o roteiro, pulamos direto para o story board! Passamos semanas nisso, discutindo a história, criando as sequências, eu bolando os diálogos.

Ganhamos o prêmio? Nada.

Na verdade, nem mandamos. Nesse meio tempo o Bené já não estava tão certo de que um filme de super-heróis seria bem aceito pelos críticos de cinema que iriam julgar os roteiros... e ainda havia a dificuldade de achar um empresário bom samaritano disposto a nos dar um ônibus para destruir durante as filmagens...

No final, acabou ficando só o *story board* mesmo.

O curioso é que, lendo o roteiro, percebo a forma como contornamos o problema do ônibus. Substituímos ele por algo aparentemente mais fácil de achar em Belém: uma catedral gótica!

## Mephisto – terror negro

Mais ou menos no mesmo período em que a D'arte estava fechando, uma nova editora estava começando a publicar quadrinhos de terror. Tratava-se da ICEA, de Campinas, uma editora até então dedicada apenas a cursos a distância. A pessoa comprava um curso, recebia um livro com média de 300 páginas, fazia uma prova, enviava pelo correio e depois recebia o certificado. Entre os cursos oferecidos pela ICEA estava os de “Criação de peixes”, “Adubação foliar”, “Postagens e forrageadeiras”.

Quem convenceu o dono da ICEA, Gervásio de Souza Cavalcanti, a publicar quadrinhos foi um veterano da década de 1960, Dagoberto Lemos. Gervásio topou, mas colocou uma pessoa de sua confiança, Neusa de Castro Luz, que já trabalhava na edição de livros sobre agronomia.

Quando saiu o primeiro número, Bené enviou amostras de seus trabalhos e recebeu um roteiro. Como sempre, jogou o roteiro fora

e resolveu que criaríamos uma história. Na época, tanto eu quanto o Bené havíamos assistido ao filme *Coração Satânico*, de Alan Parker, e tínhamos ficado impressionados com a abordagem inovadora e visceral, que misturava terror com policial noir.

A empolgação com o filme era tanta que resolvemos fazer uma HQ. O título já deixava clara a referência: *Noir*. Mas, por uma questão de estilo, Bené preferira ambientar a história no futuro, de modo que era um *noir* futurista (provavelmente influência de *Blade Runner*).

Na história, um detetive particular descobre que a irmã foi brutalmente assassinada e tenta descobrir quem é a mulher que, aparentemente, é responsável pelo assassinato. A única pista é uma foto cortada, que parece ter sido deixada ali intencionalmente.

A primeira página já deixava clara a diferença do nosso terror para o terror feito pelos outros autores da revista. Eu costumo chamar de terror visceral, e nesse caso, havia mesmo vísceras expostas, pois o quarto quadro mostra a irmã do detetive estripada, deitada em uma poça de sangue, com as entranhas espalhadas pelo chão. Mais à frente, uma outra imagem seria ainda mais impactante, com uma mulher com as mãos pregadas em uma parede e os órgãos espalhados por uma cama.

Além disso, a arte-final suja, cheia de hachuras que combinavam perfeitamente com o clima pesado da história. A diagramação era totalmente não convencional, com páginas que pareciam um espelho quebrado.

No texto eu procurava emular as narrativas dos filmes noir, com frases como: “Eu trago fundo para engolir uma lágrima. O cigarro queima minha garganta” ou “Eu caminho tentando não respirar o ar viciado como dados de um cassino”.

Lembro que quando vi o resultado, pensei: aquele era um quadrinho que mostrava um passo a mais na evolução da dupla, como se antes estivéssemos Tateando em busca de um estilo e o tivéssemos finalmente o encontrado.



Noir surgiu influenciada pelo filme *Coração Santânico*, de Alan Parker

Mas a história não agradou a Dagoberto, que decidiu não publicar.

Pouco tempo depois, em uma viagem a Campinas, conheci pessoalmente Neuza, a editora, que me contou todo o trâmite para que *Noir* viesse a público. Ela gostara tanto da história que bateu o pé. Com a recusa de Dagoberto, ela foi procurar diretamente o dono da editora, o Senhor Gervásio, que deu razão à funcionária.

A história saiu no número 3 da revista *Mephisto* e chamou atenção, dando razão para a editora. A própria Neuza me relatou que a tiragem era de 30 mil exemplares e as vendas eram na casa dos 10 mil exemplares, ou seja, 30%. Na edição em que a *Noir* foi publicada, a revista vendeu 20 mil exemplares, ou seja, 75% das tiragens... e as cartas recebidas davam a entender que a principal razão para esse sucesso era a *Noir*.

A professora Luzia Alvares comemorou a publicação da história na sua coluna no jornal *O Liberal*: “No último número da revista de quadrinhos ‘Mephisto’, nas bancas, o colaborador deste espaço Gian Danton assina o texto da historinha ‘Noir’, com desenhos do paraen-



se Bené. Está de parabéns a dupla e o Pará que já está exportando ‘now how’ em quadrinhos. Aliás, Gian Danton é o pseudônimo do jovem universitário do curso de Comunicação, Ivan Carlo, por sinal um excelente aluno que eu tive na disciplina que lecionei este ano para aquele curso, ‘Ciências Sociais e Comunicação’”.

Nessa mesma edição saiu a história *O expresso da meia-noite*, de Luiz Eduardo Cardenas (que na época assinava apenas como Luiz Eduardo), nitidamente influenciado pela dupla, inclusive no uso das margens negras.

“O trabalho do Bené me impactou bastante, desde a primeira HQ dele publicada, na Press editorial. Ele sempre teve identidade e força próprias no desenho (sempre foi foda em tudo, um cara acima da média, sem dúvida)”, comentou Cardenas, em uma conversa em aplicativo de mensagem. “A partir do início da colaboração com o Gian, a coisa deslanchou de vez. Com roteiros inovadores e intensos, que exigiam um comprometimento total dos desenhos. É até difícil pôr em palavras a importância dessa parceria. Eu pensei mesmo que todo mundo dentro do gênero de terror passaria a tentar fazer igual. O material era fortemente influenciado pelas HQs do Alan Moore, mas não se limitava a reproduzir características desse estilo. Existia releitura, reinvenção e expansão dos conceitos, num caminho próprio. E caiu como uma bomba na cabeça dos profissionais e dos leitores. Foi um esforço de renovação muito bem sucedido, dentro do mercado nacional. Horror com estilo e substância. E, além de tudo, comercialmente eficaz”.

Neuza, que já estava apaixonada por quadrinhos e começava a entender cada vez mais do assunto, percebeu a semelhança de estilos e escreveu, na sessão de cartas, comentando uma carta de Luiz Eduardo: “Seu trabalho é muito bom, segue a mesma linha do excelente Bené Nascimento, nosso colaborador”.

A viagem na qual conheci Neuza foi uma das mais impactantes de minha vida. Na época, minha avó tinha ido para Minas, visitar

minha tia-madrinha e eu fora encarregado de ir buscá-la. Depois de dez anos era a primeira vez que eu saía de Belém e essa era a minha primeira viagem sozinho.

Como não havia ônibus direto para Lavras, a solução foi pegar um para Belo Horizonte e depois um para minha cidade natal. Só que havia um hiato entre a chegada de um, no início da noite e a saída do outro, no início da manhã. Eu poderia até tentar um hotel, mas o dinheiro era pouco e preferi passar a noite na rodoviária. Lá eu conheci uma velhinha que, de tempos em tempos em tempos, passava a noite na rodoviária. O fato de ter consulta logo cedo e de morar longe era a desculpa, mas até hoje desconfio que na verdade era uma forma de sair de casa e ter contato, conversar com outras pessoas, já que ela passava a maior parte do tempo sozinha. Passamos a noite conversando.

Chegando em Lavras, conheci Lu, o namorado da minha prima e foi simpatia à primeira vista. A família dele morava em uma fazenda no interior de São Paulo e ele iria visitá-los. No caminho, ia passar por Campinas, para visitar uma irmã que morava lá. Ele me perguntou se eu não gostaria de acompanhá-lo e pensei que essa era a situação ideal para conhecer finalmente as editoras para as quais eu trabalhava, como a ICEA e a Nova Sampa, com a qual eu estava tendo os primeiros contatos, afinal, como não havia ônibus direto para Campinas, nós teríamos que passar por São Paulo, capital.

A parte interessante da viagem começou com eu e Lu acordando Franco de Rosa em seu apartamento às seis da manhã. Franco, que era meu editor na Nova Sampa, me dera seu endereço, mas provavelmente nunca esperar que eu fosse bater à porta de seu apartamento tão cedo. Descabelado e com cara de sono, ele nos pediu alguns minutos e ficamos lá, esperando no corredor. Depois fomos tomar café em uma padaria – uma das maiores tradições dos paulistanos.

Finalmente fomos para a sede do estúdio. Eu imaginava uma editora grande, pois já tinha visto fotos da redação da Abril, mas en-



*Companheiros do Crepúsculo* foi um dos frutos da viagem a São Paulo e causou grande impacto nos quadrinistas de Belém

contrei uma casa de dois andares que poderia facilmente passar por uma residência.

Foi um dia incrível, em que Franco me mostrou o processo de impressão das revistas, através de chapas, comemos um peixe ao molho de leite de coco (Franco me explicou que cada dia uma pessoa do estúdio fazia o almoço e naquele dia eu dera sorte porque a pessoa da vez era um baiano).

À certa altura, pegou alguma coisa do armário e me deu, com uma recomendação:

- Se um dia escrever algo tão bom quanto isso aqui, eu tiro o chapéu para você.

Eram os dois álbuns dos *Companheiros do Crepúsculo*, de Bourgeon, um dos melhores autores franceses de todos os tempos. Eu causei um verdadeiro frisson em Belém com aqueles álbuns, pois ninguém conhecia aquele autor. Era de fato um trabalho fenomenal

e acho que nunca escrevi algo tão bom – afinal, a promessa do Franco de tirar o chapéu para mim nunca se concretizou.

Nessa mesma viagem, passei na banca e comprei o número 14 da revista *Monstro do Pântano*. Na época as revistas em formato americano da Abril tinham distribuição setorizada. Distribuía-se primeiro no Sul-Sudeste e depois, o que voltava das bancas, era distribuído para outras regiões. O último número que eu tinha lido era o dez, o único a chegar em Belém àquela altura.

- Preferia quando era publicado em formatinho. – comentei.

Franco pareceu atordoado.

- Como assim, não estou entendendo. Você preferia em formatinho?

- Pelo menos quando era em formatinho, as revistas chegavam regularmente em Belém.

De certa forma eu iria me arrepender da frase. Na história, o Monstro do Pântano, em sua jornada pelo universo, vai parar no planeta Rann.

A história começa com um personagem loiro chegando a um deserto para descobrir que há um shopping ali. Ele corre pelo shopping até chegar ao banheiro, onde um gordo está sentado na descarga, lendo um jornal. O forasteiro o arranca do local a tempo de entrar e sumir no meio de uma luz.

Quando ele finalmente chega ao seu destino, vemos o personagem caído no chão desacordado, em primeiro plano. Em segundo plano, uma mulher corre na direção dele e grita: “Adam! Duss maol qu?”.

Só então descobrimos que o “gringo” é na verdade, o herói espacial Adam Strange. Enquanto ia para Ram, no raio Zeta, o personagem colidira com o Monstro do Pântano, que havia sido coletado pelo mesmo raio.

O Monstro vai para a cidade, na tentativa de encontrar com o terrestre, mas é confundido com um monstro e “morto” por Strange numa bela sequência de ação.

Para além da competência de Rich Veitch e Alfredo Alcalá, o que se destaca mesmo é a inventividade revolucionária do roteiro de Alan Moore.

Moore simplesmente inventou uma língua para os habitantes de Rann com suas regras e sintaxe. Mais do que isso: ressignificou a presença de Strange em Rann. Nas histórias clássicas ele é apenas um herói espacial que ajuda o planeta contra monstros e tiranos espaciais. Mas, na versão de Moore, a guerra nuclear tornou o planeta estéril, assim como seus habitantes. Assim, sua missão é, na verdade, engravidar a princesa Alanna.

A história, lida na volta para Lavras, era mágica por muitas razões. A primeira delas, claro, o fato de eu estar lendo algo novo de Alan Moore. Mas havia toda uma mítica envolvida. Moore se dera ao trabalho de criar uma língua para os alienígenas. Era também uma releitura-homenagem a heróis clássicos, algo que Alan Moore faria muito nos anos seguintes, com destaque para *O que aconteceu com o homem de aço* e toda a sua fase à frente do personagem *Supreme*.



*Monstro do Pântano* e *Cripta do Terror* embalaram minha viagem de volta para Lavras. Ambas as publicações tiveram grande influência sobre meus trabalhos posteriores

Anos depois eu teria a oportunidade de fazer algo semelhante, ao produzir uma releitura-homenagem ao Astronauta, de Maurício de Sousa, no álbum *MSP+50*. De certa forma, meu trabalho com o Capi-tão Gralha também era um eco do fascínio provocado por essa história.

Embora eu goste muito de tudo que Moore fez no *Monstro do Pântano*, até hoje essa história é especial para mim, afinal ela fez parte de uma viagem mágica.

Na mesma viagem (creio até que na mesma banca), comprei a *Cripta do Terror*, revista da Record que republicava os quadrinhos clássicos de terror da EC Comics.

Ao ler, eu finalmente entendi o tipo de terror clássico que Zalla tanto apreciava, inclusive com os finais surpresa.

Mas, ao contrário de muitas histórias com plot twist previsíveis, as histórias da *Cripta* eram sempre surpreendentes. Elas literalmente puxavam seu tapete. E, apesar de serem histórias da década de 1950, eram também revolucionárias mesmo para um leitor da década de 1990. Havia, por exemplo, uma história que acabava e só íamos descobrir de fato qual tinha sido seu final na história seguinte, aparentemente não relacionada, como é o caso de *Um é pouco e Dois é demais*.

*Companheiros do Crepúsculo*, *Cripta*, *Monstro do Pântano*. Aquela viagem foi repleta de leituras que iriam influenciar decididamente meu estilo dali em diante.

## Passando vergonha no jornal

De vez em quando, no auge da produção de quadrinhos da dupla Gian-Bené, alguém nos procurava para fazer matérias de jornais. Era sempre uma roubada. A maioria dos jornalistas não sabia nada sobre HQs além da *Turma da Mônica*, mas uma das jornalistas que nos entrevistou, na casa do Bené na cidade nova, ganhou todos os records.

A moça não conhecia nada de nosso trabalho e sua primeira pergunta foi:

- Então vocês fazem bonequinhos?
- Não, nós não fazemos bonequinhos.
- Não estou entendendo nada. Na pauta diz que vocês fazem quadrinhos!

Por mais que tentássemos explicar, ela não conseguia entender que existiam quadrinhos que não eram para crianças. Aparentemente, tudo que ela conhecia de quadrinhos era *Turma da Mônica*, de modo que ela ficava voltando para a primeira pergunta:

- Então vocês fazem bonequinhos?

Se o texto não era dos melhores, a fotografia também não ajudava. Bené, usava uma camiseta extremamente apertada, especialmente se considerarmos que sempre foi musculoso e eu, magrelo, usava uma camisa super-folgada. Dava a impressão de que tínhamos trocado de roupa um com o outro na hora da foto, ou que o defunto era menor, ou maior, de acordo com o caso. Ao menos aparecíamos sorrindo e folheando nossos quadrinhos.

Em outra matéria fomos entrevistados na própria sede do jornal. Na época, o conceito de foto para caderno de cultura era fotografar os entrevistados com o olhar mais assustado possível – exatamente como se fazia nas matérias policiais. Éramos a perfeita ilustração de dois malacos fugitivos finalmente aprisionados pela polícia.

## Decadence

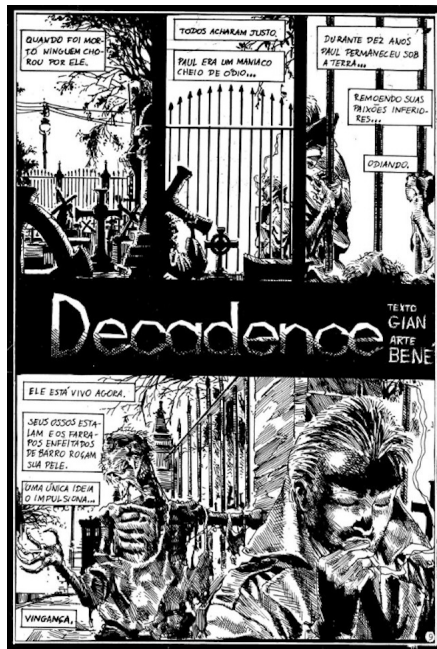
O sucesso de *Noir* fez com que virássemos, de certa forma, estrelas dentro da ICEA, a ponto de nos darem carta branca para nossa história seguinte. Eu e Bené resolvemos aproveitar a liberdade e fazer da história um manifesto para o novo tipo de terror que estava-

mos inaugurando no Brasil. Mas tinha também que ser uma história de terror, que tivesse início, meio e fim.

Passamos dias quebrando a cabeça de como isso poderia ser feito, sem resultado.

Até que eu tive um sonho. Era como se estivesse vendo e ao mesmo tempo dirigindo um filme. Nele, John Constantine andava pela cidade, sendo atacado por vários monstros clássicos: zumbis, vampiros, lobisomens e era sempre salvo pela sorte (lembro que eu e Bené tínhamos tido uma conversa na qual chegamos à conclusão de que o único poder de fato do bruxo inglês era a astúcia e a sorte). No momento final, ele era salvo pelo Monstro do Pântano e eles tinham uma conversa sobre o gênero terror.

Foi um sonho tão vívido que quando acordei, fiz um rafe da história, já mostrando não só a diagramação, mas também as posições dos personagens.



A ideia para *Decadence* surgiu de um sonho. Era uma HQ manifesto



Eu e Bené sempre usamos o método Marvel. Nós discutíamos a história, o Bené muitas vezes durante a discussão ia desenhando o rafe e quando terminava eu colocava o texto. *Decadence* foi a única vez em que o processo foi invertido. O compadre gostou tanto do meu rafe que acabou seguindo-o fielmente na história.

Se *Floreta Negra* representou para o Bené o ponto de virada de sua maturidade artística, isso aconteceu comigo em *Decadence*. Lembro as histórias anteriores, geralmente gosto dos textos, mas sempre há algo que me incomoda, algo que eu faria diferente. Em *Decadence*, meu texto chegou a um ponto de segurança, de saber exatamente o que estava fazendo.

A história começa com Constantine passando na frente de um cemitério e um zumbi andando na direção dele. Era um zumbi do tipo antigo, da época em que zumbis eram representados como mortos que se levantavam e voltavam a andar entre os vivos, e, inteligentemente, o compadre o fez com uma mandíbula caída, a carne apodrecida. “Ele está vivo agora”, diz o texto. “Seus ossos estalam e os farrapos enfeitados de barro roçam sua pele”.

Há uma imagem aqui, que deve ter surgido em meu sonho, que o zumbi era alguém que vira muitas pessoas comparecerem ao cemitério e chorarem por seus entes queridos, mas nenhuma lágrima havia sido derramada por ele. Essa imagem aparece na primeira e na segunda página: “Ninguém nunca chorou por mim... a não ser eu”. Nessa última parte, o zumbi é atropelado e seus pedaços se espalham pelo asfalto. A imagem é vista na altura do chão e podemos perceber Constantine se afastando em segundo plano.

A ameaça seguinte é um lobisomem e essa, creio, foi uma sacada do Bené: colocá-lo com o rosto de Alan Moore. O monstro acaba sendo empalado por uma cerca quando tenta atacar o bruxo.

A seguir temos uma múmia. Uma mosca pousara em seu nariz e ela, ao coçar, percebera que estava viva novamente... e claro, sai do

museu diretamente para atacar Constantine, mas acaba caindo em um bueiro. O texto é irônico: “Havia chegado o dia dos deuses renascerem... o dia da glória eterna”.

A ameaça seguinte é um vampiro, que acaba sendo morto com grande facilidade pelo Monstro do Pântano. É interessante destacar que tanto a múmia quanto o lobisomem e a vampiro são apresentados em seus visuais clássicos, conhecidos dos fãs de cinema e de quadrinhos.

“Quem era aquele?”, pergunta o Monstro do Pântano. “Um desses monstros obsoletos”, responde Constantine. “Não se preocupe com isso. Há algo importante para nós na Guatemala!”. “Não entendo! Eles eram importantes até há pouco tempo”.

A resposta de Constantine era a síntese da história: “Mas deixarão de ser se o padrão não for mudado”. A frase continha toda a nossa ideia de que era necessário mudar o padrão das histórias de terror, inclusive dos personagens clássicos, e que essa era a única forma de alcançar as novas gerações e garantir a sobrevivência do gênero.

*Decadence* saiu na revista *Mephisto – terror negro* número 4. Como não tenho essa revista, recentemente eu pesquisei na internet para comprar. Descobri que ela está cotada em 50 reais. Em termos de comparação, a número 1 do mesmo título está cotada em 12 reais. Nossa história valorizou a revista entre os colecionadores em quase 400%.

Para nossa surpresa, *Decadence* foi muito bem recebida pela ICEA, tanto que nos ofereceram a oportunidade de ter nossa própria revista, com aquele tipo de terror que havíamos defendido na HQ.

O que nós não sabíamos é que o resultado disso iria decretar o fim da aventura da ICEA na área de quadrinhos.

## Arkanus – a revista que nunca existiu

Eu costumo brincar que Bené Nascimento é o único cara que, sozinho, conseguiu falir uma editora.

Com o sucesso da *Noir* e *Decadence*, a ICEA nos convidou a produzir uma revista com nosso tipo de terror, mas não era possível preencher uma revista só com HQs nossas, assim começamos uma caça por quadrinistas que tivessem um estilo parecido com o nosso. Uma das primeiras escolhas foi o Luiz Eduardo Cardenas. Havia um outro desenhista que publicava ocasionalmente em revistas de terror que tinha um estilo muito calcado no Brian Bolland que também parecia se encaixar na nossa proposta.

Foi uma trabalhadeira conseguir o contato de todo mundo. Naquela época pré-internet, a forma de contato mais rápida era o telefone. Como nem eu nem o Bené tínhamos telefone em casa, ligávamos de um telefone público explicando o projeto e pedindo xerox de histórias inéditas para montarmos a boneca. Para quem não é do ramo, boneca é uma prévia da publicação para ser apresentada aos editores ou donos da editora. Hoje em dia ela é feita no computador, mas naquela época ela era feita com xerox de histórias e montada a mão.

O nome da revista se chamaria *Arkanus*.

Quando recebemos as xerox, passamos um final de semana inteira montando a boneca. O Bené fez uma prévia de capa, eu escrevi um editorial, foi uma trabalhadeira.

No domingo à

noite estava tudo pronto e fui para casa. O Bené me prometera que na segunda de manhã a boneca já seria postada no Correio.

Na segunda apareci na casa dele:

- Compadre, já colocou o pacote no correio?
- Não compadre. Tenho uma notícia ruim.

- Como assim, uma notícia ruim? Não consegui postar a boneca?

- Não, não foi isso, é que um primo apareceu aqui e pediu para levar para casa.

Entrei em desespero:

- Como assim, compadre? Você emprestou a boneca? Me diz onde esse seu primo mora e vamos agora mesmo lá buscar a boneca.

- Compadre, essa não é a notícia ruim!

Olhei, desconfiado:

- Como assim, essa não é a notícia ruim?

- Ele perdeu a boneca. Esqueceu no ônibus!

Eu já conhecia a incapacidade do Bené de dizer não. Se alguém fosse no estúdio dele e pedisse um original, ele simplesmente dava. As revistas que publicava seus trabalhos, então, ele não guardava uma. Mas daquela vez essa incapacidade jogara no lixo a possibilidade de termos nossa própria revista de terror, com nosso estilo.

Mas a história teve desdobramentos.

A ICEA já tinha se comprometido com a distribuidora a lançar mais uma revista. Como a *Arkanus* furou, resolveram colocar uma coletânea do *Raio Negro* no lugar. Esse personagem tinha sido criado por Gedeone Malagola e feito um sucesso relativo na década de 1960 e poderia até ter vendido bem em outra época. Mas estávamos no início dos anos 1990, um período em que os leitores tinham acabado de conhecer *Cavaleiro das Trevas*, *Watchmen*, *Miracleman*. Caras como Alan Moore, Grant Morrison e Frank Miller estavam revolucionando os super-heróis. Não havia espaço para um herói com histórias tão simples quanto as do *Raio Negro*.

O resultado disso é que a edição vendeu apenas 10% da tiragem, provavelmente comprada por leitores nostálgicos que haviam conhecido o personagem na década de 1960.

O prejuízo foi tão grande que a ICEA simplesmente decidiu abandonar o ramo dos quadrinhos.



Arkanus seria uma revista dedicada  
ao nosso tipo de horror

## Dupla criativa

No livro *A história secreta da criatividade*, Kevin Ashton defende que, ao contrário do que se imagina, as melhores duplas criativas são formadas por pessoas muito diferentes entre si.

E dificilmente eu conseguiria imaginar pessoas tão diferentes quando eu e Bené, uma diferença que, na época da dupla, se destacava até visualmente e em termos de vestimenta. Há uma matéria conosco no jornal *O Liberal* em que o compadre, musculoso, está usando uma camiseta tão apertada que parece prestes a estourar no seu peito e eu, magrelo, estou usando uma camisa que parece ter pertencido a alguém pelo menos vinte quilos maior que eu.

Bené sempre foi extrovertido, o tipo que se sente bem em qualquer cenário, sendo o centro das conversas e atenções. Eu, ao contrário, sempre fui introvertido e reservado, o tipo que numa festa provavelmente vai ser encontrado lendo algum livro do proprietário.



A diferença física entre nós era visível até mesmo nas fotos de jornais

Essas diferenças se revelavam até mesmo no processo criativo. Bené, como o seu ídolo Jack Kirby, era uma máquina de ideias. Ele simplesmente jorrava conceitos e tinha uma capacidade extraordinária de pensar narrativas visuais. Quando me contava suas ideias, ele não só narrava as mesmas, mas também a forma como elas seriam visualmente apresentadas, com ângulos e planos. Mas, em comunhão com essa fornalha de ideias, também havia uma indecisão crônica. A boa ideia de manhã era considerada uma péssima ideia de tarde.

Eu, ao contrário, levo um longo tempo elaborando a trama e até mesmo burilando o texto (para quem acha que escrevo muito, isso está muito mais relacionado à disciplina do que a uma velocidade real). Cada história que crio é um verdadeiro parto, um processo que pode durar meses ou até anos, como nos casos dos meus romances. Eu não sento para escrever antes de ter todo o texto na cabeça, já muito bem definido e às vezes chego a passar longo tempo pensando em uma única frase.

Além disso, enquanto Bené se preocupa essencialmente com a ação, eu estou mais preocupado com os personagens e seus sentimentos. Enquanto Bené está preocupado que a história seja empol-

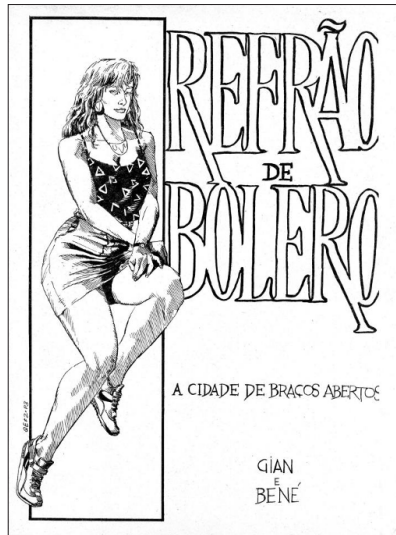
gante, eu estou preocupado que a história faça sentido, que toda as peças se encaixem.

Essa junção de visões é que fazia a diferença em nossas HQs, de modo que um completava o outro.

O nosso método de trabalho era o *Marvel way*, de uma forma que devia ser muito semelhante ao que Stan Lee e Jack Kirby faziam. Nós discutíamos a história. Uma vez estabelecidos os conceitos principais, o Bené se sentava e fazia o rafe – eu ficava impressionado com a rapidez com que ele fazia isso. A narrativa visual simplesmente jorrava da caneta. Eu, ao contrário, ficava longo tempo olhando as páginas, burilando a narrativa, pensando no que podia fazer. Quando sentava, já tinha normalmente todo o texto na cabeça, ou pelo menos boa parte dele.

Todas as características do nosso processo criativo aparecem naquela história que tanto eu quanto o Bené consideramos a nossa melhor – *Refrão de Bolero*. A história tinha sido criada a partir da música dos Engenheiros do Hawaii em especial do trecho: “Um erro assim tão vulgar nos persegue a noite inteira e quando acaba a bebedeira ele consegue nos achar”, que aparece na última parte. Sim, nós criamos toda uma história a partir de uma citação que só faria sentido quando o leitor lesse a última página.

Além da música dos Engenheiros, a história surgiu de um fato concreto: o dia em que eu fui assaltado. Eu tinha ido na biblioteca pública do Centur devolver um livro sem perceber que era quarta-feira de cinzas, e portanto, feriado. Quando estava na parada para voltar para casa, um homem se aproximou com uma faca e exigiu o relógio. Eu levei um longo tempo para perceber o perigo da situação, tanto que cheguei a puxar o relógio de volta. Finalmente, ele conseguiu o item e entrou em um taxi onde um comparsa o esperava. Provavelmente eles tinham sequestrado o taxista para realizarem esses pequenos assaltos.



Refrão de Bolero surgiu de um fato específico: o dia em que fui assaltado. O título era uma referência à música dos Engenheiros do Hawaii, cuja letra resumia a trama

Dali fui direto para a casa do compadre, onde não só contei o que tinha acontecido e começamos a discutir sobre como esse lado violento de Belém não aparecia nas propagandas de turismo.

Juntamos isso com a música dos Engenheiros e surgiu a *Refrão de Bolero*.

Na história, uma garota foge para Belém depois de se envolver com um traficante em São Paulo. O pai, aborrecido, dá a ela um cartão de crédito, uma conta no banco com dinheiro e a ordem de nunca mais aparecer na frente dele.

No começo, Belém parece uma cidade de cartão postal com suas belezas e sua gente (a história começa com a protagonista tendo uma relação lésbica com uma nortista – lembrem-se, era uma história erótica).

Tudo muda quando ela é assaltada na Praça da República, em Belém. O ladrão não só leva seus cartões e seus documentos, como ainda corta sua mão. Ao voltar ao hotel, ela descobre que alguém já fechou a sua conta e levou suas coisas.



Assim, ela está sozinha em uma cidade desconhecida, sem dinheiro e sem qualquer meio de subsistência.

O texto revelava aquele meu cuidado de só começar a escrever depois de ter pensado em tudo, de forma que o cartão postal do início reaparece no final com outro significado quando Ana diz que já teve muitas coisas, mas agora só tem um corte na mão e uma cidade de cartão postal.

Na segunda parte, Ana conhece uma prostituta que a introduz na profissão (lembrem-se: era uma história para ser publicada em uma revista erótica). A segunda parte termina com a amiga sendo morta pelo cafetão.

A terceira parte revelou bem as tensões criativas da dupla e a forma como cada um lidava com sua própria criatividade.

Na versão de Bené, Ana se transformava em uma vingadora, matando o cafetão. Na minha versão, isso quebrava todo o sentido da trama, em especial a reviravolta final. Assim, para mim, Ana entrava numa escalada de depressão após a morte da amiga e se tornava uma mendiga, até ser resgatada por um ex-namorado, o que iria gerar o plot twist final.

Chegamos num impasse. Bené insistia que a versão dele era melhor. Eu, ressabiado, não insisti. Eu sabia que ele mudava de opinião diversas vezes e simplesmente dei tempo ao tempo. De tarde ele apareceu lá em casa me dizendo que de fato, transformar Ana em uma vingadora ia quebrar todo o impacto do plot twist.

Esse foi um caso em que a minha versão prevaleceu. Havia casos em que era a versão do Bené que prevalecia, mas sempre havia essa tensão criativa, que começava com discordância e terminava com uma versão que agradava aos dois. Dizem que algo semelhante acontecia com John Byrne e Chris Claremont, com a diferença de que os dois nem sempre conseguiam chegar a esse meio termo.

Uma curiosidade sobre o nosso processo criativo é que grande parte das nossas histórias foram criadas embaixo de uma árvore que ficava na frente da minha casa, do outro lado da rua. Nessa época eu

tinha um quarto separado da casa, mas o Bené era grande demais para o local. Como minha avó se escondia no quarto toda vez que aparecia alguém que não era da família, para não incomodá-la, eu evitava levar o Bené para dentro de casa. Assim, restava a árvore, que aliás, parecia um local inspirador.

Um dia Bené me contou que em Nova York havia uma lanchonete na qual Stan Lee e Jack Kirby se encontravam para comer e conversar. Quando a Marvel se tornou um sucesso, o dono colocou uma plaquinha na mesa em que eles se sentavam: “Aqui Stan e Jack Kirby criaram suas melhores histórias”.

- Um dia vão colocar uma plaquinha nesta árvore. – apostou o compadre. Vai estar escrito na placa: “Aqui Gian Danton e Bené Nascimento criaram suas melhores histórias”.

Infelizmente, anos depois, quando voltamos ao local para tirar uma foto, tinham cortado a árvore. O sonho da plaquinha nunca vai se realizar, mas tiramos foto em uma árvore parecida, nas proximidades.



A árvore das ideias foi cortada. O jeito foi tirar a foto em uma árvore parecida, nas proximidades

# O FALSO GIAN DANTON

Arte do real:  
JJ Marreiro

ÁRVORE  
das IDÉIAS

UOLÁ  
PRÓPRIO

COMIDA

NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1990, EM BELÉM-PA, BENÉ E EU PRODUZÍAMOS HQS PUBLICADAS EM REVISTAS DE CIRCULAÇÃO NACIONAL.

MINHAS HISTÓRIAS COM O BENÉ FAZIAM SUCESSO NAS BANCAS.

Roteiro do Verdadeiro:  
Gian Danton





NESSE MEIO TEMPO, ELE PEDIU EMPRÉSTIMOS PARA VÁRIAS PESSOAS.

ALGUM TEMPO DEPOIS, ELE SUMIU, LEVANDO O DINHEIRO DOS EMPRÉSTIMOS E TUDO QUE CONSEGUIU CARREGAR DA CASA ONDE ESTAVA HOSPEDADO.



DURANTE ANOS, O PESSOAL DE QUADRINHOS JURAVA QUE GIAN DANTON ERA UM TREMENDO DE UM CALOTEIRO...



ro Gian Danton?  
ão aquele lá era...

-Era um psicopata,  
que se fez passar  
por mim.  
Mais um psicopata  
para a minha lista.

— FIM —

roteiro pág 02  
roteiro pág 01

## Capítulo 4

# O curso de quadrinhos e o Ponto de Fuga

### Passando vergonha na rua mais chique de Belém

Com o fim da D'arte e da ICEA eu e Bené nos vimos em maus lençóis. Além da retração do mercado de quadrinhos, havia uma quebra-de-ra geral de empresas provocada pelo plano Collor, que tirou dinheiro de circulação do mercado. O Bené geralmente conseguia empregos em escritórios de arquitetura ou agências de publicidade (ele tinha uma capacidade incrível para fazer desenhos arquitetônicos e uma memória fotográfica), mas nem esses mercados estavam contratando.

Foi quando alguém me disse que o Centur estava aceitando propostas de oficinais culturais. Rato de biblioteca, eu já conhecia boa parte dos funcionários do Centur, onde funcionava a biblioteca.

Então lá fomos, eu e o Bené, conversar com a pessoa responsável por esse setor, que gostou muito da proposta, afinal Belém nunca tinha tido um curso de quadrinhos.

Hoje em dia é estranho pensar que gastamos a manhã inteira em algo que poderia ter sido resolvido com algumas mensagens de aplicativo, mas foi o que aconteceu. Quando saímos da reunião, eu e Bené estávamos varados de fome. O local mais próximo para comprar uma boia era uma padaria na Brás de Aguiar.

Naquela época anterior aos shoppings, a Brás de Aguiar era a rua mais elegante de Belém, onde ficavam as lojas de grife, os restaurantes e a Padaria Camões, a mais tradicional da capital paraense, onde

peessoas elegantes tomavam o café e conversavam sentadas ao redor de mesinhas.

Chegamos lá, os dois pés-rapados e pedimos um pão baguete dividido ao meio.

O atendente estranhou:

- Não querem que passe manteiga?

Eu e Bené nos entreolhamos. O dinheiro que tínhamos mal dava para a passagem de ônibus para voltar para casa.

- Não, sem manteiga, só o pão mesmo.

- Vocês que mandam. Querem algo para beber?

- Você nos consegue dois copos de água da torneira?

E ficamos lá, na padaria mais chique e tradicional de Belém, comendo pão seco com água da torneira, sob o olhar desconfiado dos outros clientes e dos funcionários.

## Ponto de Fuga

O curso de quadrinhos acontecia durante os sábados à tarde e, como era novidade, houve uma grande procura. Gente que hoje em dia é fundamental na história dos quadrinhos paraenses, como o Andrei Miralha, foram alunos.

Já na proposta do curso eu falava da possibilidade de criar um movimento de quadrinhos em Belém a partir da oficina. E de fato isso aconteceu. Quando terminava a aula, subíamos para o saguão do Centur e ficávamos lá, conversando sobre quadrinhos e gestando um grupo, que acabou se chamando Ponto de Fuga.

O encerramento do curso foi marcado por uma noite em uma pizzaria na qual compareceram até gente que não fazia parte do mesmo. Estava ali a nata dos quadrinhos paraenses: Andrei Miralha, Paulino, Marcelo Marat, Bené, eu, Alan Noronha e muitos outros.



Quando terminava a oficina de quadrinhos, nós ficávamos sentados no hall do Centur, fazendo planos e gestando o que seria o primeiro grupo de quadrinhos do Pará, o Ponto de Fuga

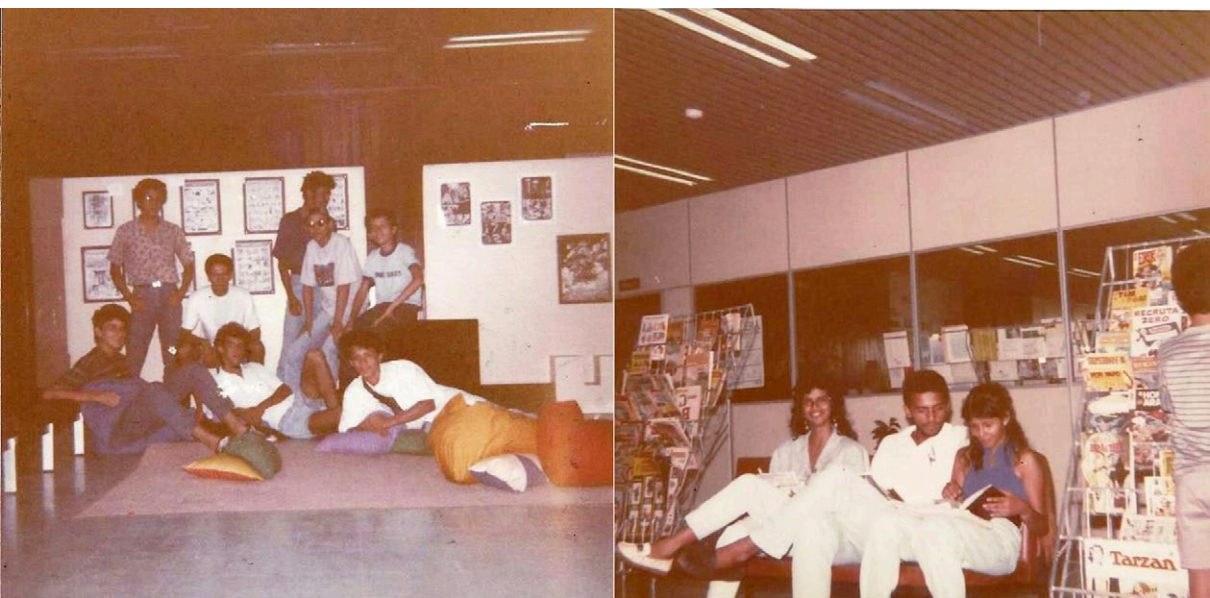
O nome do grupo era uma referência à técnica de perspectiva, mas carregava também uma forte simbologia. O grupo era um ponto de fuga para todos nós diante de todas as dificuldades e incompreensões da sociedade e até da família. Era um local onde poderíamos nos refugiar juntamente com outras pessoas que compartilhavam da mesma paixão pelos quadrinhos.

Criado o grupo, a primeira iniciativa foi fazer uma exposição para marcar a criação do Ponto de Fuga. Essa exposição aconteceu no salão da Biblioteca pública Arthur Viana em setembro de 1991. Além dos originais de quadrinhos expostos, havia as revistas em quadrinhos do acervo da biblioteca infantil (aquele mesmo que descobrira e que estava ajudando os bibliotecários a catalogarem). Bené colaborou com uma imagem do Rorschach em tamanho A3, em aguada, que foi colocada no painel principal da exposição.

Foi um sucesso.

A biblioteca era um local pelo qual passavam milhares de pessoas todos os dias, de modo que a exposição chamou muita atenção, inclusive de pessoas que também tinham o desejo de fazer quadrinhos e se juntaram ao grupo. Também houve uma boa repercussão na mí-

dia (eu fazia jornalismo na UFPA e agia como assessor de imprensa do grupo). Aliás, virou uma tradição fazer, todo ano, uma exposição ou um grande evento com palestras, geralmente no Dia do Quadrinho Nacional.



A mostra de quadrinhos incluía exposição de originais e um espaço de leitura, com acervo da Biblioteca Pública Arthur Viana

Mas o grupo precisava também ter um fanzine. O número zero foi montado por mim e pelo Marcelo Marat no quartinho onde eu morava. A capa mostrava um palhaço triste atirando contra a própria cabeça sob risos da plateia. Impossível uma capa mais depressiva.

Como faltou algo para colocar na contracapa, fizemos uma colagem de diversos quadrinhos estrangeiros (de Príncipe Valente a Fantasma e Terry e os piratas), o que foi muito criticado. A partir daí, o fanzine passou a ter sempre, em toda as suas páginas, material local.

O zine tinha duas histórias, ambas escritas por mim, *O estrangeiro* e *Dos restos*.



*O estrangeiro*, desenhada por Rubem Charles, um garoto de doze anos que aparecera durante a primeira exposição do grupo, era baseado na notícia de um naufrágio no qual havia morrido várias pessoas. Os naufrágios na época eram muito comuns. Outra coisa muito comum era o fato de que os donos dos barcos normalmente conseguiam se safar na justiça.

A história era fortemente influenciada pela estética de *Watchmen*, com nove quadros por página e a repetição de elementos, como um jornal com a manchete “Haverá justiça?”. Como na época eu já começara a pesquisar sobre teoria do caos, isso já aparece na história na forma de reflexões do personagem: “Eu observo a podridão... a violência... e a sujeira... formas fractais... espalhadas num mar de caos”.

*Dos restos* era uma história simples, sobre uma garota fugindo de uma criatura mutante surgida do lixo. Os desenhos eram de Alan Yango, hoje famoso em Belém, principalmente graças ao seu personagem *Máximus*.

As duas histórias tinham margens negras, o que revela a influência que Bené tinha sobre os quadrinistas paraenses.



Eu e Marcelo Marat editamos o número zero do fanzine *Ponto de Fuga*. A edição tinha duas histórias com roteiro meu: *O estrangeiro* e *Dos restos*. Para baixar, clique [aqui](#)

O fanzine também contava com um texto de Alan Noronha sobre o uso de músicas nos quadrinhos intitulado, não por coincidência, “Sinfonia do caos”.

Alan Noronha andava tanto comigo que muitas pessoas juravam que nós éramos irmãos. Contribuía para isso o fato de ambos sermos altos (exatamente a mesma altura, 1,83) e magros. Alan de fato era o irmão eu que nunca tive, uma pessoa incrivelmente criativa e atendida. Ambos participávamos não só do Ponto de Fuga, mas também de um grupo de teatro que havíamos criado, Os argonautas. Os dois grupos eram tão interligados que era comum o pessoal sair da reunião do Ponto de Fuga, no sábado à tarde, na Fundação Curro Velho, e ir direto para os ensaios do grupo de Teatro, na Cidade Nova, em Ananindeua.

Eu e Alan passávamos longe de sermos bons atores, mas compensávamos com a criatividade. Em uma visita ao sítio dos Hare Krishna, por exemplo, para agradecer a hospitalidade e a ótima comida, bolamos uma peça na qual um casal matava o coelho de uma menina e fazia um ensopado – depois ainda tentavam convencê-la a comer. O tema, claro, era o vegetarianismo.

Uma peça que apresentamos em diversos locais foi o Mestre das Máscaras. A característica do personagem era “tirar as máscaras” dos personagens, revelando suas verdadeiras personalidades. Um machão violento, por exemplo, se revelava alguém inseguro. Essa peça foi apresentada no dia 1º de maio de 1992, em um protesto de um grupo anarquista.

A principal peça do grupo era nada menos que uma adaptação não autorizada de *Moonshadow*, a série de J.M. de Matteis. Para evitar problemas, renomeamos como *Canção de Inocência*. A peça foi encenada no Teatro Waldemar Henrique, na Praça da República, em Belém. Alan fazia o personagem principal, o Sombra da Lua. Eu fazia o narrador e qualquer outro personagem menor que aparecesse por alguns minutos no palco.

# A sombra da lua. Desperta.

Com a adaptação de Manoel de Barros para o teatro, o grupo paraense Argonautas repete uma experiência teatral apenas uma vez no Brasil. Trata-se de um cronológico de histórias a intenção de tratar o Ecológico como uma forma de conscientização política.

Não há tempo para a lua e a lua não há tempo para o homem. O grupo paraense Argonautas repete uma experiência teatral apenas uma vez no Brasil. Trata-se de um cronológico de histórias a intenção de tratar o Ecológico como uma forma de conscientização política.



A viagem nos ramos da natureza

Argonautas, um grupo de teatro paraense, apresenta a adaptação de Manoel de Barros para o teatro, o grupo paraense Argonautas repete uma experiência teatral apenas uma vez no Brasil. Trata-se de um cronológico de histórias a intenção de tratar o Ecológico como uma forma de conscientização política.



O grupo "Os argonautas" chegou a fazer uma adaptação não oficial de *Moonshadow*. Metade do grupo também fazia parte do Ponto de Fuga

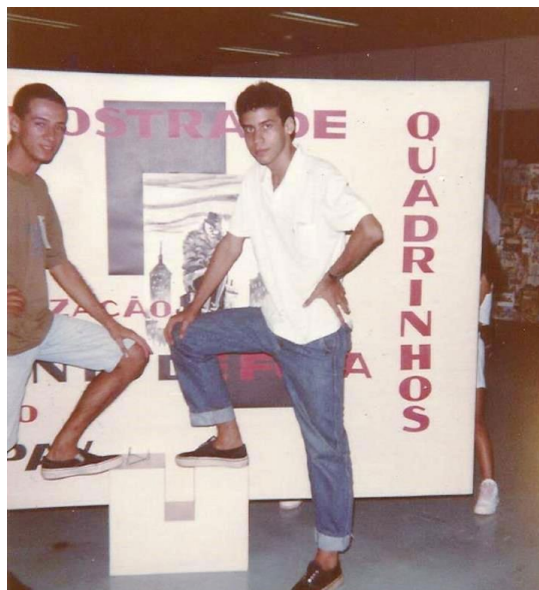
Outra referência direta aos quadrinhos foi a peça Os três caboclos (uma versão paraense dos Los três amigos, de Laerte, Glauco e Angeli) apresentada em um evento de quadrinhos no ano de 1992.

Os argonautas eram um grupo anarquista e, como tal, não tínhamos diretor. Qualquer um que estivesse ou não estivesse em cena poderia dar pitacos, de modo que muitas vezes até membros do Ponto de Fuga que não faziam teatro chegavam a dar sugestões para a peça.

Além dos quadrinhos, tínhamos também uma preocupação em valorizar a mitologia regional, em especial os seus seres da floresta.

Certa vez encenamos uma peça sobre um casal de irmãos que vai para o interior e ouve do avô o relato da história da batalha entre as cobras grandes Norato e Caninana (as cobras eram representadas por sombras em uma cortina).

Curiosamente, a peça foi vetada em um festival de cultura regional. O motivo: usávamos na trilha sonora uma música dos Beatles. Nossa visão de cultura era antropofágica: pegar as mais diversas re-



Eu e Alan Noronha no painel de abertura da I Mostra de quadrinhos. Sim, a pessoa que fotografou quase me tirou da foto

ferências e juntar tudo com a cultura local, mas, para os organizadores do evento, se tinha algo de fora, deixava de ser regional.

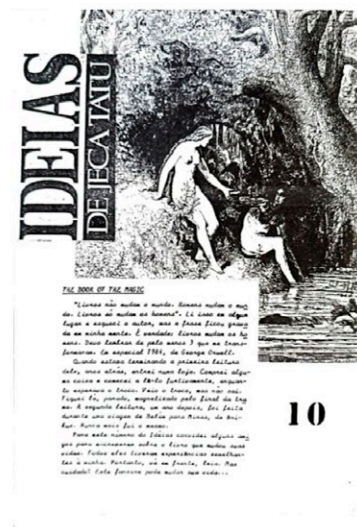
Aceitamos apresentar sem a música dos Beatles, mas reservamos uma surpresa: no meio da apresentação paramos tudo para fazer o manifesto do Pudim. Nós descobrimos que entre as comidas vendidas no festival teria pudim e aproveitamos isso. No manifesto defendíamos que o pudim, como não era local, deveria ser banido. Os expectadores não devem ter entendido nada, mas pelo menos para nós foi divertido. Ah, e sim, nós continuamos usando a música dos Beatles.

Além de um grande amigo e um parceiro para todo tipo de aventura, Alan Noronha também era um grande escritor e roteirista de quadrinhos, tendo produzido roteiros para vários desenhistas do Ponto de Fuga.

Na época havia uma brincadeira entre nós de que a trindade de roteiristas britânicos se repetia em Belém, cada um associado ao seu roteirista predileto. Marcelo Marat, vestido sempre de preto e óculos escuros, mesmo em locais fechados, era o Grant Morrison paraense,

inclusive nas atitudes contestatórias e nas histórias sempre fugindo completamente do convencional. Alan, com suas histórias poéticas, era o Neil Gaiman paraense. E eu, fã incondicional do Alan Moore, era o bardo paraense.

Aliás, algo que pouca gente sabe é que Marat não era o nome verdadeiro do Marcelo. Era uma referência direta e uma contraposição ao meu pseudônimo. Um dia ele me disse: se você é o Danton, eu sou o Marat. O apelido pegou.



*Ideias de Jeca-tatu* foi o primeiro fanzine literário do Pará. Nele eu normalmente publicava uma biografia de um escritor e um conto mimetizando o estilo do mesmo. Para baixar, clique [aqui](#)

Alan e Marat chegaram a produzir um fanzine juntos, o *Lírios no Lixo*. O nome era uma referência à personalidade dos dois, os lírios representando o Alan e o lixo representando o Marat. Um pouco antes eu lancei o *Ideias de Jeca-tatu*. O nome era uma homenagem ao personagem de Monteiro Lobato. O *Ideias* tinha era uma experiência literária da minha parte. Eu publicava a biografia de um escritor, estudava o estilo dele e escrevia o conto mimetizando o estilo daquele autor. Também havia uma coluna, chamada Gládio do Gian na

qual eu falava sobre as novidades e os fanzines recebidos. Era outra experiência literária: os textos eram escritos sempre em aliteração. Um exemplo: “Os amigos amazonenses abraçam, ainda uma vez, a almejada abandação dos artistas alternativos. Abiscoitaram a minha admiração no fluente Franca Zona. Agora dão mais alguns passos ao apogeu no angustiante Gothic. Apocalíptico é um adjetivo aplicável”.

Alan era o eterno companheiro dessas experiências literárias. Era comum fazermos desafios, como, por exemplo, escrever um texto em aliteração cujo primeiro parágrafo, escrito por um de nós, continha palavras começadas com a letra A. O outro, então, continuava com um parágrafo composto por palavras iniciadas com a letra B e assim por diante, até que alguém não desistisse, o que era raro, normalmente íamos até a letra Z.

Outra experiência literária foi a escrita de um livro no qual um escrevia um conto e o outro tinha que continuar focando em um personagem secundário do primeiro conto. E continuávamos assim, sempre desenvolvendo no conto seguinte um personagem menos relevante do conto anterior. Lembro que um dos meus contos era todo focado em um urso de pelúcia perdido por uma menina na história anterior.

Eu e Alan éramos uma verdadeira fornalha de projetos e mais projetos.

Infelizmente, a produção de Alan Noronha se restringiu apenas aos fanzines e hoje em dia é pouco conhecida do público. Mas de fato, era um grande roteirista e escritor e um grande companheiro de aventuras literárias, quadrinísticas e teatrais.

O Ponto de Fuga continuou fazendo eventos, em especial no Dia do Quadrinho Nacional. No ano de 1992, esse evento, que juntava exposição e palestras, aconteceu na Casa da Linguagem e se chamou Quadrinhos no Tucupi, numa referência direta ao ingrediente principal do tacacá. A mostra reuniu o Ponto de Fuga com outro grupo surgido em Belém, o Boca do Mundo e mais cartunistas locais. Foi

# O tucupi sobre os quadrinhos

Mostra traz à tona aquilo que o Pará produz de qualidade

De 10 a 21 de agosto Belém vai ser invadida pelas histórias em quadrinhos. É a Mostra de Quadrinhos e Humor no Tucupi, que vai acontecer no 2º e no 3º andar do Centur e terá debates, vídeos, mini-oficinas e exposições.

Há um bom tempo Belém tem se destacado nas áreas de quadrinhos e cartum com artistas premiados nacionalmente, como Benê Nascimento, Gian Danton e Biratan Porto. Por outro lado, estão surgindo muitos e muitos quadrinistas talentosos que divulgam seus trabalhos através de fanzines, como o Boca no Mundo e o Ponto de Fuga. É para divulgar o trabalho desse pessoal que a

Associação de Quadrinistas e Cartunistas do Pará se uniu à Biblioteca Pública Arthur Viana para realizar a Mostra de Quadrinhos e Humor no Tucupi.

A exposição com trabalho de cartunistas paraenses ocupará o hall do 2º e do 3º an-



dar e ficará aberta ao público de 10 a 21 de agosto, das 8h30 às 19 horas.

O resto da programação irá só até o dia 14.

A mostra de vídeo — que tem o apoio da locadora Cinema 4 — apresentará filmes adaptados dos quadrinhos ou que tenham influência de

sua linguagem. Começa dia 10, com Asterix Entre os Bretões (dir. Pino Van Lamsweerde). Dia 11 tem Darkman (dir. Sam Raimi). Dia 12, Lucky Luke Contra os Daltones (dir. William Hanna e Joseph Barbera). Dia 13, Dick Tracy (dir. Warren Beatty) e dia 14, Akira. Todos serão apresentados em duas sessões, às 10 e 15 horas, na sala de audiovisual do segundo andar do Centur.

O grupo teatral Argonautas estará apresentando performances durante toda a mostra. A primeira delas está marcada para segunda-feira, dia 10, às 19h30.

"Bia! Bia! Bia!" é o nome do ciclo de debates da mostra, que discutirá os rumos dos quadrinhos e do cartum no Brasil e especialmente no Pará. Começa dia 11, com o tema "O Movimento Underground no Brasil" e a participação de Lapa, Branco e Arnaldo Prado Jr. Dia 12 o assunto é "Cartoon, charge e ilustração", com a participação de J. Bosco, Biratan e A. Torres. Dia 13, Gian Danton, Benê Nascimento e Marcelo estarão discutindo "O Mercado Nacional de Quadrinhos". Todos os debates serão às 18 horas, na sala de audiovisual do 2º andar do Centur.

Para quem quiser aprender a fazer quadrinhos ou cartum, Gian Danton e Paulo Emmanuel estarão dando mini-oficinas no hall do 3º andar. A programação é a seguinte: Dia 12, mini-oficina de humor às 9h30 de quadrinhos, às 14h30; dia 13, mini-oficina de quadrinhos às 9h30 e de humor às 14h30; dia 14, mini-oficina de humor às 9h30 e de quadrinhos às 14h30.

O evento Quadrinhos no Tucupi reuniu quadrinistas e cartunistas na Casa da Linguagem

uma tentativa de criar uma Associação de Quadrinistas e Cartunistas aos moldes da que existia em São Paulo, mas se revelou infrutífera.

A partir daí, tornou-se uma tradição o Ponto de Fuga realizar algo no Dia do Quadrinho Nacional. Mesmo depois que saí de Belém, os eventos continuaram acontecendo.

Ainda no ano de 1992, mas em agosto, fizemos a II Mostra de quadrinhos do Ponto de Fuga, um mega evento que agora contava com palestras, debates e exposições. A II Mostra aconteceu no mesmo local da primeira, mas agora ocupava o segundo e o terceiro andar do Centur.

No ano de 1992 o Ponto de Fuga era tão atuante que conseguimos uma sala na Morada da Arte, no centro de Belém. Lá nós montamos uma Gibiteca (a rigor, foi a primeira Gibiteca de Belém). Além das doações dos membros, todos os integrantes do grupo pagavam uma pequena taxa mensal que era usada para comprar aquelas edições que todo mundo queria ter, mas não tinha dinheiro, como graphic novels e minisséries de luxo.

A Gibiteca era um local onde qualquer um podia ir e passar o dia lendo quadrinhos, conversando sobre quadrinhos, fazendo quadrinhos.



Foto na Gibiteca do Ponto de Fuga. As paredes eram pintadas ou ornadas com originais de integrantes do grupo

## O encontro de quadrinheiros de Manaus

Em outubro de 1992 algumas pessoas que faziam ou eram fãs de quadrinhos em Manaus resolveram fazer um evento e me escolheram como convidado especial.

Eu tinha apenas 21 anos, nunca tinha nem mesmo viajado de avião. Imaginem o que foi para mim viajar para outra cidade, de avião, ficar hospedado em hotel chique de Manaus, ser recepcionado como uma celebridade.

O evento tinha patrocínio da Universidade Federal do Amazonas, em uma época em que havia recursos para passagem de avião e até para hotel.



Entre as várias pessoas incríveis que conheci naquela viagem, estava Joaquim Marinho, que algum tempo depois se tornaria secretário de cultura do estado e criaria um festival de cinema ao qual compareciam alguns dos maiores diretores mundiais e um festival de ópera.

Marinho era um cara extremamente culto que colecionava quadrinhos eróticos (foi assim que ele conheceu meu trabalho). Ele me levou à sua casa e fiquei surpreso com a quantidade e variedade de sua coleção. Tinha quadrinhos de todas as partes do mundo, sempre com o enfoque erótico.

Boa parte dessas edições tinha sua origem na Polícia Federal. Na época da ditadura militar, entrar no Brasil com material erótico era quase o mesmo que entrar com drogas. Se o pessoal do aeroporto descobrisse, a apreensão era certa. Tudo isso era enviado para a Polícia Federal, que não sabia o que fazer com os exemplares. Alguém lá conhecia o Joaquim Marinho e sabia que ele colecionava quadrinhos eróticos e acabava fazendo a doação. É muito irônico que a censura da ditadura militar tenha abastecido a maior coleção de quadrinhos eróticos do Brasil.

No evento, Marinho falou sobre Carlos Zéfiro, assunto que ele conhecia bem, afinal em 1983 ele já havia escrito um livro sobre o assunto, *A arte sacana de Carlos Zéfiro*.

Como resultado dessa viagem, eu estabeleci uma relação de enorme carinho com o pessoal de Manaus. Sempre que eu ia a Manaus, dava um jeito de encontrar com os quadrinheiros. Da última vez que visitei a capital amazonense, fui como convidado do Congresso Intercom, que proibiu que eu participasse de algo fora do evento. Ainda assim, os amigos de Manaus organizaram um jantar em uma pizzaria na qual lancei, de maneira informal, alguns dos meus livros.

Até hoje tenho contato com alguns quadrinistas manauaras, com destaque para o incrível Romahs, de quem tive a honra de prefaciar o livro *O menino que morava no poste*



O I Encontro de Quadrinhos de Manaus deu início ao movimento de quadrinhos no Amazonas. Como se vê, quem fez o folder do evento acabou errando meu pseudônimo

## Família Titã

Após o fechamento da Icea e da D'arte, o que nos restou foi a Nova Sampa, que publicava quadrinhos eróticos. Franco de Rosa, o editor, vinha da Grafipar, e tinha a percepção de que quadrinhos eróticos sim, poderiam ser misturados com outros gêneros, incluindo o terror. Para mim isso era um alívio, já que o que eu gostava muito da Grafipar (lembram? Meu primeiro contato com quadrinho nacional – fora *Turma da Mônica* – tinha sido com uma revista da Grafipar). Além disso, Franco de Rosa nos dava total liberdade para fazermos um trabalho autoral, o que também era um alívio.

Minha grande referência na questão do erotismo era um roteirista curitibano chamado Nelson Padrella. Padrella tinha se tornado roteirista para aproveitar a oportunidade, já que a Grafipar ficava em Curitiba, sua cidade natal, mas quando a editora acabou, ele abandonou os quadrinhos, indo para o jornalismo e a literatura, razão pela qual ele é pouco conhecido no meio. Uma pena. Padrella nunca

fazia histórias que fossem simplesmente pornô. Nada de “ah, ah, hu, hu!”. Seus roteiros sempre tinham algo de poético, com uso de todos os tipos de figuras de linguagem. Uma história em específico, *Lembrança*, sobre um rapaz que se lembra de uma tarde chuvosa com uma garota, me marcou profundamente.



*Lembrança*, de Nelson Padrella e Rodval Matias, foi minha principal influência ao escrever quadrinhos eróticos

Eu fiquei impressionado com a forma como Padrella conseguia construir seu texto sem nunca cair na vulgaridade.

Na história, um rapaz está na frente de uma casa. A chuva e o local o fazem lembrar de um encontro com uma garota.

“Chove muito... e a chuva é a mesma daquele dia... era setembro ou outubro, não recordo direito. Ainda o frio do inverno pairava nas tardes e nos jardins de Curitiba. eu encontrei você no portão de sua casa, disse “olá”, com displicência, assim como quem vai embora... você sorriu!”.

Padrella já começa a história com uma figura poética, a chuva, que aparece em outras histórias e representa nostalgia.

O texto era repleto de outros elementos poéticos, como “Ainda o frio pairava nas tardes e nos jardins de Curitiba”; “Saímos da chuva para dentro da sua casa que rescendia a aromas raros... cheiro de cravo e açúcares, algo de baunilha e infância...” ou “Meus olhos procuravam os teus com frequência. Mas foram nossas bocas que se encontraram primeiro”.

A cada vez que eu escrevia uma história erótica, eu lembrava dessa HQ e tentava, nem sempre com sucesso, ser tão poético quanto.

Essas histórias saíam em revistas pornôfs de fundo de banca, do tipo que vem lacrada com plástico. Nessa fase, uma estratégia puramente estética do Bené, a margem negra, tornou-se uma estratégia de marketing. Mesmo com as revistas lacradas, os leitores sabiam que tinha histórias da dupla só pela margem negra, que se destacava nas revistas (aparentemente, Franco de Rosa percebeu que as revistas com a margem negra vendiam mais e pedia para outros desenhistas também usarem o recurso).



A hora do crepúsculo reunia histórias de três séries diferentes, incluindo Phobos, uma adaptação de O nariz, de Gógol

Para além do erótico, Franco de Rosa aproveitou algumas histórias que tínhamos na gaveta e lançou uma edição especial, chamada *A hora do crepúsculo*. Essa revista tinha a última parte da *Zona do Crepúsculo*, a história *Monólogo*, que Zalla não conseguira publicar. Além disso, tinha uma história de uma série chamada *Histórias Bizarras...* e a última parte da *Refrão de Bolero*, uma série que vínhamos publicando nas revistas eróticas. Era, portanto, um mix meio maluco, que juntava em uma edição só, três histórias de três séries diferentes. Apesar disso, acabou agradando muitos leitores. Cheguei encontrar até alguns quadrinistas de diversas regiões do Brasil que me disseram ter ingressado no mundo dos quadrinhos graças a essa publicação.

Mas a história mais célebre da dupla na fase Nova Sampa foi a *Família Titã*. Essa história de 30 páginas surgiu de maneira pouco convencional. Um dia eu estava no estúdio do Bené quando ele recebeu uma ligação.

- Era o Franco de Rosa. – informou ele, após desligar. Ele quer uma história de 30 páginas para uma nova revista.

- Que ótimo! Quanto tempo temos?

- Uma semana.

Era um prazo insano. Fazer roteiro, desenho, balonamento, lettering, tudo em uma semana parecia impossível. Só para termos de comparação, a maioria das revistas da Marvel e da DC, de 22 páginas, são produzidas em um mês.

Mesmo assim aceitamos o desafio. Já começamos ali mesmo a criar a história. Bené queria fazer uma homenagem à Família Marvel.

Fazia tempo que queríamos fazer algo no gênero super-heróis. Chegamos a propor uma história reunindo vários heróis nacionais clássicos, como o *Raio Negro*, mas, pelo que nos disseram, os criadores ficaram horrorizados com nossa versão visceral e transgressora dos heróis, de modo que não autorizaram os usos de seus personagens. Por outro lado, fazer uma versão genérica da Família Marvel parecia plenamente possível.

*Família Titã* é uma história de vingança. A trama gira em torno de três crianças que cresceram em uma favela brasileira e um dia descobrem um disco que lhes dá corpos adultos musculosos e poderes como voo e super-força. Nós decidimos usar nomes romanos para batizarmos os personagens e assim eles se chamaram Tribuno, Centurião e Vésper.

A história começa com o Tribuno aproximando-se para matar Vesper (acima, Vesper está com acento) e sua filha (ela abraça a filha, como se isso pudesse protegê-la). Ele já havia matado antes o Centurião.

Todo o resto é contado em flash back, incluindo a forma como eles ganharam superpoderes e a cisão entre eles. Uma curiosidade é que Franco de Rosa, quando publicou pela primeira vez a história, colocou as páginas em ordem cronológica, evitando assim o flash back.

Eu só fui perceber a razão pela qual essa história é tão cultuada quando estava em um evento de quadrinhos e um rapaz me trouxe uma revistinha para que eu autografasse. Enquanto eu assinava, ele comentou:

- O Tribuno é o melhor vilão do quadrinho nacional.

Fiquei encucado com aquilo e na primeira oportunidade, comentei com o Bené.

- Mas ele realmente é um vilão incrível. – respondeu o compadre.

- Peraí, não. Ele não é o vilão, ele é o herói.

Foi só aí que percebemos que a história tinha dupla interpretação. Para alguns o Tribuno era um herói, para outros era um vilão. Isso acontecia porque, embora o Bené o desenhasse executando as maiores atrocidades, eu com meu texto justificava tudo que ele estava fazendo e, ao mesmo tempo, providenciava a empatia do leitor com ele.

É esse caráter dúbio e polissêmico da obra que faz com que a *Família Titã* seja tão lembrada. Foi também uma HQ de sucesso. A cada vez que alguém me trazia a história para autografar, era uma

edição diferente. Pelas minhas contas, a Nova Sampa republicou a *Família Titã* cinco vezes. Considerando-se que a tiragem média era de 30 mil exemplares, no total, foram vendidos 150 mil exemplares. Era um número maior que a tiragem do Homem-Aranha da Abril, que àquela altura andava pela casa dos 100 mil exemplares.

A *Família Titã* teve também uma consequência.

Mais ou menos nessa época um caçador de talentos veio ao Brasil recrutar desenhistas para trabalhar para os EUA. Ao visitar o estúdio do Franco de Rosa, ele viu a *Família Titã* e ficou impressionado com o talento do Bené. Pouco tempo depois o compadre estava trabalhando para pequenas editoras norte-americanas e depois para a Marvel. Esse fato marcou o fim da parceria, já que o compadre não tinha mais tempo para produzir para editoras nacionais, que pagavam muito, muito menos.

Foi nessa época que eu decidi me mudar para Curitiba. Minha família tinha ido algum tempo antes e já estava instalada na região metropolitana, em São José dos Pinhais.

## Capítulo 5

# Na terra dos pinhões

### A mudança para Curitiba

**E**u fui para Curitiba de ônibus, em maio de 1994, levando tudo que podia em uma enorme caixa de papelão que pesava mais do que eu. Ia ali dentro livros, quadrinhos e minha máquina de escrever Remington.

Quando paramos pela primeira vez no Paraná fiz questão de descer e ver os jornais, que ficavam presos em varais ao lado de uma banca de revistas. Fui andando pelos jornais, até parar na frente da *Folha de Londrina*. Era como se eu pudesse ouvir alguém me dizendo: “Você vai trabalhar nesse jornal”.

*Folha de Londrina* foi um dos últimos jornais que visitei, pois ficava afastado, no Centro Cívico de Curitiba e eu tive dificuldade de descobrir como se chegava lá. Fui com uma pasta debaixo do braço, com todas as matérias que eu tinha publicado nos jornais de Belém.

Tempos depois eu descobri que fui atendido porque o editor ficou curioso com a minha audácia.

Ao ser informado pela secretária que alguém queria falar com ele, o editor retrucou que estava muito ocupado.

- Pergunte da parte de quem.

Poucos minutos depois a secretária voltou.

- Perguntou da parte de quem?

- Sim, ele disse que da parte dele mesmo.



A resposta foi tão ousada e inusitada que ele resolveu conhecer o engraçadinho. Coincidentemente, eles estavam de fato precisando de jornalistas para a filial de Curitiba.

Apesar de ser um jornal de interior, a *Folha de Londrina* era um jornal descolado, principalmente se comparado ao jornal da capital, a *Gazeta do Povo*, até hoje um jornal ultra-conservador. Esse conservadorismo da *Gazeta* se refletia até mesmo na diagramação pesada e nos textos com parágrafos grandes, pesados. Ao contrário, a *Folha de Londrina* era um jornal leve, divertido, com uma diagramação bonita, textos menores, parágrafos curtos. Para melhorar, a *Folha* anunciava na rádio que ouvia, uma rádio rock e seu slogan brincava com o fato de não ser um jornal de Curitiba: “Porque inteligência é capital”.

O editor resolveu fazer um teste comigo e o teste foi exatamente fazer uma matéria sobre um grupo de quadrinistas que estava surgindo em Curitiba e fazendo sua primeira exposição. Era o Núcleo de Quadrinhos de Curitiba.

Eu havia chegado em Curitiba no outono, numa época de temperaturas medianas, por isso não me preocupei em comprar roupas de frio – até porque todo mundo dizia que só faria frio mesmo meses depois. Pouco depois fui para Minas Gerais visitar minha avó e, sem saber, passei todo o inverno lá. Quando voltei, a temperatura estava normalmente amena, nada mais frio do que eu já estava acostumado em Minas.

Entretanto, no dia em que fui fazer a cobertura da exposição o tempo mudou e fez um frio congelante, provavelmente o dia mais frio do ano.

Antonio Eder, tempos depois, me disse que circulou uma piada no Núcleo segundo a qual a *Folha de Londrina* pagava tão mal seus colaboradores que eles não tinham dinheiro nem para comprar agasalhos. Eu não estava usando nem mesmo meia (em Belém, na época, a moda era não usar meia, provavelmente por conta do calor).

Apesar desse imprevisto, o editor elogiou muito o texto e acabei ganhando a vaga. Também foi quando fiz alguns grandes amigos, a exemplo do próprio Antonio Eder.

Foi na *Folha de Londrina* que senti, pela primeira vez, o preconceito por ser do Norte. Já na segunda semana, o editor me passou um release sobre uma exposição a respeito da Revolução Federalista com a recomendação de que eu fizesse uma nota. Eu argumentei com ele que aquilo dava uma matéria.

- Mas não temos um carro para te levar lá. Todos os nossos carros estão ocupados com outras matérias.

- Não é problema. A exposição está acontecendo no Palacete do Ba-rão é caminho para o local em que pego ônibus para voltar para casa.

Diante desse argumento ele concordou, meio desconfiado de que aquilo poderia de fato render uma matéria.



Com dois meses de jornal, eu consegui emplacar a capa do caderno de cultura

No final, o texto ficou tão bom, tão cheio de curiosidades históricas, que o editor em Londrina resolveu colocar como capa do Caderno de Cultura. Hoje é difícil entender a importância de emplacar uma capa de caderno, mas na época isso era um grande feito. Ainda mais pelo fato de estar apenas há duas semanas no jornal e por não trabalhar na sede (a maioria das capas era de matérias da redação de Londrina).

Isso gerou uma onda de ciúmes por parte de algumas pessoas.

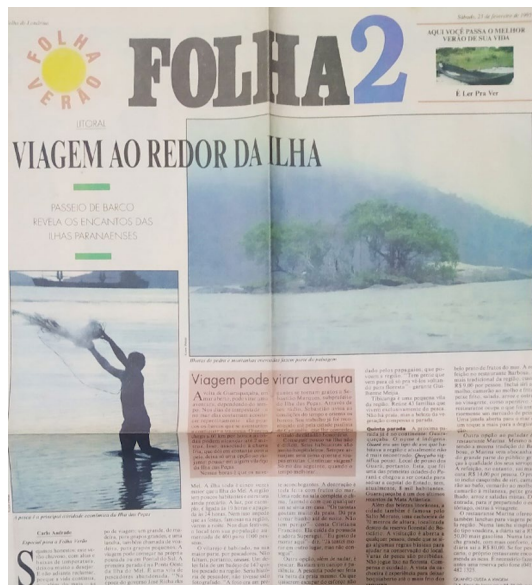
- Esse pessoal vem lá do Norte querer nos ensinar a fazer jornalismo. – comentou alguém, como se fosse uma confidência para um colega, mas alto o bastante para que eu pudesse ouvir.

Qualquer que fosse a opinião de alguns na redação, isso não influenciou a opinião do Lobão, o editor, que percebeu que eu era bom de matérias históricas e começou a me passar todas as pautas desse tipo. Eu também acabei me especializando em matérias de turismo, talvez pela capacidade de descrever paisagens e pelas abordagens inovadoras. Em uma matéria sobre um grupo de admiradores de carros antigos que de tempos em tempos descia a Serra da Graciosa na direção do mar, eu fiz um paralelo com a Corrida Maluca, desenho da Hanna Barbera.

Essa habilidade com matérias turísticas chegou a me colocar em apuros.

Em uma matéria sobre uma viagem ao redor da Ilha do Mel, no litoral do Paraná, fomos pegos por uma tempestade que ameaçava afundar o barco de motor de popa. As ondas eram tão grandes que levantavam o barco.

- Desse jeito vamos afundar. – anunciou o guia turístico que dirigia o barco. Se não encontrarmos uma vila nos próximos minutos, vamos ter que aportar em qualquer lugar e passar a tempestade no meio da floresta.



O que era para ser uma simples matéria turística virou uma aventura perigosa

Felizmente encontramos uma vila de pescadores. Fomos acolhidos por uma família e passamos os três (eu, o guia e o fotógrafo) em um quartinho que mal cabia uma pessoa. Só conseguimos voltar para Curitiba no dia seguinte, quando a tempestade amainou.

Ao mesmo tempo em que eu trabalhava como jornalista na *Folha*, eu também participava das reuniões do Núcleo de Quadrinhos e simpatizava principalmente com Antonio Eder, com o qual eu estabeleceria muitas parcerias.

A primeira parceria aconteceu logo que comecei a frequentar os encontros do Núcleo de Quadrinhos. Antonio tinha criado uma história sobre um garoto com pelos nas mãos (uma referência direta à lenda segundo a qual a masturbação provoca o crescimento de pelagem na palma das mãos), mas não sabia como terminar. Eu sugeri um final e o Antonio gostou. A história fez sucesso nos meios alternativos à época, sendo publicada em diversos fanzines.

Também participei de uma exposição denominada Quadrinhos Sujos.



## O Núcleo estúdio gráfico

Mas a parceria com os artistas curitibanos se estendeu mesmo quando Antonio, José Aguiar e Luciano Lagares montaram uma empresa, a Núcleo – estúdio gráfico.

Na época eu tinha saído da *Folha de Londrina* e começara o mestrado em Comunicação na Universidade Metodista de São Paulo.

O tema do meu mestrado era praticamente uma continuação do meu TCC de graduação. Na época eu fui estimulado por meus professores a fazer o trabalho final sobre quadrinhos, mas não havia no colegiado ninguém que entendesse o mínimo do assunto, então indicaram para ser meu orientador Arnaldo Prado Júnior, que era do departamento de informática (e pró-reitor de administração), que parecia ser o único professor da UFPA que se interessava por quadrinhos. Coincidência das coincidências: eu acabei descobrindo que meu orientador era exatamente o autor daquele texto sobre o Fantasma, que eu tinha lido enquanto encerava o chão de casa.

Quando apresentei meu projeto para o Arnaldo, ele duvidou:

- Watchmen? Baseado na Teoria do Caos? Não vejo relação.

Mesmo assim, aceitou me orientar. Com o tempo, conforme foi lendo o texto, foi se convencendo cada vez mais de que eu estava certo.

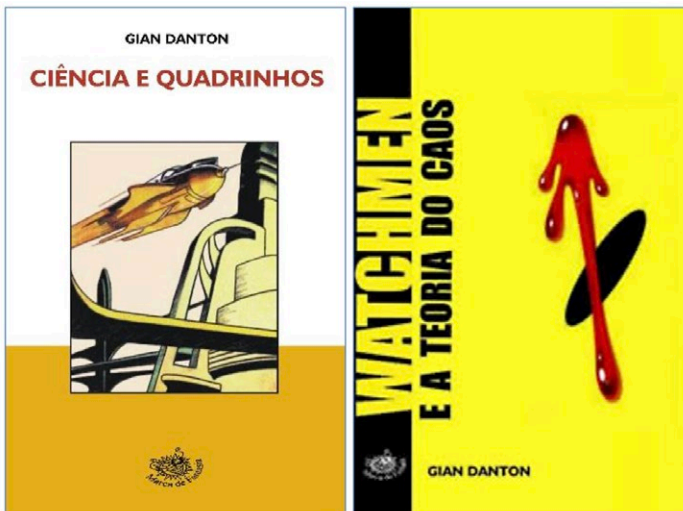
Hoje parece óbvio para todo mundo que Watchmen é baseado na Teoria do Caos, mas na época, parecia uma novidade tão grande que meu TCC chegou a ser até objeto de uma matéria jornalística em um jornal de São Vicente.

Quando fui fazer a entrevista para o mestrado, levei meu TCC e mostrei para a banca. Depois, quando começaram as aulas, meu orientador, o professor Isaac Epstein me chamou e perguntou se eu não queria mudar de tema e fazer meu trabalho sobre quadrinhos (confesso que não lembro qual era o meu tema original). Afinal, trabalhos acadêmicos sobre quadrinhos na época eram raros e sobre divulgação científica nos quadrinhos mais raros ainda.



Meu TCC de graduação foi considerado tão inovador que mereceu até matéria no jornal

Na dissertação, eu mostrei como Alan Moore e Dave Gibbons não só haviam usado os conceitos da Teoria do Caos e da Geometria Fractal para produzir sua obra, como haviam contribuído para divulgar esse novo paradigma científico. O texto daria origem a dois livros, ambos lançados pela Marca de Fantasia: A ciência nos quadrinhos e Watchmen e a teoria do caos.



A minha dissertação de mestrado deu origem a dois livros: *Ciência e quadrinhos e Watchmen e a Teoria do Caos*. Cliquei [aqui](#) para baixar o *Ciência e quadrinhos* e [aqui](#) para baixar o *Watchmen e a teoria do caos*

Enquanto escrevia a dissertação, eu participava ativamente do Núcleo Estúdio Gráfico. Como o Núcleo só funcionava à tarde e à noite, eu passava as manhãs em casa, escrevendo a dissertação em um caderno. De tarde eu ia para o Núcleo (cuja sede ficava bem longe de casa) onde passava a tarde e a noite digitando o que tinha escrito da dissertação e fazendo algum trabalho ocasional que aparecesse, como um texto de um anúncio ou um roteiro.

Chegamos a fazer um desenho animado para a secretaria de saúde de Curitiba que explicava como funcionava o sistema de saúde e dava dicas, por exemplo, de como marcar consultas.

Era meu primeiro roteiro para animação e o primeiro trabalho do Núcleo nesse segmento de modo que acabamos cometendo um erro. Eu acabei escrevendo demais, o que fez com que a animação tivesse alguns minutos a mais, provocando um grande prejuízo financeiro.

O estúdio ficava na casa do Luciano Lagares, mas durante a fase mais aguda de produção do desenho, José Aguiar, Antonio Eder e eu muitas vezes dormíamos lá, pois o pessoal ficava desenhando até tarde e não compensava voltar para casa.

Entre os trabalhos um me marcou por um conflito ético. Era uma história em quadrinhos de quatro páginas para um local chamado Casa do Papai Noel. Logo no começo, antes de apresentar a empresa, eu falava do Papai Noel e dizia que ele percorria o mundo dando presentes. O dono da empresa não gostou. O Papai Noel tinha que vender, não dar presentes. No final, acabou saindo mesmo a versão em que o bom velhinho enchia os bolsos com os presentes.

Outra situação foi uma padaria que queria uma campanha publicitária.

Disseram que tinham dinheiro para anúncios de TV, rádio, outdoor, jornal. O briefing era o seguinte: era uma panificadora de bairro, mas tinha produtos tão bons e variados que muita gente saía do centro só para ir lá. Então, a ideia era promover isso, convencendo



mais e mais pessoas a saírem de seus bairros e ir até do centro para conhecerem a padaria.

Eu boleei uma campanha com o slogan: “O melhor motivo para sair de casa”. Na TV e no rádio, por exemplo, apareciam várias pessoas saindo de casa, alguém reclamando e tudo se resolvia quando a pessoa dizia que ia na panificadora tal. Por exemplo, a mãe reclamava que o filho não parava em casa, mas quando ele informava que ia na panificadora tal, ela não só concordava, como ainda pedia encomendas.

Não gostaram. Na verdade, odiaram tanto que trocaram de agência (esses trabalhos eram na maioria terceirizados de agências). Algum tempo eu passei por um local que tinha um outdoor da tal panificadora. Era uma imagem pintada de um pão com os dizeres: “Pãoquentinho à toda hora”. Fiquei imaginando se o argumento de que não gostaram não era apenas uma desculpa para o fato de que eles não tinham, de fato, dinheiro para uma campanha.

Um dos frutos do Núcleo Estúdio Gráfico foi o livro *Os gatos*. Ele surgiu do contato com a editora Módulo para a qual eram feitas ilustrações e eu cheguei a escrever alguns textos complementares para livros didáticos. A Módulo queria entrar no mercado de livros infantis e nos pediu propostas. Fizemos várias, entre elas uma de um cavaleiro que brincava com figuras geométricas, mas a que acabou sendo escolhida para estrear a coleção foi *Os gatos* com texto meu e desenhos de Antonio Eder, José Aguiar e Luciano Lagares.



O cavaleiro quadrado brincava com formas geométricas

Na história, uma garota (Patrícia) tinha um gato como animal de estimação. Um dia ele desaparecia e ela saía procurando por ele. Na busca, Patrícia acabava se envolvendo em situações que visualmente remetiam a grandes obras da história da arte. Por exemplo, ela encontrava com gatos inventores, que eram representados como se tivessem sido pintados por Leonardo Da Vinci. Ou entrava sem querer numa guerra entre gatos – e a representação era uma versão de Guernica, de Picasso. No final, havia uma relação das obras que haviam servido de base para os desenhos.

É o tipo de trabalho que poderia ser usado para introduzir o tema das artes para crianças pequenas (eu usei esse livro com meus filhos e meu neto com esse objetivo e com grande sucesso).

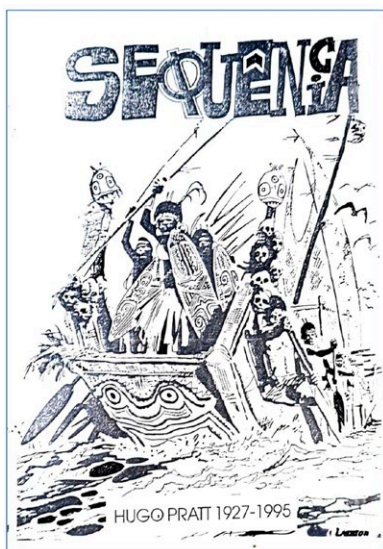


O livro *Os gatos* era repleto de referências a obras famosas da história da arte

Entretanto, o trabalho editorial não foi a contento. Para se ter uma ideia, na hora de escanear as ilustrações, chegaram a deixar um cabelo aparecendo. Também houve pouca divulgação. Isso, junto com problemas de distribuição, fez com que *Os gatos* vendesse pouco e a coleção não fosse em frente. Mesmo assim, foi meu primeiro livro publicado, no ano de 1997.

O momento mais importante do dia no Núcleo estúdio gráfico era o café da tarde. Essa refeição nunca durava menos de uma hora e era o momento em que discutíamos projetos, ideias, histórias. Foi ali que surgiu o Capitão Gralha e Francisco Iwerten. Foi ali que surgiu a base do que seria a *Manticore*.

Também foi durante um desses cafés que eu e o Antonio tivemos a ideia de fazer um fanzine sobre quadrinhos. Fanzines sobre quadrinhos não eram novidade. Havia até mesmo um chamado *Marvel News* que ganhara o prêmio Angelo Agostini, algo que nunca entendi, pois eles apenas traduziam os resumos de lançamento da Marvel e publicavam.



*Sequência* era um fanzine sobre quadrinhos. Até mesmo as HQs publicadas eram metalinguísticas. Para baixar o número 3, clique [aqui](#)

O *Sequência*, no entanto, seria diferente. Tudo seria sobre quadrinhos, incluindo as HQs, que deveriam ser todas metalinguísticas.

A última página era sempre de dicas para desenhistas, com tipos de materiais e recursos. Antonio chegou a fazer um texto sobre os tipos de papéis usados na produção de quadrinhos que incluía pe-

daços de papel colados como exemplo (para se ter ideia de como o processo muitas vezes era artesanal).

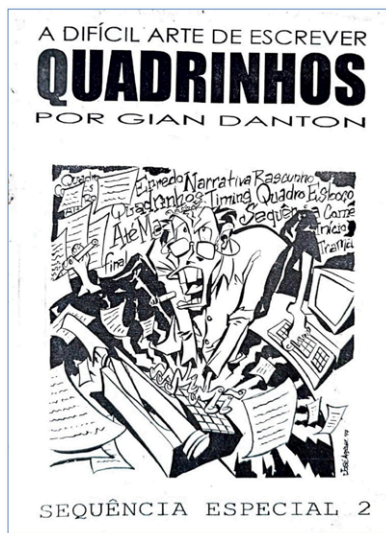
Foi ali que publiquei pela primeira vez uma tradução capenga e condensada de um texto de Alan Moore sobre roteiro. Esse texto havia sido publicado originalmente no *The Comics Journal* e não tenho ideia de como veio parar nas minhas mãos. Recentemente foi publicado com o título de *On writing for comics* pela editora Avatar. Foi a minha primeira tentativa de produzir um texto sobre roteiro.

Posteriormente eu produziria o fanzine *A difícil arte de escrever quadrinhos*. O título vinha de uma percepção. Todo mundo falava muito sobre as dificuldades de desenhar, sobre a habilidade necessária, sobre como era necessário todo um aprendizado para desenhar quadrinhos. Mas o mesmo não se aplicava ao roteiro. A visão geral na época era de que qualquer um poderia escrever quadrinhos. Não era necessário nenhum tipo de habilidade ou estudo. Não por acaso, praticamente todo desenhista de quadrinhos brasileiro já tinha escrito pelo menos uma história desenhada por ele mesmo e publicado (provavelmente como forma de ganhar um pouco a mais pela HQ). Essa visão parecia se expandir aos editores. Se o desenho estivesse bom e o texto não tivesse erros muito grosseiros de português, a história passava pelo crivo e era publicada, independentemente da qualidade da trama, do desenvolvimento dos personagens ou qualquer outro aspecto do roteiro.

Ao batizar meu fanzine de *A difícil arte de escrever quadrinhos*, eu queria chamar atenção para o fato de que sim, essa era uma atividade que demandava habilidades específicas que precisavam ser aprendidas e desenvolvidas.

Escrever sobre roteiro era uma forma de valorizar o trabalho do roteirista, mas também era uma forma de ajudar quem estava começando. Quando comecei a escrever quadrinhos, eu não tinha a menor ideia de como se fazia isso. O único manual que existia sobre

roteiro era um livro do Doc Comparato sobre roteiro para cinema, que eu tentei usar em meus roteiros, com resultados desastrosos, já que quadrinho não é cinema. Um exemplo: em uma história eu utilizei o termo “câmera subjetiva” para me referir a um quadro no qual víamos as imagens do ponto de vista de um personagem. O desenhista não entendeu, desenhou da maneira que achou melhor e, para não dizerem que ele estava fugindo do roteiro, colocou uma câmera de vídeo no chão. Até hoje leitores mais atentos devem se perguntar o que significava aquela câmera jogada no chão em um quadrinho. Seria um gancho para algo? Uma simbologia para algo que ninguém conseguiu perceber? Não, era só uma falha de roteiro.



*A difícil arte de escrever quadrinhos* foi o embrião dos meus livros sobre roteiro. Para baixar o volume, clique [aqui](#)

Quando comecei, eu não sabia nem como se estruturava um roteiro. Só consegui saber como se fazia quando o Bené recebeu um roteiro do Júlio Emílio Brás e me mostrou. Era um roteiro em T, baseado nos roteiros usados na televisão, um modelo que usei durante anos, até perceber que ele limitava as descrições e o texto.

Como não tive nenhuma referência no início de minha trajetória como roteirista, eu queria passar o pouco do que tinha aprendido para que novos roteiristas não precisassem reinventar a roda.

Posteriormente, com o surgimento da internet eu ministraria um curso online do qual saíram várias pessoas que depois viraram roteiristas de quadrinhos. A apostila desse curso deu origem a um e-book lançado pela Virtual Books no ano de 2000. A Virtual Books era um site especializado em livros virtuais, provavelmente o primeiro do Brasil, e disponibilizava seus e-books gratuitamente, em PDF. Essa apostila, renomeada com o título de *Como escrever HQ*, chegou a ser baixada por milhares de pessoas. Certa vez, em uma mesa redonda sobre roteiro na Bienal de Quadrinhos de Curitiba, todas os outros roteiristas que estavam na mesa admitiram que tinham começado a escrever quadrinhos a partir da leitura desse e-book, o que dá a dimensão do alcance do mesmo.



*O roteiro nas histórias em quadrinhos* é um manual, com informações básicas sobre o assunto. Já o *Como escrever quadrinhos* tem um enfoque mais pessoal

Posteriormente, esse texto foi ampliado e transformado no livro *O roteiro nas histórias em quadrinhos*, lançado impresso pela Marca de Fantasia no ano de 2010.

Pouco tempo depois fui convidado para uma convenção de quadrinhos em Belém a *Muiraquicon*. Eu deveria ministrar uma palestra sobre roteiro, que obviamente era baseada em meu livro.

Faltando pouco tempo para a viagem, eles me ligaram:

- Gian, um dos convidados não vai poder vir. Você poderia ministrar mais uma palestra sobre roteiro para cobrir esse vácuo?

- Claro, podem contar comigo.

- Só tem um problema. Muitas pessoas que vão assistir essa segunda palestra talvez assistam a primeira. Poderia dar outro enfoque?

Como o tempo era curto, resolvi fazer uma apresentação baseada na minha própria experiência com roteiro para quadrinhos. Falava de algumas histórias, dos erros cometidos, dos acertos, de como havia contornado dificuldades...

Curiosamente, embora essa segunda palestra fosse um total improviso, muita gente que assistiu as duas gostou mais da segunda.

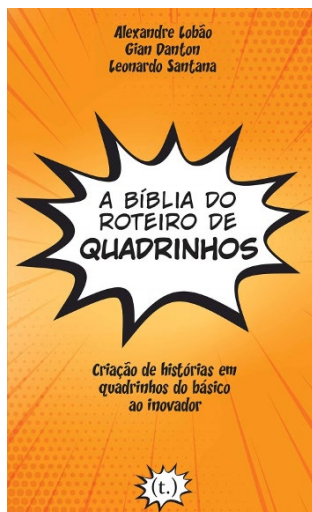
Ao final, uma das pessoas da plateia sugeriu:

- Por que você não escreve um livro com esse enfoque?

Assim nasceu o livro *Como escrever quadrinhos* escrito durante o meu doutorado e lançado pela Marca de Fantasia em 2015. Foi esse o livro que, durante as Jornadas de Quadrinhos da USP causou a saia justa com o meu orientador, Edgar Franco.

Já mais recentemente dois velhos amigos, Alexandre Lobão (que tinha participado daquele curso on-line lá na era das cavernas da internet) e Leonardo Santana, me procuraram com a ideia de um livro sobre roteiro. Discutimos uma proposta e abrimos um arquivo no Google Docs. Cada um ia lendo o que os outros faziam e acrescentando trechos e até capítulos inteiros. Quando percebemos, o arquivo já tinha quase 500 páginas!

Ao debater sobre o título, eu sugeri o único que me parecia adequado. O livro parecia tão completo, discorria sobre tantos assuntos, que só poderia se chamar *A bíblia do roteiro de quadrinhos*.



*A bíblia do roteiro de quadrinhos* é um dos mais completos livros sobre roteiro já lançados no Brasil

## Manticore

A *Manticore* surgiu de um convite de um editor de Curitiba que queria entrar no mercado de quadrinhos. Embora a visão dele fosse humorística e feita às pressas para aproveitar o sucesso do “chupa-cabras”, nós conseguimos convencê-lo a fazer uma história de ficção científica com arte pintada e qualidade de graphic novel.

*Manticore* foi um fenômeno interessante e uma quebra de paradigmas.

Primeiro porque a segunda parte da história era totalmente ambientada em uma Curitiba real, com os personagens passando por locais que os leitores podiam reconhecer. Nos quadrinhos brasileiros sempre houve uma predileção por ambientar as histórias nos EUA, talvez para que os leitores pensassem que se tratavam de histórias



importadas. Mesmo na *Calafrio* era comum encontrar esse tipo de história. Mas na década de 1990 isso se tornou um fenômeno. Parecia que ninguém era brasileiro e ninguém queria fazer uma história que se passasse no Brasil, fenômeno provavelmente provocado pelos desenhistas brasileiros que faziam sucesso na Marvel e na DC, a exemplo do Bené (agora rebatizado de Joe Bennett) e de Deodato Filho (agora Mike Deodato Jr.). Revistas nacionais eram lançadas com quadrinistas assinando em inglês, com histórias que se passavam em Nova York. Nos créditos, a capa era *cover*, o desenho era *drawer* e o roteiro era *plot* (o que é uma péssima tradução, já que *plot* está muito mais para sinopse). A *Família Titã*, embora fosse anterior a esse fenômeno, já era uma quebra, com personagens que viviam em uma favela brasileira. Mas a *Manticore...* a *Manticore* se passava em locais reais e específicos. Mas, ao invés de afastar os leitores, isso criou uma identificação.

Outro aspecto era a arte pintada. Outro fenômeno da década de 1990, este provocado pelo surgimento da Image, era a cor de computador. Fazer cor de computador parecia o máximo e no Brasil usava-se o máximo de texturas possíveis. A *Manticore* quebrava totalmente com isso, mostrando uma arte que havia sido pintada quadro a quadro, página a página.

A revista fez um sucesso relativo quando de seu lançamento, mas passou por um fenômeno interessante: os leitores foram descobrindo ela, inclusive por conta dos prêmios recebidos (eu cheguei a ganhar o Angelo Agostini de melhor roteirista de 1999 por conta da *Manticore*). Provavelmente o boca a boca contribuiu também. Uma pessoa lia, comentava com outra, que lia, comentava com outras.

O resultado disso é que logo as pessoas começaram a acorrer para as lojas de quadrinhos buscando a tal da *Manticore*. Era a oportunidade ideal para pegar o encalhe de banca, encadernar e colocar à venda nas lojas. A loja Comix inclusive chegou a pedir isso ao editor.

Mas acontece que as duas revistas tinham sido lançadas com tamanhos diferentes, o que impossibilitava a encadernação, de modo que se tornou impossível encadernar e aproveitar esse interesse posterior.

Pouco depois do lançamento do primeiro número o editor estava tão empolgado que prometeu transformar a revista em um mix de ficção científica e terror. Era simplesmente um sonho para mim e para o Antonio Eder, que sempre fomos apaixonados pela revista *Kripta*. Chegamos a fazer reuniões, na sede do Núcleo Estúdio Gráfico, com possíveis colaboradores para definir histórias e até séries.



Flagra de uma das reuniões de planejamento do projeto *Manticore*. Enquanto eu falo, Márcio desenha e Líber Paz demonstra uma empolgação contagiante

No final, as vendas em bancas não foram o suficiente para sustentar o sonho de uma revista mix e um dos poucos resultados foi uma adaptação do filme *O gabinete do Dr. Caligari* feita por mim e pelo José Aguiar e publicada no álbum *Quadrinhofolia*. Posteriormente eu

faria o meu TCC de especialização em Artes Visuais analisando o processo de adaptação do filme para a HQ. Esse TCC deu origem ao livro *Caligari: do cinema aos quadrinhos*, lançado pela Marca de Fantasia.

Um efeito totalmente inesperado da *Manticore* aconteceu quando eu precisei abrir uma conta na Caixa Econômica Federal para receber o dinheiro de um acerto de contas depois de ser demitido de uma faculdade.

O gerente estava me explicando que aquela agência era apenas para servidores públicos do estado quando, de repente, espantou-se ao ver meu nome nos documentos.

- Peraí? Ivan Carlo Andrade de Oliveira... acho que já ouvi esse nome em algum lugar. Ei, você não é o Gian Danton?

- Eu mesmo! – respondi, espantado.

- Cara, eu simplesmente adorei a *Manticore*! Você autografa meus exemplares?

E foi assim, graças a um gerente que era fã da *Manticore*, eu consegui abrir a conta no banco.

## Francisco Iwerten e o Capitão Gralha

Francisco Iwerten surgiu em um dos muitos cafés no Núcleo Estúdio Gráfico.

Eu narrei para os outros um conto de Mark Twain intitulado *Vivo ou morto* no qual um grupo de pintores vivia na miséria absoluta até que um deles comenta que pintores só eram valorizados depois de mortos. Daí surgia a ideia de “matar” um deles. O escolhido ficava na cidade, pintando o máximo possível, de quadros completos a esboços, enquanto os outros andavam pelas cidades da França oferecendo seus quadros e anunciando que o pintor estava muito doente e morreria em breve.

Eles chegam a encenar um funeral e até um enterro no qual o “morto” aparecia disfarçado.

Depois da suposta morte, cada um de seus quadros passa a valer uma fortuna e assim todos do grupo ficam ricos.

- É a mesma coisa com os quadrinhos nacionais. Os artistas são valorizados depois que morrem. – comentou Antonio, enquanto abocanhava um pão com queijo e presunto.

- E se matássemos um de nós? – sugeriu José Aguiar.

O escolhido foi o Antonio Eder. Na época ele fazia um sucesso surpreendente no meio alternativo, com vários fanzines publicando e republicando suas histórias.



A primeira aparição do Capitão Gralha, na *Metal Pesado Curitiba*. Meu texto acabou convencendo muita gente de que Iwerten tinha de fato existido e criado o primeiro super-herói brasileiro

Antonio, para decepção geral, se negou a morrer. Mas a história ficou matutando na cabeça do trio.

Algum tempo depois Tako X veio com a ideia de fazermos um super-herói curitibano. A proposta era aproveitar a publicação da revista *Metal Pesado* em homenagem aos 15 anos da Gibiteca de Curitiba para introduzir o personagem com uma história feita a várias mãos.

O personagem acabou se chamando *O Gralha* e até hoje é extremamente popular em Curitiba.

Mas, em um dos cafés no Núcleo Estúdio Gráfico, surgiu a ideia de dizer que o Gralha não era um personagem original. Era um resgate daquela ideia de matar um quadrinista só que nesse caso, seria um quadrinista fictício.

Na época da Universidade eu tinha feito um trabalho sobre a Política de Boa Vizinhança do governo americano, na qual vários artistas visitaram os EUA e vários artistas vieram ao Brasil, a exemplo de Walt Disney e Orson Welles.

- E se disséssemos que esse quadrinista fez uma viagem aos Estados Unidos através da política da boa vizinhança e lá teve acesso aos comics de super-heróis que estavam surgindo? – sugeri.

Minha proposta foi aceita na hora, com um adendo: ele não só teria conhecido os super-heróis no seu surgimento como teria visitado o estúdio de Bob Kane. Hoje em dia, sabendo o que sei sobre Bob Kane, eu teria sugerido outro nome, talvez Will Eisner, mas na época o fato de Bob Kane praticamente não fazer nada e só se apropriar do trabalho dos outros, em especial Bill Finger, era pouco conhecido, de forma que a visita acabou sendo mesmo ao estúdio de Bob Kane.

O visual do personagem Capitão Gralha ficou a cargo de Edson Kohatsu, que introduziu uma curiosa gola polo, dando ao personagem um aspecto único. Esse detalhe surgiu por um equívoco provocado pela falta de informação. Edson procurou na internet uma imagem de super-heróis da Era de Ouro, e viu uma ilustração do Lanterna Verde. Como a resolução era baixa, ele pensou que o personagem usasse uma gola polo. Não usava. Era um prolongamento da capa.

Logo ficou claro que estávamos nos divertindo muito mais com a história fake do personagem pioneiro do que com a história do Gralha. Ficou combinado que eu escreveria uma biografia do criador e José Aguiar, que era mais rápido que Kohatsu, desenharia uma página do que seria a primeira publicação do herói.

Faltava um nome. Antonio Eder passava todos os dias na frente de uma loja de tintas chamada Arno Iwersen. Parecia um bom nome. Bastava trocar o s pelo t e tínhamos o sobrenome: Iwerten. Antonio sugeriu Francisco, que parecia um nome típico de alguém da década de 1940.

Para termos certeza de que não havia ninguém com esse nome, procuramos na lista telefônica.



A escola de samba que iria homenagear Iwerten e o Capitão Gralha já tinha até cartaz

Na *Metal Pesado Curitiba*, publicada em 1997, o *Gralha* foi apresentado como uma releitura-homenagem ao *Capitão Gralha*, o primeiro super-herói brasileiro, criado pelo visionário Francisco Iwerten. Para nós era óbvio que se tratava de uma brincadeira, mas muitas pessoas não enxergaram dessa maneira. Iwerten e o *Capitão Gralha* ganharam destaque em todas as matérias sobre a *Metal Pesado Curitiba*.

Com o tempo, surgiram citações em cronologias dos quadrinhos nacionais, verbetes em livros, artigos acadêmicos que citavam Iwerten. Uma pessoa tentou fazer uma dissertação de mestrado.

Pessoalmente eu dizia a todos que conhecia o que realmente tinha acontecido, mas como não existia um desmentido oficial, a história foi crescendo, especialmente com o surgimento da internet. No meu texto eu dizia que Iwerten tinha visitado o estúdio de Bob Kane, mas logo começaram a dizer que ele havia estagiado no estúdio de Bob Kane. Daí para dizerem que ele havia criado o cinto de utilidades ou até o Robin foi um pulo.

O blog que mais contribuiu para essa lenda urbana foi *Os primeiros super-heróis do mundo* (já volto a ele).

No ano de 2014, uma escola de samba de São Paulo resolveu homenagear o Capitão Gralha e Francisco Iwerten. Isso gerou um debate no grupo de criadores: ou revelávamos a verdade naquele momento, ou nunca mais poderíamos fazê-lo. Afinal, Iwerten e o Capitão Gralha eram conhecidos só no meio quadrinístico. A repercussão do desfile de carnaval faria os personagens irem muito além.

A decisão foi por revelar, oficialmente, a verdade, e ela veio à tona no álbum seguinte do *Gralha*, *Tão banal quanto original*. Também foi revelado para um auditório lotado durante a Gibicon de Curitiba. A plateia literalmente deixou cair o queixo quando soube que Iwerten não existira.

Mas nem todo mundo aceitou essa versão. O blog *Os primeiros super-heróis do mundo* continuava insistindo que Iwerten existira e que o Capitão Gralha era o primeiro super-herói brasileiro. Chegaram a nos acusar de ter invadido a Gibiteca de Curitiba para roubar os únicos exemplares do gibi ainda existentes. Confesso que quanto mais lia, mais me divertia. Eu e meus amigos tínhamos criado um personagem tão verossímil que as pessoas de fato acreditavam piamente na sua existência.

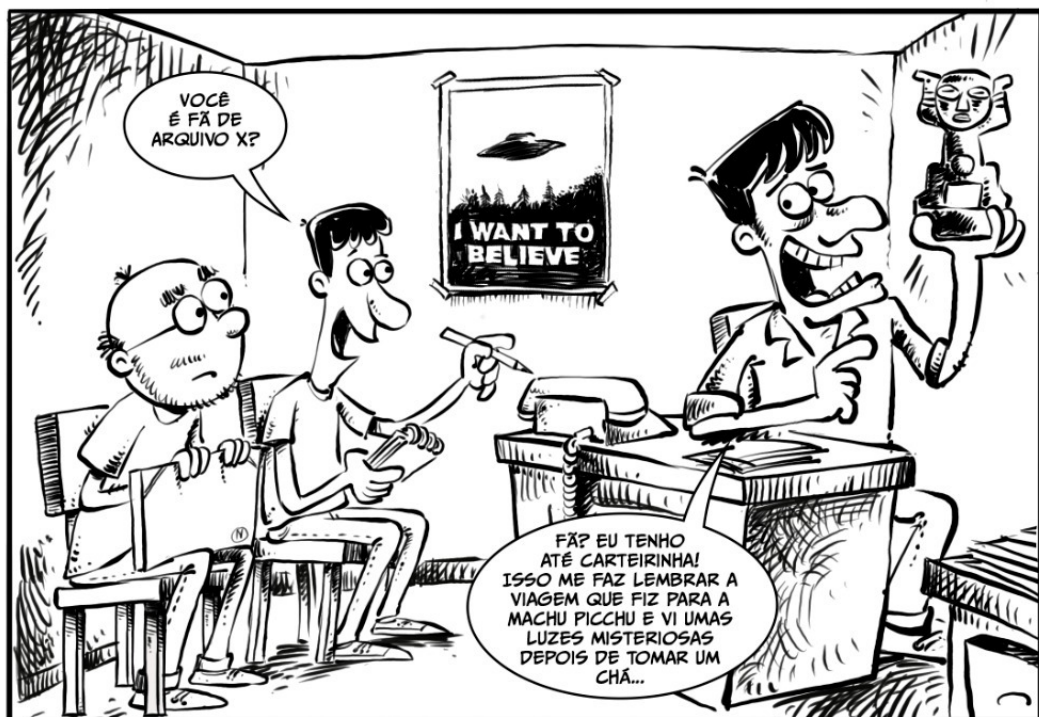
Depois disso ainda lançamos um álbum com histórias perdidas do Capitão Gralha e uma biografia de Iwerten, um livro curioso, do tipo vira-vira: em um lado Iwerten era tratado como uma pessoa real, um criador, e no outro, como personagem.



# A HISTÓRIA QUE NINGUÉM DEVERIA SABER

ROTEIRO: GIAN DANTON ARTE: ANTONIO EDER







O PROCESSO DE PRODUÇÃO DUROU MESES. PARA PINTAR, EM CIMA DO SEU PRÓPRIO TRAGO, ANTONIO CHAMOU O MÁRCIO FREIRE, QUE DORMIA NO NÚCLEO ESTÚDIO GRÁFICO.

ANTONIO PAGAVA PARA ELE UM CACHORRO QUENTE TODA NOITE.



ANTONIO DESCOBRIU O MÁRCIO QUANDO ELE ERA PINTOR DE PAREDES EM MATINHOS, NO LITORAL DO PARANÁ.



COLOCA OVO DE CODORNA TAMBÉM... E FAROFA.



COMO ELE CONSEGUE COMER TUDO ISSO?

SEI LÁ, É UM POÇO SEM FUNDO!



MAS O RESULTADO VALEU A PENA. UM DAQUELES QUADRINHOS DOS QUAIS TODO MUNDO QUE PARTICIPOU SE ORGULHA.

## Capítulo 6

### Na academia

#### Macapá

**M**inha ida para Macapá está relacionada a eventos muito anteriores. Quando eu morava em Belém, eu tinha uma namorada, Beth. Nós havíamos nos conhecido no cursinho pré-vestibular e passamos todo o período da graduação namorando, com algumas idas e voltas.

Pouco depois que me formei, minha família se mudou de Belém. Minha avó foi para o Maranhão, morar com um tio rico (o mesmo que fora responsável pela ida da minha família para Belém) e depois para Minas e minha mãe, meu padrasto e minhas irmãs foram para Curitiba. Aliás, meu padrasto foi antes, pois não conseguia emprego em Belém. Era o finalzinho da época do Collor, início do governo Itamar e a situação estava ruim para todo mundo. A maioria das empresas tinha quebrado devido ao plano econômico de Zélia Cardoso. A fonte de renda da família passou a ser, então, a aposentadoria da minha avó e meu salário do emprego na biblioteca pública.

O último Natal que passaram em Belém, no ano de 1992, representa bem a situação financeira da família. Não havia dinheiro para fazer uma ceia, comprar peru ou algo parecido. Nada fora do que comíamos no dia-a-dia. Assim, para não deixar a data passar batido, eu e minha mãe fomos ao supermercado em busca de algo que estivesse em promoção. Encontramos uma caixa de cereais coloridos, que estava pela metade do preço por estar próxima do prazo de vali-

dade. Arrumamos em uma tapeware junto com alguns amendoins e foi a nossa ceia de Natal daquele ano.

Assim que meu padrasto arranhou emprego, lá se foram a minha mãe e minhas irmãs para Curitiba. Pouco depois foi a vez da minha avó ir para o Maranhão.

Como eu tinha emprego fixo, fiquei em Belém. Depois de morar um mês na casa da minha futura sogra, acabei indo dividir um kitnet com um rapaz que eu conhecera no centro social da Cidade Nova. Creio que o nome dele fosse Álvaro, mas não tenho certeza. Todo mundo chamava ele apenas de Animal. A razão? É que descobriram que ele odiava ser chamado de Animal e ficava tão bravo que o apelido acabou pegando (minha mãe, quando era criança, já havia me dado o conselho: nunca demonstrar irritação com qualquer expressão pejorativa, pois isso era uma deixa para um apelido pegar). Em todo caso, chegou em um ponto que ele se acostumou a ser chamado de Animal.

Como o Animal era muito envolvido com a igreja católica e com o Centro Comunitário, esse foi o período em que me envolvi ainda mais nas atividades do centro. Cheguei a ministrar uma oficina de redação, ajudei a organizar um concurso de música e um campeonato de xadrez. Este último, o prêmio era um tabuleiro de xadrez, mas roubaram o tabuleiro de um dos participantes, de modo que acabamos tendo que usar o prêmio para repor o roubado – felizmente o vencedor era também o que tinha tido sido furtado.

Todo sábado jogávamos vôlei no campinho do centro comunitário. O Alan Noronha chegava a se abalar da casa dele, no Guamá, para participar dessas partidas, nas quais na maioria das vezes ele era a minha dupla. O fato de sermos altos ajudava muito. Chegamos a fazer um campeonato de vôlei.

O nosso kitnet se tornou também um pequeno centro cultural. O pessoal de quadrinhos ia para lá jogar RPG (havia na época um RPG, lançado pela Devir que praticamente permitia que pudéssemos criar

o jogo do zero, da ambientação aos personagens) ou simplesmente festejar com pipoca, brigadeiro e refrigerante. Outras vezes alguém conseguia ingressos para um balneário e lá ia toda a galera, alguns de quadrinhos, outros da turma da Cidade Nova.

Como tinha passado fome na infância, o Animal não gostava de desperdiçar comida. Mas não tínhamos geladeira. Assim, sempre que sobrava algo do almoço, ele dava um jeito de repassar para alguém. Lembro de uma vez que sobrou macarronada e ele foi para o meio da rua oferecer para quem passava. Duas garotas devem ter achado que a comida estava envenenada, ou que ele era louco, pois começaram a correr assim que ele ofereceu. Imaginem a cena: o Animal, lá, correndo atrás delas, balançando um tapeware cheio de macarrão e eu rindo até as lágrimas.

Um dia a Beth veio me dizer que tinha passado em um concurso para professor do governo do estado do Amapá.

- Estou indo para o Amapá. – informou ela.

- Se você vai para o Amapá, eu vou para Curitiba. – retruquei.

Contribuiu para isso também o fato de que eu estava insatisfeito com o trabalho da biblioteca depois de ter sido acusado, injustamente, de ter usado a xerox da instituição para algo pessoal.

O pessoal da Gibiteca e de sessão infantil não conseguia acreditar.

- Você já tem proposta de emprego em Curitiba?

- Não, vou tentar a sorte.

A ida dela para Macapá e minha para Curitiba acabou selando nossa separação. Mas acabamos voltando... por carta!

Um dia a Beth apareceu lá em Curitiba. A ideia não era só conhecer a cidade (que estava em seu auge, pois na época era governada por Jaime Lerner), mas também para engravidar. Ela decidira que ia ser uma produção independente.

Claro que a história de produção independente não durou muito e isso fez surgir um dilema: ela deveria ir para Curitiba, ou eu ir para

Macapá? Como ela era concursada e eu não, parecia mais seguro eu ir para Macapá. Mas eu queria fazer mestrado.

Ela deu a solução:

- Faz o mestrado e depois vem.

## Mestrado

Acabei passando no mestrado da Universidade Metodista de São Paulo, sob orientação do professor Isaac Epstein, uma das pessoas mais inteligentes que já conheci. Epstein tinha sido o introdutor da cibernética no Brasil e chegara a construir um computador com caixas de ovo de codorna. O computador, que ele chamou de Gabriela, só sabia jogar jogo da velha, mas aprendia – chegava um ponto em que só empatava ou ganhava as partidas. Gabriela acabou dando origem a um ótimo artigo sobre como funciona o aprendizado.

Meu tema não tinha nada a ver com quadrinhos, mas Epstein, ao ver o meu TCC, me convenceu a fazer sobre HQs.

Meu TCC tinha analisado como Watchmen era baseada na Teoria do Caos. Hoje em dia isso parece óbvio, mas na época isso parecia uma loucura da minha cabeça.

Epstein sugeriu que eu melhorasse o TCC, analisando como os quadrinhos divulgavam fatos e teorias científicas.

Foi durante o Mestrado que fui pela primeira vez em um congresso científico, o Intercom, em Londrina. Na época existia o GT (Grupo de Trabalho) de Quadrinhos, mas o local onde nos colocaram mostrava o quanto o tema era pouco valorizado: nós ficamos na última sala de um corredor isolado e distante. Só para comparar, o GT de cinema foi colocado em um auditório.

Como já sabíamos disso, combinamos de todos ir com camisas que remetiam aos quadrinhos, preferencialmente ao nosso objeto de pesquisa. Eu estava apresentando um artigo comparando a visão

de ciência expressa em Flash Gordon e Watchmen e não consegui nenhuma camisa sobre isso, mas fui com uma do Homem-Aranha.

A estratégia funcionou. As pessoas que estavam interessadas no GT de quadrinhos, viam as camisas e nos seguiam. Além do tema, uma novidade causou sensação: era a primeira vez que se usava recursos visuais em um GT do Intercom, no caso um retroprojetor. Para se ter ideia, nem mesmo no GT de cinema já tinha aparecido alguém mostrando imagens – a maioria apenas lia seu artigo.

O resultado disso foi uma sala cheia, tão lotada que não conseguíamos andar e apresentávamos no pequeno espaço que havia sido deixado pelas pessoas sentadas no chão. Nessa edição, além de mim, apresentaram pessoas que até hoje são fundamentais para o estudo de quadrinhos no Brasil, como Edgar Franco e Gazy Andraus.

A coordenação do intercom soube da sala lotada e no Intercom seguinte, em Santos, já estávamos em um auditório. Foi nesse Intercom que aconteceu uma das experiências mais estranhas na minha carreira com quadrinhos.

Eu tinha saído do auditório para ir ao banheiro quando alguém me parou no corredor.

- Ei, você não é o Gian Danton?

- Sou eu mesmo. – respondi.

Eu já tinha passado por experiências semelhantes, de gente que me reconhecia em eventos e isso geralmente dava origem a alguns bons papos, com pessoas comentando minhas histórias, perguntando bastidores de criação etc.

Mas aquele rapaz ficou só parado na minha frente, me olhando fixamente e repetindo, com olhos vidrados:

- Você é o Gian Danton... você é o Gian Danton...

Comecei a ficar com medo. “Será que esse cara vai me seguir até o banheiro?”, pensei.

E ele lá, parado, sem tirar os olhos de mim e repetindo:



- Você é o Gian Danton... você é o Gian Danton...

Finalmente perdi a paciência:

- Olha, foi um prazer conhecer você, mas preciso mesmo ir ao banheiro.

Fui andando e olhando para trás para ter certeza de que ele não estava me seguindo. Felizmente, só ficou lá parado e repetindo o mantra.

E olhem que eu era só um roteirista brasileiro quase desconhecido. Depois desse episódio eu entendi porque Alan Moore não participa de convenções.

Minha defesa de mestrado aconteceu em dezembro de 1997. Eu defendi com as malas ao lado. Assim que recebi a aprovação, parti para a rodoviária. De lá fui de ônibus para Goiânia, depois, novo ônibus para Belém e navio para Macapá.

## Lecionando no ensino superior

Cheguei em Macapá em dezembro de 1997, pouco antes do Natal.

No começo do ano seguinte, eu já estava empregado. Uma amiga que trabalhava em um instituto de pesquisa me indicou. A vaga precisava de alguém com mestrado em Comunicação e, além dela, eu era a única pessoa com mestrado em Comunicação do estado quando ela foi embora, eu passei a ser o único. Foi a minha primeira e última experiência com cargo no governo. Quando chegou a época de eleição e fui obrigado a fazer campanha, decidi que ia cair fora.

Consegui emprego em uma faculdade particular. O dono ficou orgulhoso de ter em seu quadro de professores um dos poucos mestres do estado.

Por sorte, também estava abrindo uma outra faculdade, com cursos sequenciais de uma instituição do Rio de Janeiro e havia a pretensão de abrir cursos de graduação na área de Comunicação e me chamaram para ser coordenador e receber a comissão do MEC.

A direção da faculdade tinha comprado um projeto de um “especialista de São Paulo” por uma fortuna: 7 mil reais na época. Em valores corrigidos seria mais de 50 mil reais hoje em dia. Era um projeto tão desatualizado que tinha até a disciplina “Revisão de originais tipográficos” (há pelo menos 20 anos que não se usava mais tipografia no jornalismo). Apesar de todos os meus avisos, eles insistiram no projeto, afinal, tinha sido feito por “um especialista de São Paulo” e tinha custado uma fortuna. Quando chegou a comissão, disseram exatamente tudo que eu tinha dito, mas deram uma chance: se o projeto fosse refeito em três dias, eles aprovavam o curso. Surpreendentemente eu refiz o projeto em três dias e ainda introduzi inovações, como a disciplina Teoria do Jornalismo, que na época era uma novidade.

Depois disso ainda montei os projetos de Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Também coordenei os cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda por mais de um ano.

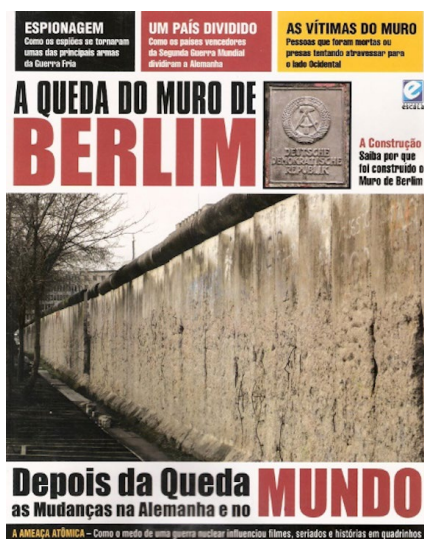
Depois que os cursos já estavam montados e estabelecidos, o diretor da faculdade, que era do Sul, resolveu que eles deveriam ser coordenados por pessoas do Sul ou Sudeste (embora tenha nascido em Minas, eu vivi quase toda a minha vida na Amazônia e, portanto, era visto como um nortista). Assim, ele trouxe professores do Sul-Sudeste, cada um ganhando o dobro do que eu ganhava mais aluguel por um ano, plano de saúde e vale supermercado (benefícios que nenhum professor do Amapá tinha). A maioria só ficava dois ou três anos, tempo o suficiente para adquirir currículo e conseguir emprego em alguma faculdade do Sul-Sudeste.

A gota d’água foi quando a coordenadora de Publicidade e Prpagan-da me proibiu de lecionar no curso, mesmo sob protesto dos alunos.

Eu resolvi pedir demissão. Tinha várias ofertas de trabalho. Eu ministrava Metodologia Científica (uma disciplina obrigatória em todos os cursos de graduação) e Marketing (eu tinha descoberto que

os professores da área de administração em geral não gostam de marketing, visto por eles como algo da área de Comunicação). Também cheguei a fazer consultoria de marketing para o Sebrae.

Foi em uma consultoria para o Sebrae que ocorreu um dos episódios mais inusitados que já vivi. Na época estava se estabelecendo em Macapá uma rede de lojas de materiais de construção. Eram várias lojas pequenas que decidiram se unir, sob a batuta do Sebrae, para, por exemplo, fazerem compras, o que aumentava a quantidade comprada e garantia mais descontos.



Eu escrevi e/ou editei várias revistas e livros para a editora Escala, entre eles esse, sobre a queda do muro de Berlim

Meu trabalho era identificar quais os problemas de marketing das lojas. Como ia precisar visitar todas elas, decidi também aproveitar para fazer uma pesquisa de observação participante.

Eu fui em cada loja, incógnito, como cliente. O objetivo era analisar o atendimento. Levava uma lista de compras incompleta para saber se os vendedores sugeriam os itens que estavam faltando (por

exemplo, na minha lista tinha fio elétrico e tomada, mas não tinha caixinha onde se encaixava a tomada).

É famosa a história, contada em cursos de administração, do homem que entrou na loja para comprar um terno e o vendedor o convenceu a comprar também uma camisa para combinar com um terno, uma gravata e uma meia. Nessa historinha a venda era motivada por razões estéticas e de elegância, mas no caso de materiais de construção, uma boa orientação do vendedor pode evitar várias idas e voltas. Digo isso porque temos um pedreiro que faz serviço para nós há muito tempo e, embora ele seja ótimo, sempre esquecia algo na lista – e quem me salvava era o vendedor.

Para analisar questões de design, como o layout da loja, vitrine, etc., levei uma aluna de Design que estava se destacando no curso (ela posteriormente se tornaria professora).

Uma noite, no intervalo da aula, um aluno pediu para falar comigo.

- Professor, o senhor foi à loja tal hoje?

- Fui sim, por quê?

- Essa loja é da minha família. Mas queria dizer que o senhor pode ficar tranquilo. Não vou contar nada para sua esposa.

Minha esposa era a coordenador pedagógica da faculdade, mas eu não entendi do que ele estava falando. Por que minha esposa não poderia saber que eu tinha ido em determinada loja?

- Como assim? – perguntei.

O aluno parecia constrangido.

- Professor, eu não vou contar nada sobre sua amante.

- Como assim... amante?!?!?

- Ué, o senhor não está construindo uma casa para sua amante?

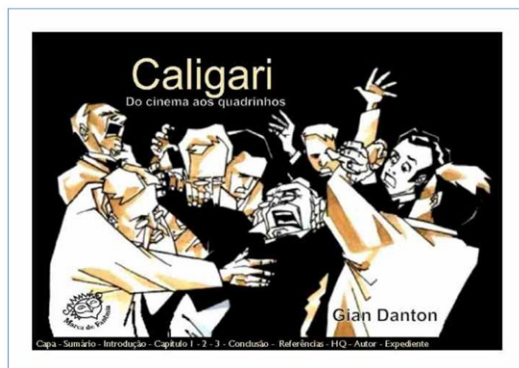
Aí tive que explicar para ele que tudo fazia parte de uma consultoria para o Sebrae.

Apesar de episódios divertidos como esse, chegou em um ponto em que a carga de trabalho se tornou exaustiva. Eu ministrava aulas em

quatro instituições diferentes e ainda ministrava módulos de especialização nos finais de semana. E ainda encontrava tempo para escrever e editar livros e revistas para a editora Escala (eu cheguei a escrever um livro inteiro, com 200 perguntas e respostas sobre nazismo, em um feriado de carnaval). Além disso, como tinha experiência na elaboração de projetos, também prestava consultoria para faculdades na montagem do Projeto Político Pedagógico de novos cursos.

Chega um ponto que o corpo simplesmente não aguentou e isso ocorreu em 2003. Eu peguei uma hepatite A. É uma doença simples, que se pega com comida contaminada (lição aprendida: nunca comer salada fora de casa) e geralmente acaba se curando sozinha em uma ou duas semanas. Mas no meu caso, a situação agravou tanto que, segundo os médicos, eu quase morri. Para se ter uma ideia, os exames usados para detectar hepatite são o TGP e o TGO. A média deles é em torno de 40 ou menos. O meu chegou a 1.500. Depois de voltar a trabalhar e ter uma recaída chegou a 2.500.

A partir daí, eu me demiti de alguns empregos, ficando apenas com os que pagavam mais, e passei a pegar menos cursos de especialização nos finais de semana. Um dos empregos que mantive foi o de coordenador de cursos de pós-graduação do SENAC. Eu tinha entrado como aluno do curso de Artes Visuais. Fui um dos primeiros a defender o TCC, em um trabalho em que analisava o processo criativo da adaptação do filme *O gabinete do Dr. Caligari*, trabalho que eu tinha feito com José Aguiar na época da *Manticore* e que acabou sendo publicado no álbum *Quadrinhofolia*. Uma curiosidade é que depois de formado, virei coordenador e cheguei a ser orientador de alguns colegas de turma, que tinham entrado comigo.



O e-book *Caligari - do cinema aos quadrinhos* analisava o processo de adaptação que eu e José Aguiar realizamos do filme *O gabinete do Dr. Caligari*. Para baixar, clique [aqui](#)

## Unifap

No ano de 2005 prestei meu primeiro concurso para a Universidade Federal do Amapá. Na época o reitor era um entusiasta dos cursos de Comunicação. Assim, foi feito um concurso para Letras, mas a missão de quem passasse era montar o curso de Jornalismo, tanto que a disciplina era Redação Jornalística.

Eu fiquei em segundo lugar, mas me conformei. Na época eu só tinha mestrado e perdera para um doutor, formado pela USP.

Algum tempo depois eu descobri que os diplomas do indivíduo eram falsos. Ele de fato fizera mestrado, mas a banca o reprovou, por plágio na dissertação. Em conluio com o secretário do programa, ele forjou um diploma. Já que tinha falsificado o diploma de mestrado, ele resolveu forjar também o de doutorado: entrou na internet, viu o modelo de diplomas da USP e fez um usando o Photoshop. Como se diz, o que é um peido para quem já está cagado?

A história que eu ouvi é que o reitor da Unifap, em visita à UFPA, resolveu visitar o programa de pós-graduação em Letras e, ao comentar que um egresso era então professor da Unifap, foi informado que ele havia sido reprovado na banca por plágio. Essa dica levou a toda a investigação que descobriria tudo. Antes que o processo se concluísse, o tal professor fugiu e até hoje está desaparecido.

Eu só acabei passando de fato no concurso em 2010 (mesma época em que a Unifap descobriu o caso dos diplomas falsos). Dessa vez, o concurso era para o curso de Jornalismo. Passaram seis professores à época. Finalmente eu estava de volta ao curso de Comunicação e agora como professor de uma Universidade Federal.

## MSP+50

Um dos momentos mais emocionantes da minha carreira foi participar do álbum *MSP+50* (itálico), em homenagem aos 50 anos de carreira de Maurício de Sousa. Lembro até hoje quando recebi a ligação do Sidão com o convite.

- Posso colocar o JJ Marreiro para desenhar a sua história? – perguntou ele.

Eu quase desmaiei de emoção. Eu passara a minha infância lendo *Turma da Mônica*. Além disso, JJ Marreiro é até hoje um grande amigo e um artista que admiro muito. Ou seja: o convite era um duplo presente.

Apesar de tudo, tivemos um contratempo. Como se diz no futebol, a camisa pesou e JJ não conseguia desenhar a história. Parecia muita responsabilidade. Eu escrevi dois roteiros, e nada.

Aí eu me lembrei de uma dica do Alan Moore sobre a relação com os desenhistas. O mago tinha assistido a um espetáculo quando criança no qual um homem tocava um violino e um cavalo dançava. O pequeno Alan ficou impressionado: como o homem adestrara o cavalo para dançar, acompanhando o ritmo do violino? Depois ele descobriu que acontecia exatamente o oposto. O homem simplesmente treinara o cavalo para dar pulinhos – e adaptava a música aos movimentos do animal.

Alan Moore diz que a relação entre desenhista e roteirista é exatamente assim: parece que o desenhista está seguindo o roteirista, quando na verdade, é o roteirista que está adaptando seu roteiro ao desenhista de modo a aproveitar suas potencialidades e qualidades.

## O ASTRONAUTA NA VERSÃO DE GIAN DANTON E JJ MARREIRO



JJ Marreiro se empolgou tanto com nossa história no *MSP+50* que fez vários cards para a internet, como esse

Seguindo o conselho, refiz o roteiro colocando nele tudo que JJ Marreiro gosta de desenhar. Na trama, o Astronauta encontra um mecanismo chamado Máquina do Talvez, que mostra quem ele seria se não fosse o Astronauta. Assim, ele seria um detetive, um cowboy etc. Marreiro gostou tanto que encheu a história de referências a outras obras, incluindo uma nave no formato das naves da série Perry Rhodan.

O pagamento de roteiro de quadrinhos geralmente é muito baixo. Quando colaborei com a *MAD*, por exemplo, ganhava 15 reais por página. No caso das sátiras de filmes, era um trabalho imenso para no final ganhar 60 reais, razão pela qual deixei de colaborar com a revista depois de um ano.

A primeira vez que recebi um pagamento realmente bom por um roteiro foi com o *MSP+50*. Para se ter uma ideia, com cinco páginas de roteiro eu consegui pagar a passagem para São Paulo, para participar do lançamento, e até o hotel.

Essa viagem já começou com uma situação típica de uma comédia de erros.

Eu e o Antonio Eder havíamos chegado cedo, e saímos para percorrer os sebos do centro da cidade. Andamos a manhã inteira, al-



moçamos. Quando voltamos, a moça do hotel me entregou a chave de uma maneira estranha, com um sorriso cúmplice. Comentei com o Antonio e ele achou que era pura impressão. Quando saímos e a moça pegou a chave, de novo o sorriso cúmplice, agora indisfarçável.

- Ué, o que será que está acontecendo? – comentei.

Só viemos a saber mais tarde, quando finalmente encontramos com o JJ Marreiro. Enquanto devorava um bife maior que o prato, ele nos contou a história.

Ele chegara em uma hora em que não estávamos no hotel e, como eu tinha feito a reserva, perguntou por mim.

- Olha, ele tem dois nomes. Não sei qual dos dois está usando. – comentou ele.

Era um mal começo. Imagina a cabeça da recepcionista tentando imaginar por que razão alguém usaria dois nomes.

- Ele deve estar com a esposa dele. – continuou.

Não sei por que, na cabeça do JJ eu tinha viajado com a Beth.



Maurício de Sousa fez questão de autografar cada um dos exemplares dos autores do *MSP+50*

- Olha, localizamos um dos nomes que você nos deu aqui. – informou a recepcionista. Mas ele não está com uma mulher. Ele está dividindo o quarto com um homem.

- Ah, deve ser o filho dele.

A recepcionista balançou a cabeça.

- Olha, o homem que está dividindo o quarto com ele não parece ter idade para ser filho do senhor Ivan.

- Ah, vai ver ele mudou as preferências sexuais dele. – brincou o Marreiro.

Só depois de ouvir toda a história, que eu entendi tudo. A recepcionista chegara à conclusão de que eu e o Antônio éramos dois homens casados que havíamos ido para São Paulo para uma aventura homossexual – e usando nomes falsos. Para confirmar essa tese, de fato, nas proximidades do hotel, havia uma boate LGBTQIAPN+.

A partir daí, toda vez que me dava a chave, a recepcionista dava aquele sorrisinho cúmplice de quem diz: “Eu sei o que está rolando”.

O episódio que gerou algumas boas gargalhadas.



Visitar o estúdio Maurício de Sousa foi como conhecer uma fábrica de sonhos. Na foto, JJ Marreiro (sentado), eu e Antonio Eder

O lançamento ia acontecer na Bienal do Livro. Da mesma forma que meu começo em Curitiba, lá no ano de 1994, eu também estava desprevenido. Eu conhecia São Paulo e nunca passara por um frio de verdade, nada de fato comparado com o que vivera na capital paranaense, assim, não levei muita roupa de frio (até porque não tinha em Macapá – as roupas de inverno ficavam na casa da minha mãe). Para completar o quadro, eu estava com uma unha encravada e tinha ido com uma alpercata de couro. Para meu azar (e do amigo Romahs, que mora em Manaus e também tinha ido no lançamento), uma frente fria estava passando por São Paulo e a temperatura estava próxima de zero grau.

Apesar do frio (e da secura, com a qual eu não me acostumava), foi uma viagem incrível. Maurício de Sousa autografou os exemplares de cada um de nós um a um.

Eu já conheci alguns ídolos e é lamentável quando descobrimos que aquela pessoa que admirávamos não é nada daquilo que pensávamos, sendo alguém arrogante ou simplesmente desagradável.

Maurício de Sousa foi o oposto: muito simpático com todos nós. Apesar de precisar autografar mais de 50 exemplares, ele fez questão de um dedo de prosa com cada um de nós e uma foto.

Uma prova mais concreta da simpatia do Maurício eu tive dois anos depois. Minha filha era ainda mais fã que eu e queria ir no lançamento do *MSP+50*, mas como só tinha 10 anos, minha esposa não deixou. “Quando ela tiver 13 anos, eu deixo”, bateu o martelo.

Aos 13 anos eu e minha filha fizemos a viagem a São Paulo e conhecemos o estúdio MSP. Na primeira visita, na época do lançamento, o Sidão tinha sido nosso cicerone, mas naquele dia ele estava muito ocupado e nos deixou com um estagiário.

- Será que conseguimos falar com o Maurício? – perguntei, quando chegamos ao andar da administração.

Nisso, minha filha já tinha saído correndo do elevador. Eu só ouvi alguém comentando:

- Olha, temos visita no estúdio!

Quando cheguei à sala do Maurício, a Moira estava lá, extasiada, e o criador da Turma da Mônica enchendo ela de presentes. Só aí é que eu o cumprimentei e informei que ela era minha filha.

Essa simpatia do Maurício se reflete na verdadeira adoração das crianças por ele. No dia do lançamento, a sessão de autógrafos aconteceu em uma espécie de aquário. Quando as crianças viram ao Maurício, elas se aglomeraram ao redor. Quando vi, havia centenas de crianças lá fora, ansiosas por encontrar com seu ídolo.

A viagem para São Paulo rendeu também uma visita ao bairro da Liberdade.

Nas conversas, nós descobrimos que eu, JJ Marreiro e Antonio Eder tínhamos, os três, nascido no ano de 1971, com a diferença de poucos meses de um para outro: Antonio em março, eu em abril e o JJ em junho.

Por incrível que pareça, essa pequena diferença se refletia na personalidade. Antonio parecia um velho, resmungando e reclamando de tudo, pra minha diversão. Já JJ parecia uma criança extasiada com tudo, fazendo questão de experimentar tudo que encontrava, incluindo uma luva no formato da mão do Hulk.

Apesar de todas as diferenças, eu tinha certeza de que ambos eram grandes amigos e parceiros criativos.

## Psicopatas

Fazia pouco tempo que eu morava em Macapá e não conhecia ninguém que sequer gostasse de quadrinhos. Foi quando apareceu, no colégio em que minha esposa lecionava, um rapaz divulgando um evento de HQs. Ela falou de mim e passou nosso endereço. Por consciência, ele morava em uma na rua próxima. Durante um ano ele frequentou minha casa até que, pela primeira vez depois de muito

tempo, voltei para Curitiba para visitar minha família – e ele sugeriu ficar cuidando da casa.

Quando voltei, descobri que ele tinha arrombado a porta do meu quarto para pegar a chave do carro. E mais: tinha assumido minha biografia. Dizia a todos que era professor universitário e tanto a casa quanto o carro eram dele.

Nesse período, ali pelo ano 2003, eu assinava a revista *Época* e, enquanto ainda lidava com as consequências do fato (o prejuízo com o carro foi imenso, uma vez que ele não só foi batido várias vezes como ainda colocaram água no motor), chegou uma edição com uma matéria especial sobre psicopatas. Ao ler, assustei-me. Tudo batia. A mentira patológica, mesmo em coisas pequenas e sem importância, a simpatia e o charme superficiais, a grande capacidade de convencimento, a busca por grandes emoções, a falta de empatia...

Eu percebi que durante um ano um psicopata frequentara minha casa e eu fora seduzido por ele a ponto de entregar a minha residência para ele cuidar.

A experiência me marcou profundamente a ponto de, a partir daí, eu começar a colecionar tudo que encontrava sobre psicopatas, desde recortes de jornais e revistas até livros. Também teve uma grande influência sobre minha obra. Psicopatas foram personagens fundamentais principais nos meus três romances.

Quando a *Calafrio* voltou, capitaneada pelo fã e amigo Daniel Sarks, eu propus uma série sobre psicopatas assassinos, que foi prontamente aceita. Na série, conto a história de pessoas que ficaram famosas por seus crimes horrendos. A série, por ser baseada em fatos e ter como base extensa pesquisa, tem características de Jornalismo em Quadrinhos.

A maioria dos assassinos seriais que protagonizam a série é de fora do país, mas com pelo menos um caso eu tive uma proximidade com o assunto. Eu estava na capital de Goiás na época em que o

Maníaco de Goiânia estava agindo. Quando visitava um sebo, o dono me mostrou uma mancha de sangue na calçada.

- Está vendo? Uma moça foi morta ali ontem. Um motoqueiro passou e atirou na cabeça dela.

A situação me marcou tanto que coloquei essa cena como destaque na HQ.



Uma das histórias da série Psicopatas, na Calafrio, era sobre o maníaco de Goiânia. Eu estava na cidade na época em que ele estava agindo

# COMO SER ENGANADO POR UM PSICOPATA

roteiro: gian danton  
arte: antonio eder



ELES SÃO MUITO SOLICITOS E GANHAM SUA CONFIANÇA AOS POUCOS. LOGO VOCE ESTARA DANDO AS CHAVES DA SUA CASA PARA ELES.

QUER QUE EU PAGUE A CONTA DO SEU CARTÃO DE CREDITO?

NÃO HÁ COMO RESISTIR À SUA CAPACIDADE DE CONVENCIMENTO.

EU FUI VÍTIMA DE UM DESSSES PSICOPATAS.

ELE ME PROCUROU DIZENDO QUE ERA QUADRINISTA E FOI CONQUISTANDO A CONFIANÇA...

SOU SEU FÃ E JÁ LI TODAS AS SUAS HISTÓRIAS, INCLUSIVE AQUELA DO CONAN...

MAS EU NUNCA ESCREVI CONAN!

AINDA NÃO! MAS VAI!

ATÉ DAR O BOTE.

JÁ QUE VOCÊS VÃO VIAJAR, PODERIAM ME DEIXAR CUIDANDO DA CASA?

TIAI, CUIDE BEM DA CASA!

PODE DEIXAR!

ONDE ELE DEIXOU A CHAVE DO CARRO?

EU MAL TINHA ENTRADO NO AVIÃO E ELE ESTAVA ARROMBANDO A PORTA DO MEU QUARTO PARA PEGAR A CHAVE DO CARRO.







TEMPO DEPOIS, ELE MONTOU UM EVENTO DE QUADRINHOS NA BIBLIOTECA PUBLICA.



NO FINAL DE TUDO, ELE VENDEU AS REVISTAS, AS GONDOLAS, PEGOU O DINHEIRO DO CURSO E SUMIU COM A MAIORIA DOS GIBIS DA BIBLIOTECA.



FIM?

## Capítulo 7

# Romances

### Galeão

**G**aleão começou a ser escrito pouco depois do episódio com o psicopata e levei anos bolando a história e escrevendo.

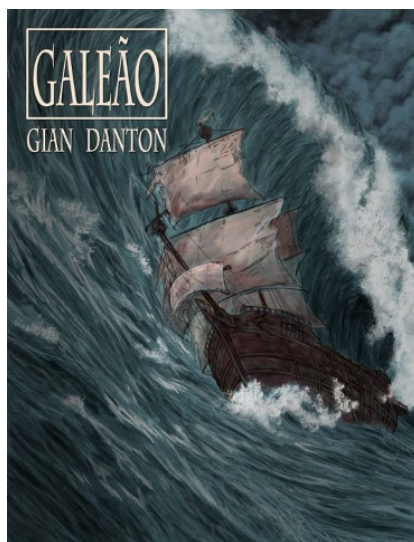
Na trama, um navio está à deriva no oceano Atlântico depois de uma tempestade e vários eventos estranhos começam a acontecer. A influência de *Lost* era óbvia, principalmente no conceito de coisas estranhas acontecendo em um espaço limitado (uma ilha em *Lost* e um navio em *Galeão*).

Havia algo que aconteceu antes do início do livro que provocou todos os fatos estranhos que vemos, mas o leitor só descobre ao ler o último capítulo. Eu gosto particularmente dessa elipse. As elipses são elemento fundamental dos quadrinhos (entre um quadro e outro o quadrinista sempre deixa de mostrar algo, deixando que o leitor complete as ações), mas na literatura só alguns a usam.

Entre as várias coisas estranhas que acontecem no navio está o assassinato de várias pessoas. O responsável, claro, é um psicopata assassino. Flash backs contam a história de cada um dos personagens e o desafio para o leitor é tentar descobrir, a partir das pistas lançadas nos flashbacks, quem é o *serial killer*. Tem sido uma satisfação para mim descobrir que a maioria das pessoas não consegue desvendar o mistério.

Passei anos enviando *Galeão* para diversas editoras, que sempre recusavam com a resposta padrão de que “o original é muito bom, mas a programação de lançamentos para este ano já está fechada”. Um dos editores, de uma editora especializada em ficção científica e fantasia, chegou a escrever, na carta de recusa, que eu estava lendo os autores errados – como se existissem autores certos.

Finalmente eu descobri que uma nova editora, chamada 9Bravos, estava iniciando no mercado e buscava originais de fantasia. Mande *Galeão* e a resposta foi entusiasmada. Tinham adorado. *Galeão* foi lançado em 2013.



A ideia para *Galeão* surge a partir da experiência com o psicopata

## O uivo da górgona

O próximo livro foi *O uivo da górgona*. Ele surgiu de um problema real que eu enfrentava à época: um vizinho que me atormentava com som alto. Não adiantava chamar a polícia, pois assim que eles iam embora ele aumentava. Algo que eu observava é que o som alto,

junto com a bebida, transformava-o em uma espécie de zumbi, alguém incapaz de pensar.

Em uma das bebedeiras ele chegou a sequestrar meu pedreiro. Sérico. Temos um pedreiro, o Bena, que faz serviço para nós há tanto tempo que virou praticamente um membro da família. Foi ele inclusive que empreitou a casa em que moramos atualmente. Pois bem, um dia o tal vizinho viu o Bena na rua, agarrou-o pelo braço (o vizinho era monstruosamente grande e o Bena, franzino) e foi para a frente da minha casa exigir dinheiro (acho que naquela época ele já estava entrando nas drogas).

Só depois de muita negociação – e de muitas ameaças de chamar a polícia, ele acabou soltando o sequestrado.

Quem, em sã consciência, faria algo assim?

O episódio me ajudou a firmar uma desconfiança: os zumbis são uma metáfora social, por isso fazem tanto sucesso. Histórias de zumbis nos falam de pessoas que perdem sua consciência em processos que podem ir de drogas a fanatismo político ou religioso, passando, claro, pelos meios de comunicação. Hoje esse fenômeno é ainda mais patente, com pessoas sendo zumbificadas pelas redes sociais a ponto de acreditarem em tudo que recebem, por mais bizarro e absurdo que seja.

Essa reflexão me fez pensar em escrever um livro sobre zumbis. Mas um livro diferente. Nele, o que transformava as pessoas não eram mordidas, mas um som. Isso inclusive ampliava as possibilidades narrativas, pois não era necessário que houvesse um zumbi por perto para que alguém fosse zumbificado.

Eu testei esse conceito no conto chamado “Estrada para o inferno”, publicado na antologia *Livro do Medo*, da editora Orago, lançada em 2012. Essa antologia prometia reunir “Os mais consagrados e promissores autores do terror” e de fato tinha gente do calibre de R.F. Lucchetti. Eu devia constar entre os promissores.

Boa parte da história se passa em um apartamento, com pessoas abrigadas ali enquanto zumbis percorrem o prédio em busca de vítimas. Quando os monstros saem, um som ecoa e uma das pessoas de dentro do apartamento, que não estava com protetor de ouvido, transforma-se em um zumbi.

O editor, Gabriel Billy, gostou muito, e sugeriu que o tema poderia gerar um romance.

*O uivo da górgona* é, portanto, uma história sobre um som que transforma pessoas em zumbis e acompanha um grupo de sobreviventes, todas pessoas que de alguma forma não gostavam de som alto e usavam protetor de ouvido ou que estavam em locais em que o uivo não chegou.

O título era uma referência a um livro de bolso que eu lera na pré-adolescência e que me marcara profundamente chamado *Os escravos da górgona*.

No livro uma luz surge sobre Londres provocando diversas transformações.

O livro é focado em um casal que passa 128 páginas do livro se livrando de perigos. Primeiro são os homens petrificados, que ganham vida, depois as crianças, que se tornam verdadeiros psicopatas assassinos, e, finalmente, gosmas espaciais que sugam as memórias da pessoa e se transformam nela.

Eu achei esse livro em um sebo em Curitiba depois de adulto e ao relê-lo descobri que é mal escrito, cheio de deus ex machina e com uma mocinha que, no meio do apocalipse, só pensa em se casar.

Mesmo assim, foi um conceito que me marcou profundamente e, por isso, resolvi fazer uma homenagem, intitulando meu livro de *O uivo da górgona*.

O uivo foi escrito com um processo criativo pouco convencional. Eu encontrei um grupo no Facebook de pessoas que gostavam de histórias de terror e comecei a escrever lá, um capítulo a cada dia.

Como eram atualizações diárias, eu estruturei o livro com capítulos curtos, como se fossem tiras diárias, terminando sempre com uma situação de suspense.

O interessante do método é que eu tinha um feedback imediato dos leitores, que me diziam o que gostavam, o que não gostavam. Pelas reações deles eu sabia o que tinha funcionado e o que não tinha funcionado. À certa altura, por exemplo, eu anunciei que um personagem iria morrer e ninguém acertou quem seria, demonstrando que eu tinha feito um bom trabalho ao surpreender o leitor.

E, claro, *O uivo da górgona* tinha também o seu psicopata, um homem que aproveitava todo o caos zumbi para recolher vítimas e esquartejá-las. E, como um bom psicopata, era alguém acima de qualquer suspeita.



*O uivo da górgona* une zumbis e crítica social

No livro eu abordo todos os processos de zumbificação, como as drogas, os meios de comunicação, o fanatismo religioso e político.

Quando o coordenador da rádio da Unifap resolveu abrir uma biblioteca cujos livros poderiam ser emprestados pelos alunos, eu doei um

exemplar do *Uivo*. Algum tempo depois uma aluna me procurou para comentar. Ela tinha lido o livro todo em uma noite e uma madrugada.

- Professor, eu não consegui parar de ler. Queria saber o que ia acontecer.

Esse foi um dos maiores elogios que já recebi a respeito de algo escrito por mim (eu também fico muito orgulhoso quando alguém me diz que passou uma ou mais noites sem dormir por conta das HQs de terror que fiz com o compadre Bené).

*O Uivo da górgona* foi lançado pela 9Bravos no ano de 2016.

## Cabanagem

O *Uivo* tinha sido um projeto tão cansativo devido ao esquema de escrever um capítulo por dia que eu nem pensava em produzir outro livro. Foi quando, em um evento de quadrinhos aqui no Amapá, um amigo chamado Smitinho se acercou de mim e sugeriu:

- Por que você não escreve um livro sobre a Cabanagem no Amapá? Eu ri dele.

- Como assim, Cabanagem no Amapá? A Cabanagem aconteceu em Belém...

- Engano seu. A Cabanagem se alastrou pela Amazônia.

Quando cheguei em casa, fui pesquisar, e descobri, espantando, que os cabanos tinham de fato chegado aqui no Amapá. Na verdade, eles chegaram a tomar a Ilha de Santana, que fica na região metropolitana de Macapá.

Foi surpreendente perceber que eu não sabia quase nada sobre um movimento que tinha acontecido tão próximo. Pesquisando, ia descobrindo mais e mais curiosidades, como o fato da Cabanagem ser a única revolta brasileira da qual participaram veteranos da... Revolução Francesa!



Sei, o leitor deve ter dado um pulo agora, mas é real. Quando chegou ao poder, Napoleão queria se livrar dos revolucionários e os mandou para a Guiana Francesa. Todos conhecem a história de como Dom João VI veio para o Brasil fugindo de Napoleão. O que poucos sabem, no entanto, é que para se vingar, ele mandou tropas sediadas em Belém invadirem a Guiana Francesa.

Chegando lá, os brasileiros e portugueses encontraram pessoas aprisionadas.

- Por que estão presos? – perguntaram.
- Por que somos inimigos de Napoleão.
- Ora, pois, se são inimigos de Napoleão, são nossos amigos.

Assim, a entrada no Brasil foi franqueada para os revolucionários, muitos dos quais seguiram para Belém e influenciaram com suas ideias a população local. Depois, quando a revolta explodiu, muitos deles ainda estavam vivos e participaram vivamente da mesma.

Além disso, veteranos da Cabanagem foram para o Rio Grande do Sul e participaram, inclusive em posição de liderança, da Farroupilha, de modo que essa revolta pode ser considerada uma continuação da Cabanagem da mesma forma que Cabanagem tinha sido uma continuação da Revolução Francesa.

A repressão à Cabanagem foi tão grande que estima-se que mais da metade da população amazônica tenha sido exterminada. Há relatos de soldados que, do rio, atiravam em famílias inteiras nos trapiches das casas, exterminando todos só pela suspeita de que pudessem ter dado abrigo aos revoltosos.

Além disso, até então o povo amazônico não falava português. Exceto pelos europeus, todos falavam a língua geral, o Nheengatu, que foi proibido pelas autoridades quando começou a repressão. Uma pessoa podia ser presa ou morta só por ser vista falando Nheengatu, o que teve um impacto devastador sobre a cultura regional.

Até a Cabanagem, o Norte era praticamente um país à parte, com uma língua própria e uma cultura própria.

Com a repressão ao movimento cabano, o Norte, que até mesmo depois da independência era uma colônia de Portugal (a viagem para Lisboa era mais rápida que a viagem para o Rio de Janeiro), a partir daí, ele se torna uma colônia do Sudeste).

Provavelmente a partir da repressão à revolta é que começa o processo de sufocamento e apagamento da cultura regional. A partir daí, bom era o que vinha do Sudeste.

Era tudo fascinante e eu não sabia nada sobre isso. Provavelmente eu sabia mais sobre a Farroupilha do que sobre a Cabanagem. Pior: quase todas as pessoas com as quais eu conversava aparentavam o mesmo desconhecimento.

Mas sobre o que seria o livro? Eu já tinha um tema, mas faltava uma trama e também parecia faltar algo. O livro só tomou forma mesmo quando resolvi introduzir um psicopata na história. Assim, o livro seria sobre um grupo cabano, liderado pelo Chico Patuá, que está fugindo da repressão, ao mesmo tempo em que são perseguidos por um psicopata assassino, Dom Rodrigo, tirado da prisão e contratado pelas forças de repressão.

O Patuá era uma homenagem ao personagem O homem do Patuá, de Elmano, mas também era uma referência à minha história de vida. Minha avó acreditava piamente no poder de proteção dos patuás e fizera para mim um patuá que usei durante anos. Dentro do saquinho de couro havia uma oração.

- Não deixe ninguém saber que oração é essa, meu filho. O patuá não poderá proteger você de alguém que saiba qual é a oração. – me informava ela.

Mas ainda faltava algo. O livro só se completou quando resolvi colocar a mitologia amazônida, que me era tão próxima a ponto de eu ter vivido situações com os encantados.

Assim, Chico Patuá, que segundo ele mesmo conta, é filho do boto, pede a proteção dos seres da floresta. Só que a mata se divide e parte dela resolve tomar partido dos perseguidores, de modo que a luta entre os humanos acaba se refletindo nos seres sobrenaturais.

*Cabanagem* representava também uma aceitação da minha condição de amazônida. Embora tenha nascido em Minas, eu vivi quase toda a minha vida na Amazônia, mas vivia uma situação dúbia de não saber exatamente qual era o meu lugar. Houve até épocas em que cheguei a pensar em me mudar. Embora *O uivo da górgona* se passasse em Macapá, em nenhum momento eu cito diretamente a cidade.

Escrever *Cabanagem* representou todo o meu amor e admiração pela região Norte, sua história e cultura.

Era também uma tentativa de quebrar com o processo de colonização cultural que resultou da repressão à própria Cabanagem, um processo que muitas vezes redundou na percepção, totalmente equivocada, de que só é bom o que vem de fora, especialmente do Sul-Sudeste.

Há uma historinha sobre isso.

Quando comecei a trabalhar como professor universitário, descobri uma faculdade que oferecia cursos de especialização.

Eu fui lá, mostrei o meu currículo e o diretor ficou muito impressionado.

- Mas há um problema. Nunca contratamos ninguém daqui. Todos os nossos professores vêm de fora, principalmente de São Paulo. Vamos fazer um teste com você em um módulo. Se os alunos gostarem, chamamos para outros módulos.

Fui lá, ministrei o curso e, ao final, fiz a avaliação, perguntando o que tinham achado. Foi quando algumas pessoas, constrangidas, me pediram desculpas. Eu fiquei se entender.

Eles me explicaram que, quando souberam que o professor daquele módulo seria alguém de Macapá, houve um princípio de revolta.

Foram em comissão à diretoria dizer que não aceitavam um professor de Macapá, pois “queriam qualidade”. O diretor chegou a argumentar que embora morasse em Macapá, eu tinha nascido em Minas.

- Não importa. Se está morando em Macapá com certeza deve ser um professor ruim. – responderam.

O diretor, sabiamente, respondeu que assumia o risco. Se no primeiro dia do módulo (que acontecia na sexta à tarde), o professor não estivesse agradando, ele cancelaria e, na semana seguinte, traria um professor de fora para aquela mesma disciplina.

O que os alunos, constrangidos, me disseram é que, para surpresa deles, aquele tinha sido um dos melhores módulos que haviam tido. No geral a minha aula era melhor que a maioria dos professores do Sudeste.

Eu comentei que aquela atitude era um auto-preconceito. Hoje em dia, depois de tudo que estudei para escrever o Cabanagem, reflito que é resultado direto de todo o apagamento cultural promovido pela repressão ao movimento cabano.

Meu objetivo com o livro era exatamente ajudar a quebrar com esse processo e contribuir para a valorização da cultural e da história regional.

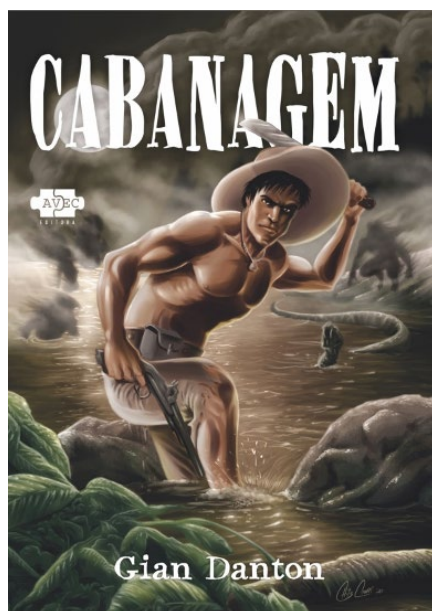
Em junho de 2024, o amigo Romahs, de Manaus, me mandou uma mensagem, parabenizando pela homenagem no Festival de Parintins. Ele estava vendo a apresentação ao vivo e se espantara ao ver uma alegoria sobre Chico Patuá, que incluía até mesmo o vilão Dom Rodrigo sendo apresentada pelo Boi Caprichoso.

Comecei a pesquisar e descobri que a apresentação do Caprichoso era praticamente toda baseada em meu livro. A única diferença real é que no caso deles, Chico Patuá “engendrava” (transformava-se em animal), algo que não aparece no livro, mas pode ser sugerido por um trecho no final.

Eu não podia acreditar: meu livro tinha servido de base para uma apresentação no principal festival folclórico da Região Norte e maior símbolo da cultura amazônica.

Depois de acionar um amigo que mora em Parintins, ele me colocou em contato com a direção do Caprichoso. Eles foram muito solícitos e confirmaram que a apresentação tinha de fato se baseara no meu livro. Segundo eles, durante o festival só é possível creditar o artista realizar da alegoria. Mas meu livro constava na bibliografia como referência para a mesma.

Com isso, Chico Patuá se tornou um personagem popular em toda a Amazônia, transformando-se em uma verdadeira lenda. O que mais um escritor poderia almejar?



*Cabanagem: valorização da cultura nortista*

## Capítulo 8

# Aspas Norte

### Amapá, um estado isolado

**O** Aspas Norte surgiu quando eu conversava com uma garota que tinha feito o TCC sobre quadrinhos no curso de Letras da Unifap.

- Por que você não apresenta nos eventos da Aspas? – sugeri.

A Aspas é Associação dos Pesquisadores em Arte Sequencial, uma instituição que existe desde 2012 e reúne pesquisadores de todo o Brasil, fazendo congressos anuais, alternando entre um evento na sede em Leopoldina e um evento fora.

- Quem me dera. – respondeu ela. Nunca tive condições de sair do Amapá, quanto mais participar de um evento nacional, no Sudeste do Brasil.

Foi quando percebi que, embora exista sim pesquisa sobre quadrinhos no Amapá e na região amazônica, ela é totalmente invisibilizada por uma série de fatores, entre eles o distanciamento geográfico do centro cultural do Brasil.

O Amapá é praticamente uma ilha, o único estado da federação que não é ligado a nenhum outro por via terrestre. Enquanto, por exemplo, um estudante de São Paulo consegue ir em congressos e eventos pegando apenas uma passagem de ônibus em uma viagem de algumas poucas horas, um estudante do Amapá precisa ir até Belém de navio em uma viagem de até 24 horas, caso queira pegar um ônibus para qualquer lugar. Há também a possibilidade de avião,

mas as passagens são caríssimas, ainda mais considerando o nível econômico de nossos alunos.



O Aspas Norte surgiu com o objetivo de visibilizar as pesquisas em quadrinhos e cultura pop da região Norte

O caso do Amapá é extremo, mas não é muito diferente de outros estados da Amazônia. Além do distanciamento geográfico, há todas as dificuldades inerentes à região, incluindo o fato de que as universidades daqui são as que menos recebem recursos. São pouquíssimos os programas de pós-graduação, de modo que quem quer fazer mestrado ou doutorado na maioria das vezes é obrigado a se mudar para outras regiões.

A dificuldade se estende até mesmo aos livros e aos objetos de pesquisa. Enquanto um estudante do Sudeste pode facilmente visitar eventos de quadrinhos nos quais estão disponíveis os mais recentes lançamentos da área, incluindo livros sobre quadrinhos, nossos alunos só têm acesso ao que consta na biblioteca – ou no que é disponibilizado gratuitamente na internet.

Para se ter uma ideia, ao levar meus alunos para uma atividade durante a festa de São Tiago, em Mazagão, uma cidade na região

metropolitana de Macapá, indaguei deles quem já tinha ido em Mazagão. Alguns poucos levantaram as mãos. Se perguntasse quem já tinha saído do estado do Amapá, seriam ainda menos. A maioria é tão desprovida de recursos financeiros que não pode pagar sequer uma passagem para Belém.



*Cultura pop, comunicação e linguagem* foi um dos livros lançados pelo Aspas Norte. Para baixar, clique [aqui](#)

Para a maioria dos estudantes da Unifap e provavelmente da região Norte, São Paulo é tão alienígena quanto Nova York.

As dificuldades financeiras, geográficas e institucionais fazem com que as pesquisas da região sejam invisibilizadas e que se perpetue o colonialismo cultural da região Sudeste com relação ao Norte.

O Aspas Norte surgiu para tentar mudar um pouco essa realidade e tornar visíveis as pesquisas sobre quadrinhos na região. Para isso, contei com a ajuda do professor Rafael Senra, do curso de Letras da Unifap, meu parceiro de primeira hora e igualmente apaixonado.

A primeira edição aconteceu no ano de 2018, na Universidade Federal do Amapá. Para quem visse de fora, talvez nem parecesse um



congresso científico. Além das apresentações de trabalhos, tivemos oficinas e até aulas de arco e flecha.

Para comprovar todas as dificuldades de que falei antes, no segundo dia do evento, aconteceu uma greve de ônibus e a Unifap se tornou um destino impossível para a maioria dos alunos. A solução foi levar o evento para a Biblioteca Pública, que fica na área central e por onde todos os ônibus que ainda circulavam passavam obrigatoriamente.

Desde então enfrentamos todo tipo de contratempos, incluindo a pandemia e o apagão. Aliás, o apagão de 2020 aconteceu exatamente na semana em que deveria acontecer o III Aspás Norte, então na versão digital. Sem energia, água e internet, não havia nem como avisar os inscritos de fora do estado sobre o que estava acontecendo.

A cada edição o Aspás Norte foi se tornando cada vez maior e na última chegamos a ter mais de 30 trabalhos inscritos. Duas pessoas para coordenarem sozinhas um evento dessa magnitude é um trabalho insano, mas sempre vale a pena, especialmente quando, ao final de cada evento, fazemos uma avaliação e ouvimos, comovidos, os depoimentos emocionados de estudantes que estavam participando de um congresso científico pela primeira vez.

Apesar de todas as dificuldades, eu e Rafael Senra já lançamos quatro livros, frutos dos artigos apresentados no Aspás Norte: *A linguagem dos quadrinhos*, *Cultura Pop, comunicação e cultura*, *Jornalismo em quadrinhos: interseções* e *Interfaces midiáticas e quadrinhos*.

## Autismo

Eu nunca tinha pensado em mim como autista, até que meu neto começou a ter algumas crises inexplicáveis. Do nada, ele começava a fazer algo que parecia uma birra, mas não tinha uma razão de ser. Conversando com uma aluna que era voluntária em uma associação de autistas, ela comentou que ele poderia ser autista. Como resulta-

do, comecei a ler e pesquisar sobre autismo – e quanto mais eu lia, mais eu via em mim características de autismo, aliás, muito mais do que no meu neto.

Algumas das minhas lembranças mais antigas já mostravam indícios de autismo. Em uma delas, por exemplo, eu estou viajando com minha avó de trem e não consigo prestar atenção à paisagem porque estou muito incomodado com a roupa de frio. Como tenho muita sensibilidade na pele, o tecido da roupa sempre me incomodou, mas quando a roupa é apertada é quase insuportável. Essa é a razão pela qual sempre usei roupas muito largas, o que inclusive gerou aquelas imagens engraçadas em que estou ao lado do Bené e pareço estar usando a camisa de uma pessoa duas vezes maior.

Também tenho muita sensibilidade a sons. Sons altos não são apenas irritantes. São insuportáveis. Dor de cabeça, irritação, dificuldade de pensar, tontura. Pessoas neurotípicas podem achar que é simplesmente uma frescura, mas para um autista estar em um local com som alto equivale a uma tortura, o que muitas vezes pode até gerar crises equivalentes à epilepsia.

Outra característica que já devia ter levantado um alerta, caso eu já conhecesse sobre autismo é o hiper-foco. Eu sou do tipo que, quando começo a fazer algo, faço só aquilo. Eu ficava impressionado com a minha esposa, que era professora de Inglês e Filosofia e que conseguia preparar aulas das duas disciplinas na mesma manhã. Eu, quando começo a preparar aulas de uma disciplina, chego a passar uma semana ou até mesmo um mês e dificilmente consigo trocar para outra enquanto estou focado em uma.

Tenho um amigo escritor que me disse que muitas vezes, no bar, em um intervalo entre as conversas, pegava um papel, uma caneta e escrevia um conto. Isso seria impossível para mim. Para escrever, preciso estar totalmente focado naquilo.

De vez em quando, o Daniel Sarks, da *Calafrio* me pede um novo roteiro da série Psicopatas. Quando vê, recebeu quatro, cinco roteiros.

- Gian, não precisava de tantos.

Aí eu sou obrigado a explicar que, para mim, escrever quatro roteiros é mais fácil que escrever um, pois demora para eu entrar em foco, mas quando entro, é difícil sair.

Quando estou produzindo um texto maior, como no caso dos meus romances, chego a sonhar com ele – o que demonstra que o hiper-foco se ramifica até para os momentos em que estou dormindo.

O hiper-foco pode se estender até para tarefas práticas. Quando descobri que uma das minhas estantes estava infestada de cupins, resolvi reformá-la. Durante uma semana inteira, todo o tempo livre que eu tinha era dedicado a emassar os buracos, lixar, colar papel de parede etc.

Além dos hiper-focos flutuantes, o autista normalmente tem um hiper-foco fixo. Se você chegou até aqui já deve ter percebido que meu hiper-foco são os quadrinhos.

No processo de investigação, junto à psicóloga, acabei descobrindo também que não sinto saudades. Isso não quer dizer que eu não goste das outras pessoas. No entanto, é incompreensível o sentimento de saudade, de não aguentar sem ficar longe de determinada pessoa.

Conheço um casal que foi para a Inglaterra com o objetivo de passar um ano lá, conseguir dinheiro, voltar e comprar uma casa – voltaram com seis meses devido à saudade dos parentes. Isso é incompreensível para mim.

Eu posso ficar dois, três anos, longe de uma pessoa querida e, ao encontrá-la, é como se tivéssemos nos visto ontem. E posso ficar um longo tempo sozinho sem me incomodar. Na época do doutorado, como eu fazia todas as atividades com muita antecedência, nas últimas semanas todos os amigos estavam muito ocupados e eu cheguei a passar uma semana praticamente sozinho, tirando as interações ocasionais, como a atendente do supermercado.

Difícil de explicar para um neurotípico, da mesma forma que é difícil explicar a razão pela qual não gosto de telefonemas.

Isso também tem a ver com o TDAH (no processo de investigação do autismo acabei descobrindo que também tenho esse transtorno). Eu simplesmente não consigo me concentrar em uma ligação. Quinze minutos depois a minha mente já está viajando. Aliás, isso acontece até mesmo na sala de aula. Minha mãe conta que, quando eu era criança e ela ia conversar com a professora, ouvia sempre a mesma reclamação:

- Ele é muito comportado, mas na maioria das vezes parece que está no mundo da lua.

E estava mesmo. Como não conseguia me concentrar nas aulas, minha mente viajava pelo universo.

Além disso, tenho a tendência a trocar palavras durante uma conversa. Pode ser por uma palavra parecida ou inexistente. Assim, piquenique pode virar piniquique ou piscina. Uma vez, conversando com amigos, queria me referir a “rede de intrigas” e saiu “teia de aranhas”, algo que foi lembrado por eles durante anos.

Isso faz com que eu sempre tenha preferido a comunicação escrita. Em um texto escrito eu posso pensar sobre o que vou escrever, revisar.

Também tenho muita dificuldade para lembrar de nomes. Para se ter uma ideia, eu coordeno um projeto de extensão, o Rádio Pop, que consiste em um programa sobre cultura pop transmitido na rádio universitária. O programa serve de laboratório para os estudantes, que ficam em média um ano dividindo a bancada comigo. Mesmo assim, eu me vi obrigado a colocar os nomes dos mesmos nos roteiros porque muitas vezes esqueço os mesmos, ou troco. Já chamei Anita de Aline.

Com tudo isso, posso parecer anti-social. Embora possa passar horas conversando com um amigo, a verdade é que se eu estiver em um local que eu não conheça ninguém, ou conheça apenas superficialmente, eu simplesmente não falo com ninguém se ninguém falar comigo.

Eu não consigo fazer algo que o antropólogo Desmond Morris chama de “catar piolho”.

Morris era um zoólogo que, à certa altura, percebeu que muitos comportamentos humanos eram semelhantes aos dos primatas, o que o levou a escrever o célebre *O macaco nu*. Ele percebeu, por exemplo, que grupos de macacos têm o ritual de catar piolhos um do outro. É uma forma de socialização do grupo, pois um macaco não consegue catar seus próprios piolhos e depende de outros para isso. Nos rituais, as duplas trocam o tempo todo, o que promove a integração do grupo. Entre os humanos, segundo Morris, há algo semelhante, como quando em festas ou eventos os convidados circulam conversando um pouquinho aqui e um pouquinho ali, de modo que todos acabam conversando com todos. Isso é algo que sou incapaz de fazer – e creio que seja uma limitação dos autistas de forma geral.

Além disso, mesmo que esteja entre amigos, se a conversa envolver mais de três pessoas, eu não consigo acompanhar, fico totalmente perdido.

Claro que o autismo causa prejuízos. Eu, por exemplo, acabei perdendo muitas oportunidades, inclusive dentro da universidade, por “não socializar”.

Parece irônico que, com todas essas limitações eu tenha escolhido justamente a docência, mas isso ocorreu porque aprendi a lidar com essas limitações. O teatro, por exemplo, ajudou muito. Eu aprendi que lá, na sala de aula, eu poderia “atuar” e chego até a parecer desinibido, embora algumas pessoas mais atentas já tenham percebido que em palestras ou aulas eu tenha a tendência a fazer movimentos repetitivos, as chamadas estereotípias motoras. Da mesa formei aprendi a me organizar. Hoje em dia a maioria dos trabalhos são postados no sistema – o que para mim é um alívio, mas na época em que os trabalhos eram entregues impressos, eu tinha uma rotina rigorosa: andava com uma pasta para cada turma e chegando em casa,

trocava para uma pasta maior. Qualquer alteração nesse processo e um trabalho poderia se perder para sempre.

Até mesmo características que jurava não ter, como a ecolalia (a mania de repetir o que a outra pessoa diz), eu acabei descobrindo. Depois de uma das sessões com a psicóloga eu comentava com a minha esposa sobre essa característica e ela:

- Eu odeio quando você faz isso!

Como era algo ocasional, só alguém que convive diariamente comigo percebe que tenho a tendência de repetir a fala ou parte da fala da outra pessoa durante o diálogo.

Embora eu me negasse a perceber isso, acabei descobrindo que também sou muito apegado a rituais e rotinas. Dificilmente você me verá, por exemplo, lendo de manhã. A manhã é reservada para escrever (ou preparar aulas), hábito que adquiri na época do mestrado. Exceto no domingo – domingo é um dia que geralmente passo a manhã lendo.

Durante a investigação, eu percebia que minha avó provavelmente tinha algum nível de autismo (lembra? Ela não saía de casa), mas na época isso não era investigado. Nossa relação inclusive poderia parecer estranha para alguém de fora. Na maioria das vezes só ficávamos um ao lado do outro, cada um lendo um livro, sem precisar conversar, e para nós essa interação já era satisfatória o suficiente.

Se por um lado há muitos prejuízos, o autismo pode ter seu lado positivo. O hiper-foco, por exemplo, é de grande valia para quem está fazendo doutorado. Durante três anos eu não falava de outra coisa que não fosse simulacros, hiper-realidade e como as fronteiras entre o real e o ficcional estão se desvanecendo. No auge do hiper-foco eu chegava a escrever mais de 20 páginas da tese por dia.

O diagnóstico de autismo e TDAH foi um processo de auto-descoberta e de auto-compreensão. E o fato de eu revelar isso publicamente tem ajudado muita gente, inclusive alunos, alguns dos quais

me procuram com suspeita de TEA ou TDAH. Infelizmente, embora hoje em dia já exista toda uma rede de apoio para crianças com TEA, essa rede é praticamente inexistente para adolescentes e adultos. Provavelmente isso é fruto de uma percepção equivocada de que o autismo se cura depois da infância.

## Palavras finais

É meio estranho escrever um texto autobiográfico com apenas 54 primaveras. Mas, como a data pedia (este ano completo 35 anos como roteirista de quadrinhos) e havia o convite do Henrique Magalhães, acabei aceitando.

Henrique, aliás, tinha visto uma postagem minha em redes sociais e comentado que eu tinha muitas histórias para contar. Escrevendo, acabei descobrindo que sim. Havia muitas histórias a serem contadas.

Quando minha esposa corrigia este livro (eu imprimi uma cópia), ela constantemente ria e se divertia. Muitas vezes comentava: “Eu não sabia dessa história!”. Isso me fez acreditar que sim, este livro poderia interessar a alguns leitores.

Durante a escrita, foram surgindo novidades. A homenagem no festival de Paritins, por exemplo, aconteceu quando eu já estava na fase final de revisão.

De certa forma, este livro é uma obra viva. Eu paro aqui, mas as histórias continuam e continuarão até meu último momento neste planeta. É um livro que está se escrevendo e reescrevendo a cada dia.





Essa autobiografia necessária é um testemunho da vida e da obra singulares de Gian Danton, a partir de seu sensível olhar, e reitera que estamos diante de um dos nomes fundamentais da cultura brasileira na contemporaneidade.

Ciberpajé

